



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ (UFPI)
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO (PRPG)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO (PPGCOM)

PPGCOM Programa de Pós-Graduação em Comunicação

CRISTIANE ANDRESSA ARAÚJO CUNHA

**A COBERTURA RADIOJORNALÍSTICA DA PANDEMIA DE COVID-19
POR CINCO RÁDIOS UNIVERSITÁRIAS FEDERAIS NA INTERNET**

TERESINA-PI

2022

CRISTIANE ANDRESSA ARAÚJO CUNHA

**A COBERTURA RADIOJORNALÍSTICA DA PANDEMIA DE COVID-19
POR CINCO RÁDIOS UNIVERSITÁRIAS FEDERAIS NA INTERNET**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí (UFPI) como requisito parcial para a obtenção do título Mestre em Comunicação.

Área de concentração: Processos Comunicacionais

Linha de Pesquisa: Processos e Práticas em Jornalismo

Orientador: Prof. Dr. Paulo Fernando de Carvalho Lopes

TERESINA-PI

2022

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências da Educação
Serviço de Processos Técnicos

C972c Cunha, Cristiane Andressa Araújo
A Cobertura radiojornalística da pandemia de Covid-19
por cinco rádios universitárias federais na internet / Cristiane
Andressa Araújo Cunha. – 2022.
166 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí,
Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação
em Comunicação, Teresina, 2022.

“Orientador: Dr. Paulo Fernando de Carvalho Lopes.”

1. Rádio. 2. Rádio universitária. 3. Radiojornalismo. I. Lopes,
Paulo Fernando de Carvalho. II. Título.

CDD 070.194

Bibliotecário: Hernandes Andrade Silva – CRB-3/936

CRISTIANE ANDRESSA ARAÚJO CUNHA

**A COBERTURA RADIOJORNALÍSTICA DA PANDEMIA DE COVID-19
POR CINCO RÁDIOS UNIVERSITÁRIAS FEDERAIS NA INTERNET**

**Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Comunicação da Universidade
Federal do Piauí, em cumprimento às exigências para
obtenção do título de Mestre em Comunicação**

Paulo Fernando de Carvalho Lopes

PROF. DR. PAULO FERNANDO DE CARVALHO LOPES
Presidente

Luiz Artur Ferraretto

PROF. DR. LUIZ ARTUR FERRARETTO
Examinador

Cristiane Portela de Carvalho

PROFA. DRA. CRISTIANE PORTELA DE CARVALHO
Examinadora

Dedico este trabalho a Deus, à minha família e a todas as pessoas que pelo menos uma vez pensaram em desistir de algo que desejaram muito ou que subestimaram sua inteligência e sua própria capacidade de vencer na vida.

Dedico a mim também, por todas as vezes que achei que não conseguiria chegar até aqui, mas resisti, e olha aonde cheguei!

Em algum lugar, ouvi que a vida é como o precipício: você tem de se jogar e pedir a Deus que não morra quando chegar lá embaixo. Estou aprendendo a lançar-me.

“[...] Nunca me esquecerei desse acontecimento na vida de minhas retinas tão fatigadas. Nunca me esquecerei que no meio do caminho tinha uma pedra. Tinha uma pedra no meio do caminho. No meio do caminho tinha uma pedra [...]

(Carlos Drummond de Andrade)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, meu criador; a Jesus, meu salvador; e à Nossa Senhora de Fátima, por todas as graças alcançadas até aqui; por todas as vezes que clamei e fui ouvida; por todas as vezes que chorei e fui consolada; por todas as vezes que pensei em desistir e uma força sobrenatural me motivou a seguir adiante. Senhor, tu nunca me deixaste só. Obrigada por carregar-me em teus braços quando já não conseguia caminhar sozinha; obrigada por meus planos coincidirem com os teus; por fazer-me ter êxito em tudo o que faço, assim como fizeste com Davi. A ti toda honra e toda glória, agora e para sempre!

Quero agradecer à minha família: ao meu pai, Cristovam; à minha irmã, Isabel; e especialmente, à minha mãe, Fátima, por suas orações e por ser a minha fortaleza. Vocês são as pessoas mais importantes da minha vida. Obrigada por serem a minha base, o meu incentivo, a minha força e o meu abrigo nos momentos de dor e alegria. Sem vocês, nada disso faria sentido.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Paulo Fernando de Carvalho Lopes, pela paciência, pelo cuidado e pelos ensinamentos durante todos esses anos. Gratidão por acreditar em mim quando nem eu mesma acreditei. Obrigada por todos os incentivos, os conselhos, os risos e a parceria durante este tempo como sua orientanda; obrigada por segurar a minha mão e ajudar-me a chegar tão longe; obrigada por fazer parte de minha trajetória, professor. O que seria de Cris sem Paulo? Eu não sei, a certeza que tenho é que das grandes conquistas acadêmicas que vivi durante esse tempo, todas têm o dedo de Paulo Fernando.

Agradeço aos amigos e familiares que sempre torceram e acreditaram em mim. A jornada foi mais leve com a presença de vocês ao meu lado.

À professora Dra. Cristiane Portela, por todas as contribuições a este trabalho.

À professora Dra. Norma Meireles, pelas contribuições a esta pesquisa, e por mais uma vez, estar presente em um momento tão importante para mim.

Ao professor Dr. Luiz Artur Ferraretto, referência do jornalismo, por aceitar o convite para participar da banca de defesa deste trabalho.

Neste momento o sentimento é de gratidão ao lembrar toda a minha trajetória. Quando olho para trás vejo o quanto não foi fácil, mas eu venci! Deus sempre colocou as pessoas certas em minha vida e abriu os caminhos necessários para mais uma conquista, sou eternamente grata por todas as mãos que me sustentaram até aqui. Parafraseando Raul Seixas: “sonho que se sonha só, é só um sonho que se sonha só. Mas sonho que se sonha junto é realidade”.

RESUMO

Esta dissertação discorre sobre a cobertura radiojornalística da pandemia de Covid-19 em programas radiofônicos de cinco emissoras universitárias federais do Brasil, localizadas em diferentes Regiões do País. Considera-se, por oportuno, o protagonismo do rádio no enfrentamento da pandemia, a necessidade de estudos relacionados à atuação jornalística das rádios universitárias na internet e, por último, o papel desempenhado pelas emissoras universitárias, ao contemplarem diversificados gostos e públicos, ao cobrirem, falarem e trazerem conteúdos, assuntos e gêneros não abordados pela mídia hegemônica. Esta investigação estabeleceu-se a partir dos estudos sobre rádios universitárias (DEUS, 2003); rádio na pandemia (ANGRINO, 2020), (FERRARETTO; MORGADO, 2020), (SANCHEZ, 2020); e rádios universitárias na pandemia (PENA, 2021). Como base teórica, parte-se de conceitos de remediação (BOLTER; GRUSIN, 2000); rádio na *web* (FERRARETTO, 2014); radiojornalismo hipermediático (LOPEZ, 2010); gêneros e formatos radiofônicos (BARBOSA FILHO, 2009). Visando a responder ao problema de pesquisa proposto, delineou-se como objetivo geral deste trabalho analisar a cobertura da pandemia de Covid-19 em programas jornalísticos radiofônicos disponibilizados na internet por cinco rádios universitárias federais das principais Regiões do Brasil. Especificamente, pretendeu-se: mapear os programas jornalísticos produzidos por cinco rádios universitárias federais, referentes à cobertura da pandemia de Covid-19, disponíveis na internet; descrever a estrutura dos programas, no tocante ao coronavírus; identificar as características dos recursos da web nas emissoras; categorizar os conteúdos jornalísticos em gênero e formato radiofônico nos programas referentes à Covid-19; e analisar os modelos de cobertura jornalística no primeiro ano da pandemia, realizada pelas rádios universitárias federais. Os observáveis são compostos pela Rádio UNIFAP FM (UNIFAP), que representa a Região Norte; Rádio Paulo Freire AM (UFPE), a Nordeste; Rádio Universitária (UFG), a Centro-Oeste; Rádio UFMG Educativa (UFMG), a Sudeste; e a Rádio FURG FM (FURG), a Região Sul. Esta pesquisa tem caráter quali-quantitativo, natureza exploratória e descritiva, recorrendo à metodologia mista para desenvolver um estudo comparativo com cinco emissoras universitárias federais. Como resultado, destaca-se a confirmação da principal hipótese deste trabalho, segundo a qual a maior parte dos produtos radiofônicos das emissoras universitárias são apenas transpostos para a internet. Portanto, concluiu-se que a cobertura foi realizada por transposição, ou seja, os programas eram, primeiramente, veiculados ao vivo pelas emissoras e, posteriormente, disponibilizados em formato de *podcast* no site e demais plataformas de *streaming*.

Palavras-chave: rádios universitárias; internet; radiojornalismo; pandemia; Covid-19.

ABSTRACT

This dissertation discusses the radio journalistic coverage of the Covid-19 pandemic in radio programs from five federal university radio stations in Brazil, located in different regions of the country. The protagonism of the radio in the fight against the pandemic, the need for studies related to the journalistic performance of university radio stations on the Internet, and, finally, the role played by university radio stations, by contemplating diversified tastes and audiences, by covering, talking about, and bringing contents, subjects, and genres that are not covered by the hegemonic media, are taken into account. This research was established based on studies about university radios (DEUS, 2003); radio in the pandemic (ANGRINO, 2020), (FERRARETTO; MORGADO, 2020), (SANCHEZ, 2020); and university radios in the pandemic (PENA, 2021). As a theoretical basis, it is based on concepts of remediation (BOLTER; GRUSIN, 2000); web radio (FERRARETTO, 2014); hypermedia radiojournalism (LOPEZ, 2010); radio genres and formats (BARBOSA FILHO, 2009). Aiming to answer the proposed research problem, it was outlined as the general objective of this work to analyze the coverage of the Covid-19 pandemic in radio journalistic programs available on the Internet by five federal university radios from the main regions of Brazil. Specifically, it was intended to: map the journalistic programs produced by five federal university radio stations, concerning the coverage of the Covid-19 pandemic, available on the Internet; describe the structure of the programs, regarding the coronavirus; identify the characteristics of the web resources in the stations; categorize the journalistic content in genre and radio format in the programs regarding Covid-19; and analyze the models of journalistic coverage in the first year of the pandemic, carried out by the federal university radio stations. The observables are composed of Radio UNIFAP FM (UNIFAP), representing the Northern Region; Radio Paulo Freire AM (UFPE), the Northeastern Region; Radio Universitária (UFG), the Midwestern Region; Radio UFMG Educativa (UFMG), the Southeastern Region; and Radio FURG FM (FURG), the Southern Region. This research has a quali-quantitative character, exploratory and descriptive nature, resorting to mixed methodology to develop a comparative study with five federal university broadcasters. As a result, we highlight the confirmation of the main hypothesis of this work, according to which most of the radio products from university broadcasters are only transposed to the internet. Therefore, it was concluded that the coverage was carried out by transposition, i.e., the programs were first broadcast live by the stations and, later, made available in podcast format on the website and other streaming platforms.

Keywords: university radio; internet; radio journalism; pandemic; Covid-19.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Mapa das rádios universitárias federais no Brasil, por região.....	49
Figura 2 -	Página inicial do site da Rádio Universitária 96,9 FM.....	65
Figura 3 -	Aplicativo móvel da Rádio UNIFAP.....	66
Figura 4 -	Site da Rádio Paulo Freire AM (UFPE).....	68
Figura 5 -	Site da Rádio Universitária AM (UFG).....	71
Figura 6 -	Aba da UFMG Educativa no site UFMG.....	73
Figura 7 -	Aba da FURG FM no site da FURG.....	75

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1 - Consumo radiofônico na pandemia.....	20
--	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Programas jornalísticos com temas sobre a Covid-19.....	55
Tabela 2 - Cronograma de coleta de dados das emissoras universitárias.....	56
Tabela 3 - Semana mista de maio.....	57
Tabela 4 - Semana mista de junho.....	57
Tabela 5 - Semana mista de julho.....	57

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Características gerais dos programas.....	58
Quadro 2 -	Características da web aplicadas aos programas.....	58
Quadro 3 -	Gêneros e formatos radiofônicos nos programas.....	59
Quadro 4 -	Principais temas abordados nos programas.....	59
Quadro 5 -	Linguagem do rádio hipermidiático nos programas.....	60
Quadro 6 -	Linguagem radiojornalística para tempos de pandemia.....	63
Quadro 7 -	Características gerais do <i>Universidade informa</i>	77
Quadro 8 -	Características da web aplicadas ao <i>Universidade informa</i>	78
Quadro 9 -	Gêneros e formatos radiofônicos no <i>Universidade informa</i>	80
Quadro 10 -	Principiais temas abordados no <i>Universidade informa</i>	81
Quadro 11 -	Linguagem do rádio hipermidiático no <i>Universidade informa</i>	82
Quadro 12 -	Linguagem radiojornalística para tempos de pandemia no <i>Universidade informa</i>	83
Quadro 13 -	Características gerais do <i>FM Café</i>	85
Quadro 14 -	Características da web aplicadas ao <i>FM Café</i>	86
Quadro 15 -	Gêneros e formatos radiofônicos no <i>FM Café</i>	87
Quadro 16 -	Principiais temas abordados no <i>FM Café</i>	88
Quadro 17 -	Linguagem do rádio hipermidiático no <i>FM Café</i>	89
Quadro 18 -	Linguagem radiojornalística para tempos de pandemia no <i>FM Café</i>	90
Quadro 19 -	Características gerais do <i>UNIFAP no ar</i>	92
Quadro 20 -	Características da web aplicadas <i>UNIFAP no ar</i>	93
Quadro 21 -	Gêneros e formatos radiofônicos no <i>UNIFAP no ar</i>	94
Quadro 22 -	Principiais temas abordados no <i>UNIFAP no ar</i>	95
Quadro 23 -	Linguagem do rádio hipermidiático no <i>UNIFAP no ar</i>	96
Quadro 24 -	Linguagem radiojornalística para tempos de pandemia no <i>UNIFAP no ar</i>	97
Quadro 25 -	Características gerais do <i>Outra estação</i>	99
Quadro 26 -	Características da web aplicadas ao <i>Outra estação</i>	99
Quadro 27 -	Gêneros e formatos radiofônicos no <i>Outra estação</i>	101
Quadro 28 -	Principiais temas abordados no <i>Outra estação</i>	101
Quadro 29 -	Linguagem do rádio hipermidiático no <i>Outra estação</i>	102

Quadro 30 -	Linguagem radiojornalística para tempos de pandemia no <i>Outra estação</i>	104
Quadro 31 -	Características gerais do <i>Fora da curva</i>	107
Quadro 32 -	Características da web aplicadas ao <i>Fora da curva</i>	108
Quadro 33 -	Gêneros e formatos radiofônicos no <i>Fora da curva</i>	109
Quadro 34 -	Principais temas abordados no <i>Fora da curva</i>	109
Quadro 35 -	Linguagem do rádio hipermidiático no <i>Fora da curva</i>	110
Quadro 36 -	Linguagem radiojornalística para tempos de pandemia no <i>Fora da curva</i>	112
Quadro 37 -	Características gerais dos programas.....	115
Quadro 38 -	Características da <i>web</i> aplicadas aos programas.....	119
Quadro 39 -	Gêneros e formatos radiofônicos nos programas.....	123
Quadro 40 -	Principais temas abordados nos programas.....	125
Quadro 41 -	Linguagem do rádio hipermidiático nos programas.....	126
Quadro 42 -	Linguagem radiojornalística para tempos de pandemia.....	128

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	O RÁDIO EM TEMPOS DE PANDEMIA.....	19
2.1	Rádios Universitárias: definições e características.....	22
2.2	Rádios Universitárias na pandemia.....	29
3	RÁDIO E INTERNET.....	32
3.1	Características do rádio na internet.....	35
3.2	Rádio na ambiência digital.....	40
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	46
4.1	Características da pesquisa.....	46
4.1.1	O estudo quali-quantitativo.....	47
4.1.2	O estudo comparativo.....	48
4.2	Definição dos observáveis.....	49
4.3	Coleta de dados e categorias de análise.....	55
4.4	Descrição dos observáveis.....	64
4.4.1	Rádio Universitária (UNIFAP).....	64
4.4.2	Rádio Paulo Freire AM (UFPE).....	67
4.4.3	Rádio Universitária (UFG).....	69
4.4.4	Rádio UFMG Educativa (UFMG).....	72
4.4.5	Rádio FURG FM (FURG).....	74
5	A COBERTURA RADIOJORNALÍSTICA DA PANDEMIA DE COVID-19 PELAS RÁDIOS UNIVERSITÁRIAS FEDERAIS NA INTERNET.....	77
5.1	Programa Universidade informa.....	77
5.2	Programa FM Café.....	85
5.3	Programa UNIFAP no ar.....	92
5.4	Programa Outra estação.....	98
5.5	Programa Fora da curva.....	106
5.6	Estudo comparativo dos modelos de coberturas jornalísticas.....	114
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	134
	REFERÊNCIAS.....	140
	APÊNDICES.....	145
	ANEXOS.....	163

1 INTRODUÇÃO

O rádio não está morto. Muito pelo contrário: está mais vivo que nunca, e a sua história é a prova de sua importância como veículo de comunicação – desde quando era apenas um experimento militar, informando a precisão de tiros, até a sua atuação quando outros meios de comunicação não “chegam” a determinados locais ou ficam impossibilitados de funcionar.

A partir de seu surgimento até atualidade, o rádio tem-se sobressaído com maestria em relação aos desafios impostos a ele ao longo dos anos – seja a chegada da televisão ou o advento da internet, que provocou especulações acerca do fim do rádio diante das novas tecnologias. Contudo, o veículo radiofônico tem logrado êxito em sua integração a cada nova realidade que emerge.

Aliás, o último obstáculo enfrentado foi a pandemia, que promoveu uma reconfiguração na vida em sociedade, sobretudo nos modos de comunicar, transmitir e receber informações. Em virtude disso, os meios de comunicação e as práticas jornalísticas tiveram de adequar-se ao novo cenário, a fim de manter o público informado sobre os acontecimentos locais, regionais, nacionais e internacionais.

Nesse sentido, apesar dos desafios criados pelo ambiente pandêmico, o rádio tem-se constituído como protagonista na transmissão de informações referentes à Covid-19. Ao observar o consumo radiofônico durante a pandemia, nota-se que as pessoas seguem ouvindo na mesma intensidade, enquanto para alguns, essa frequência aumentou. Em pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE), 75% dos entrevistados afirmaram ouvir rádio com a mesma intensidade, e 17% disseram que após o isolamento social, passaram a ouvir muito mais (IBOPE, 2020).

No ano seguinte, em 2021, esses números aumentaram, e o consumo de rádio continuou em disparada. Em levantamento feito pelo IBOPE em 13 cidades metropolitanas do Brasil, as emissoras radiofônicas são ouvidas por 80% da população. Segundo os resultados encontrados, três a cada cinco ouvintes escutam rádio todos os dias, e a escuta radiofônica por espectador chega a 4h26 diariamente, com destaque para os adultos com mais de 20 anos pertencentes às classes A e B (IBOPE, 2021).

Desse modo, diante do protagonismo do rádio na cobertura e no combate à pandemia, concebe-se a necessidade de mostrar a contribuição das rádios públicas e educativas, como as universitárias, no enfrentamento à Covid-19, por entender que essas emissoras oferecem à

sociedade a oportunidade de pensar sobre a pandemia a partir de perspectivas que são deixadas de lado ou não são abordadas pelos meios de comunicação comerciais.

Uma vez que o papel dessas emissoras assume um caráter essencial para os indivíduos, porquanto abordam temas com enfoque no coronavírus, a partir de diferentes perspectivas jornalísticas, sociais, educacionais, culturais, científicas e econômicas, promovem reflexões e levam esclarecimento, diversidade de informações e conteúdos capazes de instruir, informar e conscientizar a população.

Nesse sentido, considera-se a possibilidade de um novo campo estudo, dado o cenário pandêmico atual, somado à contribuição do rádio no combate à pandemia, e entendendo que a internet permite ao rádio romper as barreiras impostas pelos sinais das ondas sonoras, por adquirir um caráter global, permitindo que seu conteúdo seja acessado em qualquer parte do planeta, a qualquer momento, por qualquer indivíduo. Em face dessa realidade, procura-se analisar como foi realizada a cobertura radiojornalística da pandemia pelas emissoras universitárias federais na internet (BUFARAH JUNIOR, 2003).

Por oportuno, assimila-se que além do desafio de enfrentamento da pandemia, essas emissoras enfrentam limitações tecnológicas, financeiras, de recursos humanos, além de seu percurso histórico no Brasil, os quais são fatores que podem refletir em seus modelos e práticas, influenciando, inclusive, em sua efetiva integração ao ambiente digital.

Isso posto, apresenta-se como questão norteadora: como a cobertura jornalística da pandemia de Covid-19 foi realizada por rádios universitárias federais que possuem serviço de *streaming*?

Esta dissertação justifica-se, em primeiro lugar, pela necessidade de estudos relacionados à atuação jornalística das rádios universitárias do Brasil durante a pandemia, visto que diante dos levantamentos prévios, na fase de busca de bibliografias relacionadas ao assunto, encontraram-se poucos estudos aludindo à temática.

Em segundo lugar, reputa-se o papel que as emissoras universitárias desempenharam durante o primeiro ano da pandemia, e o fato de elas constituírem espaços que buscam contemplar múltiplos gostos e públicos, ao cobrir, falar e trazer conteúdos, assuntos e gêneros não abordados pelo sistema comercial, oferecendo uma programação diversificada, marcada pela ética e pela promoção da cidadania. Dessa maneira, entende-se que “as rádios universitárias, na relação com seus públicos, funcionam como veículos do saber científico, cultural, político e filosófico produzido dentro da universidade” (DEUS, 2005, p. 93).

Ademais, o rádio, em comparação com os vários meios de comunicação, manifestou protagonismo no enfrentamento da pandemia de Covid-19. Por compreender um veículo

acessível, de baixo custo e de longo alcance, que veicula conteúdos informativos e instrutivos não somente por meio da internet, mas também de ondas sonoras, leva informação e prestação de serviços a muitas regiões e lugares que, muitas vezes, os demais veículos de comunicação não conseguem alcançar. Isso significa que apesar das incontáveis dificuldades, o rádio não deixou de exercer o seu papel de relevância social nesse momento em que a pandemia abateu a sociedade como um todo (FRAGOMENI, 2020).

O objetivo geral desta dissertação consiste em analisar a cobertura da pandemia de Covid-19 em programas jornalísticos radiofônicos disponibilizados na internet por cinco rádios universitárias federais das principais regiões do Brasil. No que se refere aos objetivos específicos, destacam-se: mapear os programas jornalísticos produzidos por cinco rádios universitárias federais, referentes à cobertura da pandemia de Covid-19, na internet; descrever a estrutura dos programas referentes ao coronavírus; identificar as características dos recursos da *web* nas emissoras; categorizar os conteúdos jornalísticos em gênero e formato radiofônico nos programas referentes à Covid-19; analisar os modelos de cobertura jornalística no primeiro ano da pandemia, realizada pelas rádios universitárias federais.

Por essa razão, quatro hipóteses nortearam este estudo: a primeira é de que os produtos radiofônicos das rádios universitárias sejam apenas transposições para a internet; a segunda pressupõe que a composição dos programas no formato entrevista e o radiojornal sejam os formatos jornalísticos mais frequentes nas cinco emissoras analisadas; a terceira presume que os recursos multimidiáticos associados à produção jornalística são encontrados parcialmente nos programas jornalísticos analisados; a quarta supõe que os modelos de cobertura jornalística das cinco emissoras tenham mais características em comum que divergências.

Esta pesquisa tem caráter quali-quantitativo, natureza exploratória e descritiva recorrendo à metodologia mista para desenvolver um estudo comparativo com cinco emissoras universitárias federais, localizadas em diferentes regiões do Brasil, a partir do levantamento de dados, catalogação, escuta e análise dos programas veiculados e conteúdos jornalísticos transmitidos na internet pelas cinco rádios selecionadas para este trabalho.

Na acepção de Souza (2018), a combinação entre os métodos qualitativos e quantitativos possibilita o uso mais compreensivo das pesquisas ao invés da utilização isolada ou da metodologia qualitativa ou quantitativa.

Assim, a trajetória percorrida para a escrita desta dissertação, que contempla as rádios universitárias federais do Brasil, divide-se em dois momentos: o primeiro, em 2017, na graduação, ao integrar o Grupo de Pesquisa Jornalismo e Discursos (JORDIS), dirigido pelo atual orientador desta mestranda, Prof. Dr. Paulo Fernando de Carvalho Lopes, onde houve os

primeiros contatos com a pesquisa, por meio do Programa de Iniciação Científica Voluntária (ICV)-2017/2018, e do Programa de Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC)-2018/2019, estudando a programação das rádios universitárias federais das regiões Sudeste e Sul.

Em seguida, o segundo contato aconteceu por meio do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sobre o tema referente à veiculação do gênero educativo-cultural pelas emissoras universitárias federais. Nesse sentido, a experiência e as dificuldades vivenciadas ao longo das pesquisas de iniciação científica e TCC trouxeram questões que determinaram a necessidade de continuar investigando tal assunto, a partir de novas abordagens.

Tendo isso em vista, despertou-se o desejo de recorrer a pós-graduação para investigar, analisar e responder aos questionamentos sobre a integração das rádios universitárias federais à internet, mediante produtos jornalísticos, em um momento em que as fragilidades e dificuldades de adequação às novas plataformas vem à tona com maior força, em virtude do cenário de pandemia.

Nessa perspectiva, após definir o universo de estudo, a pesquisa exploratória iniciou-se no segundo semestre de 2021, quando foram mapeadas as universidades federais do Brasil e posteriormente, identificadas as 27 emissoras de rádios universitárias federais no País, distribuídas em seguida pelas cinco principais regiões: Norte (3); Nordeste (7); Centro-Oeste (2); Sudeste (9); e Sul (6).

Posteriormente, após a coleta e organização dos dados, seguiu-se para a segunda etapa desta pesquisa, referente à identificação das emissoras universitárias com programas jornalísticos que abordaram temáticas referentes à Covid-19. De posse desses dados, verificou-se que somente nove das vinte e sete emissoras possuíam produtos jornalísticos que contemplavam temas referentes à pandemia.

Em vista disso, elencaram-se critérios, descritos adiante, para a seleção das rádios que formariam o objeto de estudo desta dissertação, resultando em cinco emissoras radiofônicas, representantes de cada Região do Brasil: Rádio UNIFAP FM (UNIFAP), representando o Norte; Rádio UFG (UFG), o Centro-Oeste; Rádio Paulo Freire AM (UFPE), o Nordeste; UFMG Educativa (UFMG), o Sudeste, FURG FM (FURG), o Sul.

É oportuno destacar que as demais rádios não foram escolhidas em virtude de ora não contarem com atualização frequente de seu conteúdo, ora não deter quantidade suficiente de programas a serem analisados.

Esta dissertação é composta de seis capítulos: o primeiro referente a introdução em que é apresentada a pesquisa, sua justificativa, objetivos, metodologia e trajetória de forma geral.

No segundo capítulo, é abordada a performance do rádio durante à pandemia, seu protagonismo no combate à Covid-19, a história das rádios universitárias, seu papel, função bem como a sua atuação neste momento pandêmico. O terceiro capítulo trabalha a resiliência e as características do rádio no ambiente digital como também sua integração às plataformas e ferramentas ofertadas pela internet.

O quarto capítulo contempla os procedimentos metodológicos do trabalho, as características da pesquisa, os tipos de estudos utilizados, a definição e descrição dos observáveis, coleta de dados e categorias de análise. O quinto capítulo corresponde a análise de dados da pesquisa em que cada emissora é analisada separadamente e em seguida é realizado um estudo comparativo com as informações obtidas. O sexto capítulo é referente as considerações finais que traz respostas ao problema de pesquisa, o alcance ou não dos objetivos estabelecidos e a constatação ou refutação das hipóteses.

Por fim, tem-se as referências utilizadas como aporte teórico neste trabalho, os apêndices e anexos da pesquisa. No item a seguir, desenvolve-se a parte teórica desta dissertação.

2 O RÁDIO EM TEMPOS DE PANDEMIA

A pandemia exigiu uma readequação da vida cotidiana, causando impactos sociais, econômicos e comunicacionais. Nesse cenário, muito se questionou sobre como se adaptar à nova realidade: o que seria considerado essencial, o que não continuaria funcionando – e a maior certeza é que o jornalismo estaria no rol das atividades que não poderiam parar. Em vista disso, era obrigação dos meios de comunicação se ajustarem ao novo normal.

Com o rádio não seria diferente. Segundo Angrino (2020), a pandemia impactou diretamente a produção das emissoras radiofônicas. Provocando mudanças na grade de programação, os informativos passaram a contar com a presença de especialistas em questões sobre a Covid-19, além de busca por alternativas para o entretenimento, a interatividade, o uso de novas plataformas e redes sociais, fazendo com que as rádios voltassem o seu olhar para dentro, para o seu público e para a responsabilidade que tinha nesse contexto.

A propósito, Sánchez (2020) enfatiza que os meios de comunicação de massa, a exemplo do rádio, tem-se constituído como uma das melhores ferramentas para enfrentar a situação atual, contribuindo para que as pessoas saibam como se prevenir e lidar com essa circunstância. Dessa forma, a sua eficácia tem contribuído para que a maior parte da sociedade acompanhe as ações governamentais, o número de infectados e falecidos, assim como as campanhas de prevenção ao vírus. Talvez isso justifique o fato de a pandemia ter estimulado a audiência do rádio no Brasil ao longo do período de isolamento.

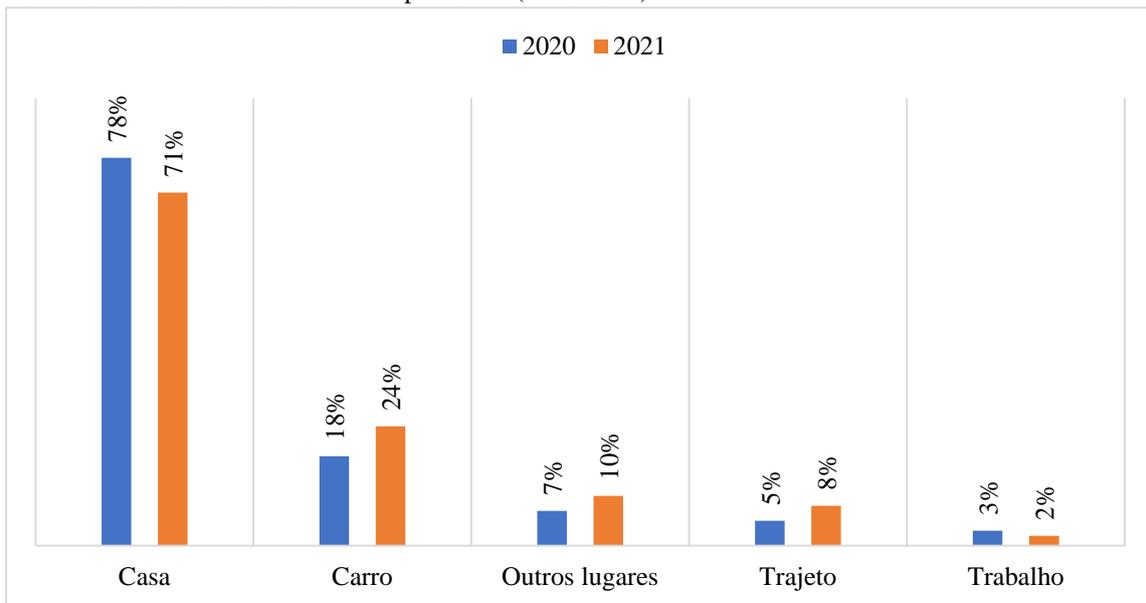
Em 2020, pesquisa divulgada pela Kantar Ibope Media acerca dos impactos da Covid-19 no consumo do rádio aponta que 77% dos entrevistados confirmaram ouvir rádio; destes, 59% afirmam adesão ao isolamento social; sendo que 24% deles continuaram realizando suas atividades normalmente (trabalho ou estudo); e 35% pararam de exercer suas atividades. No que se refere à frequência, 71% declararam ouvir a mesma quantidade de rádio ou mais, após as medidas de isolamento social; e 20% afirmaram ouvir muito mais, após as medidas de isolamento. Com relação à programação a pesquisa em epígrafe divulgou os motivos para ouvir rádio: 52% para escutar música; 50% para entreter-se/distrair-se; 43%, manter-se informado sobre os últimos acontecimentos gerais, 23% para informar-se sobre a Covid-19 (coronavírus); 10% porque tem mais tempo livre; e 5% responderam por outras razões (IBOPE, 2020).

Logo, na medida em que a pandemia vai atingindo o seu segundo ano consecutivo e o retorno gradual das atividades vai se consolidando a patamares próximos ao período de “pré-pandemia”, o consumo de rádio também volta a crescer, chegando a 80% entre a população das 13 regiões metropolitanas pesquisadas, cravando, assim, dois pontos à frente de 2020 (78%).

Nesse sentido, o consumo em locais como carro e “trajeto” se expandem novamente, enquanto nas residências, sofre declínio – mesmo que ainda sejam o lugar onde o veículo radiofônico é mais consumido (IBOPE, 2021).

No Gráfico 1, é possível compreender melhor esses dados.

Gráfico 1- Consumo radiofônico na pandemia (2020-2021)



Fonte: IBOPE (2021).

Os dados acima demonstram que a pandemia reconfigurou o consumo de rádio, tanto no período inicial, marcado pelo isolamento social para tentar conter a transmissão da Covid-19, quanto na tentativa de retomada das atividades, um ano depois. Essa mutação também acontece nos espaços onde os produtos radiofônicos são consumidos, visto que existem possibilidades de escutar rádio por meios diferentes. Assim, dentre os espectadores entrevistados pelo IBOPE em 2021, 80% afirmam ouvir pelo rádio comum; 25% pelo celular; 4% a partir de outros equipamentos; e 3% pelo computador (IBOPE, 2021).

O rádio teve uma atuação estratégica no combate à Covid-19, no sentido de divulgar informações, alertas e cuidados acerca do vírus, inclusive em lugares remotos, onde os demais veículos de comunicação não conseguiam chegar. Isso, de certa forma, leva à reflexão sobre a importância do papel desempenhado pelo veículo radiofônico nesse momento de pandemia, e como a sua ausência em momentos anteriores na história da humanidade pode ser vislumbrada, pois embora existissem publicações impressas, por exemplo, não havia meios que permitissem a propagação de informações esclarecedoras rapidamente e de forma simultânea, em grande escala, como nos dias atuais.

A título de exemplo, no intervalo de tempo entre a descoberta das ondas eletromagnéticas e a popularização do rádio a um custo acessível a toda a população, testemunharam-se a peste bubônica (1347-1351),¹ a varíola (1896),² a gripe espanhola (1918)³ e o tifo (1918-1922),⁴ que dizimaram milhões de vidas ao redor do mundo.

Logo, questiona-se sobre a quantidade de mortes que poderiam ter sido evitadas, quantas campanhas de conscientização e esclarecimento poderiam ter sido desenvolvidas se houvesse a mesma facilidade de comunicação dos dias atuais. Talvez a história teria sido outra, mas como não foi, agora é o momento de recorrer a todos os “aparatos” de comunicação disponíveis na atualidade para alcançar o máximo de pessoas e reescrever um enredo diferente. Seguindo essa lógica, alude-se à parceria fechada entre a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e as estações de rádio, como forma de mobilização no combate ao novo coronavírus.

Nesse ensejo, a organização produziu uma série de mensagens de áudio para serem usadas pelas emissoras radiofônicas de todo o mundo. A iniciativa propõe-se a interromper os danos causados pela epidemia de informações que acompanha o vírus. Seu conteúdo fornece informações sobre medidas preventivas, esclarecem mitos acerca do vírus e enfatizam a relevância da não discriminação e da solidariedade. Disponíveis em inglês, espanhol, francês e árabe, os *spots* podem ser baixados e transmitidos gratuitamente por qualquer emissora de rádio em várias partes do mundo (UNESCO, 2020).

Para Angrino (2020), esse tem sido um momento para refletir e ver que o rádio ainda continua mais relevante do que nunca, mas isso depende da criatividade, da entrega, da responsabilidade e do compromisso de quem faz o rádio para que, dessa forma, ele possa sair fortalecido, renovado e autêntico.

Portanto, a eficiência, a acessibilidade e a praticidade do rádio no combate ao coronavírus tem-se constituído como fatores meritórios no crescimento de sua audiência.

¹ Estima-se que a peste bubônica dizimou entre 75 e 200 milhões de pessoas em todo o mundo. VARELLA, D. A peste negra. **UOL**. 2020. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/drauzio/a-pestene-gra-artigo/#:~:text=mortal%20das%20epidemias,-,Foi%20a%20mais%20mortal%20das%20epidemias.,para%20350%20a%20370%20milh%C3%B5es>. Acesso em: 20 abr. 2022.

² Somente no século XX, mais de 300 milhões de pessoas morreram de varíola ao redor do mundo. SBIM. **Organização Mundial da Saúde Celebra 40 anos da erradicação da varíola**. 2019. Disponível em: <https://sbim.org.br/noticias/1200-organizacao-mundial-da-saude-oms-celebra-40-anos-da-erradicacao-da-variola>. Acesso em: 20 abr. 2022.

³ O número de mortos pela gripe espanhola variam entre 20 e 40 milhões de pessoas no mundo. ESTÁCIO. **Saiba quais foram as maiores pandemias da história mundial**. 2021. Disponível em: <https://blog.estacio.br/medicina/pandemias-na-historia/>. Acesso em: 20 abr. 2022.

⁴ Estima-se que o tifo tenha provocado mais de 3 milhões de mortes no mundo (Idem, 2021).

Somados à relevância do trabalho desenvolvido por emissoras públicas radiofônicas, como as rádios universitárias, é possível imaginar como a qualidade técnica atrelada ao papel educativo, cultural e científico é capaz de levar a sociedade a pensar a pandemia por um ângulo diferente, ou seja, não somente como doença, mas como fator que provocou mudanças nas rotinas diárias, na economia, no mundo, de forma geral, e despertou a atenção para a importância do conhecimento, das universidades e da ciência para a sociedade.

2.1 Rádios universitárias: definições e características

Ao levar em conta a cronologia do surgimento das emissoras universitárias pelo mundo, denota-se que a implantação da radiodifusão universitária brasileira aconteceu tardiamente, se comparada a outros países da América, como Estados Unidos, México e Argentina.

A Universidade de Winsconsin, nos Estados Unidos, foi uma das primeiras instituições de ensino a ter autorização para realizar experiências de transmissões radiofônicas de música e voz. Na América do Sul, a Argentina iniciou o processo com a implantação da Universidad Nacional de La Plata, em 1924 – primeira rádio universitária vinculada a uma instituição de ensino no País (KISCHINHEVSKY *et al.*, 2017).

Na década de 1930, o México, a Colômbia e o Chile iniciaram o processo de implantação da radiodifusão universitária. A propósito, Villafaña (2000) destaca que a primeira experiência mexicana aconteceu em 14 de junho de 1937, com a fundação da Rádio Universidade Nacional Autónoma do México (UNAM), com o intuito de estender cultura dentro e fora do País, a partir de uma programação que contemplasse a arte, as grandes obras musicais e as canções do povo.

Por conseguinte, na Europa, em especial na Itália, na França e em Portugal, boa parte das emissoras universitárias somente entrou em cena nos anos de 1960 e 1970. No Brasil, o processo de implantação do rádio é datado de 1919. A *Carta de Natal*, um documento assinado por pesquisadores do Rádio Brasileiro durante o XII Encontro Nacional da História da Mídia, em 2019, tem por objetivo retificar um erro histórico ainda presente em muita bibliografia sobre o início da radiodifusão no País. De acordo com o documento, ela começou em 6 de abril de 1919, com a fundação da Rádio Club de Pernambuco e o seu pioneirismo na transmissão sonora à distância (ALCAR, 2019).

Para Vaz Filho (2020), existem inúmeros registros que comprovam que esse foi movimento inicial da radiodifusão no Brasil, mas em virtude do distanciamento no tempo, a

dispersão, o extravio ou a destruição de documentos, a Rádio Club de Pernambuco não foi oficializada como a primeira estação de rádio do País e da América Latina.

O referido autor reforça que o período inicial do rádio no País foi marcado pela troca de experiências entre os radioamadores de São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e demais localidades. Documentos revelam que Roquete Pinto, gestor da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, e Oscar Moreira Pinto, diretor da Rádio Club de Pernambuco, trocavam correspondências.

Inclusive, por ser uma novidade para as pessoas da época e em virtude de interesses econômicos de expansão de mercado para a venda de equipamentos, a primeira tentativa de popularizar o rádio no Brasil foi registrada em 1922, três anos após a fundação da Rádio Club de Pernambuco – período em que, segundo Ferreira (2013), a empresa estadunidense Westinghouse trouxe ao Brasil o seu aparato de transmissão para fazer uma demonstração durante o pronunciamento do presidente Epitácio Pessoa no Centenário de Independência do País.

No ano seguinte, em 1923, foi instalada a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, criada por Roquette Pinto e Henrique Morize com o escopo de educar as classes menos favorecidas por meio de uma programação elitista que incluía ópera, recitais de poesia, concertos e palestras culturais. O sucesso foi tanto que o rádio passou a ser visto como meio de comunicação fundamental para informar e divulgar as notícias, principalmente para as regiões mais distantes dos centros urbanos.

Ao ser doada, em 1936, ao Ministério da Educação, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro passou a chamar-se Rádio Ministério (atual MEC AM-RJ), emissora considerada o embrião do sistema de rádios educativas no Brasil, por dar continuidade à veiculação de conteúdos de caráter educativo destinados ao ensino médio e superior (KISCHINHEVSKY *et al.*, 2017).

Em 1951, 15 anos mais tarde, inaugurou-se simbolicamente aquela que seria considerada a primeira emissora universitária do país, a Rádio da Universidade⁵ (1080 AM), pertencente à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com a proposta de irradiar ensinamentos, palestras, conteúdo educativos e com a condição de não serem irradiados programas musicais e de natureza recreativa.

A rádio passou por diversas etapas, inclusive teve suas atividades interrompidas em 1953 por transmitir conteúdo musical, o que não era permitido. Em 1954, após negociações com o presidente Getúlio Vargas, a emissora passa a operar em ondas médias e volta ao ar oficialmente em 1957 para dar continuidade ao seu projeto educativo.

⁵ Informações retiradas do site da emissora, o link pode ser acessado nas referências deste trabalho.

Dentre as primeiras rádios do País, também vinculadas às Instituições Federais de Ensino Superior, estava a Rádio Universitária Unifei (1570 kHz), pertencente à Universidade Federal de Itajubá – a segunda emissora mais antiga do Brasil –, criada em 23 de novembro de 1961, para fins de estudo como laboratório de telecomunicações. Atualmente, está fora do ar, desde 2015, mas manteve a programação por meio de uma rádio *web* até o início de 2017. Entretanto, com o aparecimento de novos problemas, a emissora teve de sair do ar, e em março de 2019, encerrou suas atividades.

Em 1963, instalou-se a terceira emissora universitária do País, a Universitária AM (820 AM) que, juntamente com a TV Universitária, implantada em 1968, e com a rádio Universitária FM, instalada em 1979, pertencem ao Núcleo de TV e Rádios Universitárias (NTVRU) da Universidade Federal de Pernambuco. Sua missão é ser referência em comunicação pública na produção e transmissão de conteúdo multimídia, além de estimular a formação crítica e a construção do conhecimento de seu público.

A última emissora universitária federal implantada até o presente momento foi a UNIFM (107.9 MHz), pertencente à Universidade Federal de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, em 1 de dezembro de 2017.

Atualmente no Brasil, existem, ao todo, 27 rádios universitárias federais, das quais 4 são AM e 23 FM, vinculadas a Instituições de Ensino Superior públicas federais, divididas entre as cinco regiões do País.

De forma conceitual, em consonância com Silva (2017), uma emissora universitária é uma modalidade radiofônica que, por estar ligada a uma entidade educacional, encaixa-se em um modelo de rádio educativa, como prevê a legislação. Não obstante, existe uma discussão antiga sobre a falta de uma categorização e legislação que classifique essas emissoras, entre os demais tipos de rádio, direcionando suas práticas e atuação, de modo que seja possível caracterizá-las e identificá-las a partir de suas características específicas.

Desde 2003, essas questões são apontadas pela professora e pesquisadora Sandra de Deus, que enfatiza que a falta de uma legislação específica acaba influenciando no enquadramento dessas instituições, no sentido que em determinados momentos, são delimitadas como educativas, e em outros, como públicas, contribuindo para a uma atuação isolada delas, que terminam produzindo suas programações, ao seu modo.

A legislação brasileira sobre radiodifusão não faz referência funcional ou conceitual sobre as rádios universitárias sejam públicas ou privadas. Pela legislação atual, as universidades possuem competência para a execução dos serviços de radiodifusão. O Código Brasileiro de Telecomunicações, de 1963, que regulamenta o serviço e a exploração de radiodifusão no Brasil não determina que papel deve cumprir uma

emissora que, além de universitária, está vinculada a um órgão público. Esta falta de amparo legal pode ser uma das causas que fazem estas rádios permanecerem isoladas, cada uma fazendo uma programação que entende ser a melhor, mas sem uma definição conjunta nem mesmo dentro da própria universidade a que estão vinculadas. (DEUS, 2003, p. 4).

Diante dessa perspectiva, percebe-se que mesmo depois de tantos anos, a situação continua a mesma, conforme destaca Mustafá (2018), ao discorrer sobre a falta de legislação. Para a respectiva autora, como não existe categoria específica para as rádios universitárias na legislação brasileira, elas continuam inseridas na esfera de radiodifusão pública ou educativa, juntamente com emissoras de universidades privadas e Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, posto que as outorgas se dividem em comerciais, educativas e comunitárias.

Contudo, Roldão (2006) pensa diferente e reflete por outro ponto de vista. Para ela, uma rádio pode ser definida como educativa a partir de seu conteúdo, e não necessariamente, de sua concessão.

Interpretando dessa forma, Peruzzo (2011) salienta que existem cinco modelos que categorizam o rádio educativo, são eles: *educação e cultura* – modelo baseado nos ideais da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, com a finalidade de contribuir para a elevação dos níveis culturais e educacionais da população, por meio de um instrumento democrático de informação; *educativo público-estatal* – representado pelas emissoras de caráter público e educativo, controladas pelos governos federais, estaduais e municipais, como as rádios Câmara, Senado e a Rádio Mec; *rádio-escola* – modelo organizado por meio de alto-falantes, com o intuito didático-pedagógico ou recreativo de auxiliar o processo de aprendizagem de diferentes disciplinas; *popular e comunitário* – constituído como emissoras de caráter público, sem fins lucrativos, geridas comunitariamente e com programação voltada ao interesse público, a serviço das classes menos favorecidas, contribuindo para o desenvolvimento social, a disseminação de informações de interesse local e das comunidades. No Brasil, essa experiência baseia-se em modelos de rádio populares e escolas radiofônicas desenvolvidas em países como Peru, Equador e Colômbia. Por último, o modelo *educativo-cultural*, no qual estariam inseridas as emissoras de caráter universitário e as vinculadas a fundações de fins religiosos, educacionais e culturais, instituídas a partir da permissão de radiodifusão pública para instituições que estivessem além do poder público e que apresentassem uma produção promotora de cidadania, comunicação democrática, cultura e educação.

Destarte, é necessário ressaltar que o rádio universitário, quando surgiu no Brasil, seguia um modelo cultural elitista nos moldes da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, no sentido de irradiar cultura e educação às classes menos favorecidas, daí porque veiculava cursos e somente

eram tocadas músicas clássicas. Desse modo, por mais que muitas emissoras ainda permanecessem nessa proposta, no decorrer dos anos, novas características e contornos foram englobados.

Isso não significa que essas rádios tenham perdido o seu caráter educativo, mas que assumiram novas roupagens, não se limitando ao conceito de educar ou serem somente veículos de comunicação que atuam na contramão das propostas desenvolvidas pela mídia hegemônica, constituindo espaços plurais, de leitura crítica da mídia, que oferecem vez e voz aos invisibilizados; que valorizam a cultura local e nacional; que se constituem como laboratórios de práticas jornalísticas, como também de ética e humanidade; e que atuam como porta-voz da universidade, ao levar o conhecimento produzido dentro dessas instituições até a sociedade.

Com efeito, Huerfáno (2001) refere que o papel de uma rádio universitária consiste em expandir o conhecimento; valorizar o regional/local, por meio das expressões artísticas; produzir jornalismo diferenciado, transparente e ético; além de reconhecer a pluralidade cultural, a fim de assumir seu posto como serviço voltado exclusivamente para o interesse público, contemplando os mais diversos segmentos sociais, que vão desde o ouvinte mais leigo ao mais intelectual.

Por essa razão, o dever das rádios universitárias é apresentar uma programação diversificada e desenhar propostas educativas, culturais, sociais e científicas sobre os mais variados conteúdos, capazes de instruir, conscientizar e educar o seu público heterogêneo.

De acordo com Deus (2003, p. 311), “significa que as rádios universitárias públicas não podem estar voltadas à divulgação de uma só forma de expressão, cultura, arte ou pensamento, mas sim, especialmente, a todas aquelas que os modelos de radiodifusão comercial ignoram”.

Isso porque as emissoras universitárias têm liberdade de construir sua programação sem restrições impostas pelo mercado, buscando serem pautadas pelos princípios educativos e culturais; respeitando os valores morais da sociedade; evitando influências perturbadoras; elevando o nível cultural do público; bem como a preservação das particularidades nacionais, dos costumes e das tradições de seu País (VILLAFANA, 2000).

Igualmente, é papel das emissoras universitárias apresentar uma grade de programas que contemple gostos e públicos diferenciados, a fim de serem espaços democráticos de comunicação, dando visibilidade aos diferentes tipos de expressões. Tendo isso em vista, Huerfáno (2001) acrescenta que o modelo de radiodifusão do serviço público deve ir além da capacidade de alcançar o maior número de lugares, mas se preocupar em oferecer produtos que reflitam os interesses e as necessidades dos mais distintos grupos sociais, por meio da cidadania e educação, para promover uma convivência pública mais adequada.

Contribuindo com esse debate, Roldão (2006, p. 11) acrescenta que “a linha editorial de uma emissora educativa deve ser baseada no tripé música, informação/prestação de serviços e programas culturais/ educativos”. Assevera, ainda, que os programas musicais não devem ter caráter elitista e, ao mesmo tempo, não devem ser veiculados conteúdos musicais impostos pelas grandes gravadoras à maioria dos meios de comunicação. Nessa direção, sua programação musical deve valorizar o resgate cultural, por intermédio de grupos e músicos da cidade, como também a veiculação de música popular brasileira, seus compositores e histórias.

No que se refere à produção jornalística, é importante priorizar o interesse público e a instrução do ouvinte acerca das temáticas debatidas; evitar o uso de fontes oficiais como referência principal; e buscar o estímulo à reflexão dos ouvintes, por meio da promoção de programas de debates, contextualização e aprofundamento dos conteúdos jornalísticos (ROLDÃO, 2006).

Essa produção jornalística começa a ser praticada ainda na academia. Cabe enfatizar que além do papel jornalístico, educacional, científico e cultural, as emissoras universitárias são espaços laboratoriais onde estudantes e professores colocam em prática o conhecimento produzido dentro das instituições de ensino, com o propósito de incentivar o pensamento crítico dos radiouvintes, pois na “competição” pela audiência, é significativo o uso da criatividade e uma programação de temáticas diferenciadas que despertem e prendam a atenção do público.

Partindo do pressuposto de que o conhecimento precisa ser compartilhado, as rádios universitárias representam espaços que oportunizam aos estudantes, em especial de comunicação, colocar em prática o que aprenderam na academia. Consequentemente, Deus (2003) afirma que muito mais que um exercício prático em relação ao que se aprende em sala de aula, a experiência laboratorial em uma emissora universitária prepara profissionais diferenciados para o mercado de trabalho, capazes de compreender, debater e transmitir conteúdos sobre as mais variadas temáticas.

É no ambiente das emissoras universitárias que os estudantes poderão aprimorar suas habilidades, desafiar-se, descobrir-se, errar e apostar em novas propostas. No entendimento de Silva (2017), é nesse espaço que os alunos poderão experimentar formatos inovadores, novos sons e novas possibilidades sonoras, assim como atuar nos formatos já estabelecidos. Por cúmulo, o ambiente laboratorial contribuirá na experimentação e no aprimoramento da atuação em rádio, para que o estudante, uma vez dominando a teoria e a prática radiofônica, esteja preparado para o mercado profissional.

Por essa razão, faz-se necessário, desde a universidade, estimular práticas radiofônicas que se diferenciem de modelos de hegemônicos que nada atribuem de novo à sociedade, estando

apenas a serviço de critérios de interesse. Por conseguinte, Huerfano (2001) focaliza a importância de desenvolver e incentivar, desde a academia, uma produção radiofônica de serviço público e de interesse sociocultural como forma de promover uma comunicação que busque o desenvolvimento social, ao estimular o cidadão a participar da vida pública, fortalecer suas identidades culturais e formar uma opinião qualificada desses ouvintes.

Assim, de acordo com Deus (2003, p. 12), a estrutura laboratorial apresentada por uma rádio universitária contribui para que os universitários participem de um exercício prático pautado pela qualidade, pelo *feedback* do ouvinte, pela rigidez e pela velocidade da informação, como também pela responsabilidade, uma vez que

a atividade laboratorial desenvolvida em uma rádio que, além de universitária, é pública, prepara diferenciados profissionais de comunicação para que estejam aptos ao intercâmbio de ideias políticas e sociais, abertos à pluralidade e que tenham compreensão para executar um serviço voltado ao interesse educativo e cultural da sociedade. Dentro dessas emissoras, estes futuros profissionais terão uma visão democratizadora da comunicação, pois é permitido fazer – e somente neste espaço isto é possível- um trabalho que deve estar a serviço da sociedade e não para o consumo da sociedade como fazem as emissoras comerciais.

Dessa forma, no que se refere às contribuições dessas emissoras como espaço de experimentação, aprendizado, crescimento acadêmico e profissional, Mustafá e Kischinhevsky (2018) enfatizam que o processo prático de aprendizagem dentro das rádios universitárias promove uma capacitação maior dos estudantes que, ao se responsabilizarem pelas atividades desenvolvidas, ganham destaque não somente no ambiente universitário, mas além da universidade.

Isso significa que a função laboratorial em uma rádio universitária contribui para o exercício e aprimoramento das habilidades e dos conhecimentos aprendidos na academia, ensejando o contato com as práticas profissionais de fazer comunicação voltadas ao interesse público, buscando transmitir de maneira clara e acessível todos os conteúdos, especialmente os específicos e complexos, tentando promover a compreensão do público – desde o ouvinte mais instruído ao menos instruído – uma vez que o rádio trabalha com a fala e, por consequência, a linguagem torna-se peça-chave para uma boa compreensão.

Desse modo, diante de tudo o que foi explanado, não é novidade que exista uma soma de fatores que interferem no funcionamento e na audiência de uma emissora universitária. Aspectos que vão desde o papel do veículo radiofônico universitário, espaço laboratorial até a linguagem radiofônica, ajudam a entender que existe toda uma engrenagem por trás do resultado final de cada programa. Somado a isso, concebem-se os desafios enfrentados por essas

emissoras que, mesmo diante das dificuldades, não param de funcionar e suas respectivas programações continuam indo ao ar, mudando a vida de muita gente, ainda mais nesse momento de pandemia, de questionamentos, de procura por respostas, de caos, de pânico e de readequação da vida.

É nessa perspectiva que Kischinhevsky, Lopez e Benzecry (2021) relevam que em diversos países, as rádios universitárias têm-se desenvolvido de formas distintas, enfrentando, inclusive, dificuldades de financiamento, desafios regulatórios e complicações para estabelecer vínculos de audiências mais amplos, que ultrapassem os muros das universidades – sobretudo neste momento, em que o ataque ao conhecimento produzido nas instituições superiores de ensino nunca havia sido tão intenso.

Portanto, o trabalho desempenhado pelas rádios universitárias atualmente se estende para além do combate à Covid-19, ao ter de enfrentar as adversidades, e a sua batalha é pela resistência, pela comunicação pública, pela vida, pela ciência e contra o negacionismo.

2.2 Rádios universitárias na pandemia

Em decorrência dos riscos oferecidos pela pandemia de Covid-19, líderes mundiais recorreram a medidas de isolamento social como alternativa para manter a população segura e evitar a proliferação do novo vírus. Nesse cenário, a sociedade foi convocada a ficar em casa, e somente bens e serviços essenciais, como supermercados, farmácias e serviços de saúde permaneceram funcionando. Diante dessa situação, emergiram novas maneiras de ver e ouvir as notícias na televisão, no rádio e na internet, para atualizar-se sobre esse momento ímpar (OLIVEIRA, 2020).

E foi nesse cenário que em março de 2020, o Ministério da Educação brasileiro autorizou a substituição das aulas presenciais pelo ensino a distância. Com isso, as universidades precisaram adequar-se à nova realidade, diante das medidas de isolamento social. Em conformidade com Falcão (2020), devido à chegada da pandemia de Covid-19, o ensino e a produção acadêmica assumiram novos contornos e novas dinâmicas, dada a necessidade de distância da sala de aula.

Por conseguinte, as emissoras universitárias, tanto rádio quanto TV, sofreram impactos, e as respectivas produções noticiosas precisaram adaptar-se ao novo cenário para que a programação fosse ao ar. No caso das emissoras radiofônicas, muitas delas fazem gravações por meio de *lives* ou videoconferência para depois transformarem em formato de áudio. Isso posto, é considerável enfatizar que as tecnologias, como as redes sociais, os celulares e os

aplicativos, têm sido as principais ferramentas para que o jornalismo universitário continue levando informações à comunidade.

Sem os recursos tecnológicos, esse processo seria mais difícil, pois à medida que a pandemia se desenrolava, as rádios universitárias partiam em busca de estratégias que permitissem a continuação das atividades, mesmo à distância, recorrendo as *lives* pelas redes sociais ou plataformas como o *Youtube*, entre outras alternativas. Foi então que despontou a produção de *podcasts* universitários nos primeiros meses de 2020. Com isso, a cobertura da pandemia ia ganhando forma e sendo registrada pelas ondas sonoras universitárias.

Para Balacó e Monteiro (2020), muitos projetos que já existiam assumiram nova roupagem, ao adaptarem-se ao contexto da Covid-19, intentando estabelecer linhas de conexões com a crise sanitária vivenciada globalmente em 2020.

Logo, a produção de *podcasts*⁶ nesse momento foi a alternativa mais viável, em virtude das vantagens oferecidas, como: a possibilidade de produção remota; o baixo custo, ao considerar que existem aplicações gratuitas para auxiliar a gravação e a distribuição; a acessibilidade, uma vez que é possível ouvir os programas em um *smartphone* ou computador, desde que se tenha acesso à internet; e por último, a aproximação do público diante da familiaridade com a voz, do mesmo modo como acontece no rádio (FALCÃO, 2020).

Por essa razão, diante dos impactos provocados pela pandemia, Ferraretto e Morgado (2020) enfatizam que todos os meios inseridos na realidade cada vez mais convergente, presentes em multiplataformas e operados por profissionais que desempenham diversas funções, devem apoiar a sociedade no combate à pandemia provocada pelo coronavírus, sendo necessário: planejamento estratégico; conhecimento sobre o que é divulgado; precisão na divulgação das informações; combate às *fake news*; diferenciação entre o que é notícia ou serviço de informação e que é opinião ou interpretação.

Nessa perspectiva, Medina (2020) acrescenta que é oportuno mostrar como se prevenir da Covid-19, seus sintomas, riscos e fatores de risco. Contudo, o jornalismo científico não pode ficar refém de transmitir apenas alertas e mensagens de morte, devendo atuar como transmissor da vida e da esperança.

⁶ Trata-se de uma tecnologia de distribuição, recepção e escuta sob demanda de material sonoro produzido principalmente no meio radiofônico, nas companhias editoriais, por jornalistas, criadores de conteúdo independente, artistas e amadores (BONINI, 2020).

Complementando o pensamento dos autores referidos, Pena (2021), ressaltou que além da Covid-19, existem outros vírus a serem combatidos, como: a desinformação;⁷ a infodemia;⁸ a dificuldade de encontrar fontes confiáveis; a incerteza; a imprecisão; a precipitação; e a falta de respostas concretas, visto que a ciência ainda está em busca de soluções e conhecimentos sobre o novo coronavírus.

Assim, a melhor forma de combatê-los, coadunando o susodito autor, é educando a audiência por meio de uma escuta crítica, para que não acredite em toda informação que recebe em redes sociais, como o *WhatsApp*, aprendendo a verificar antes de reenviar tais dados. É nesse momento que se enfatiza a atuação das rádios universitárias, segundo o autor, pois essas emissoras se constituem como ferramentas importantes para gerar conteúdo informativo de qualidade sobre ciência e tecnologia, oferecendo propostas comunicacionais alternativas.

Nesse sentido, Zucoluto *et al.* (2020) evidenciam que trabalhos jornalísticos responsáveis e comprometidos com a verdade nunca haviam sido tão cruciais. Assim, todos os desafios superados pelo rádio universitário ao longo da pandemia de Covid-19 demonstraram mais ainda a sua relevância na busca da ciência, da informação e no papel humanitário que as Instituições de Ensino Superior públicas brasileiras têm a oferecer.

Portanto, é necessário destacar que as rádios universitárias sempre tiveram um papel considerável, mas diante desse cenário de pandemia, tais emissoras se tornaram ainda mais essenciais, não somente pelo seu papel educativo, cultural ou científico, mas por conseguirem ultrapassar as limitações impostas tanto em relação à pandemia quanto nos aspectos técnicos. Nessa direção, preocuparam-se em articular e encontrar maneiras para que a informação fosse produzida, checada e entregue à população, por meio das ondas sonoras ou pela internet.

Em face do exposto, depreende-se que o caráter resiliente do veículo radiofônico tem sido um aliado fundamental durante o período pandêmico, de modo que a capacidade de conseguir se adequar aos mais distintos cenários e “obstáculos” ao longo dos anos têm contribuído para o seu sucesso, sintonizado na frequência modulada ou acessado por meio da internet, o rádio hoje está em todo lugar.

⁷ Desinformação é um termo utilizado para definir a estratégia de desqualificar e negar toda e qualquer forma da ciência (CHAGAS *et al.*, 2020).

⁸ Infodemia é o termo usado para referir-se ao grande volume de informações associadas a um assunto específico, que pode se multiplicar exponencialmente em pouco tempo (OPAS, 2020, p. 2).

3 RÁDIO E INTERNET

A internet trouxe ao rádio maior velocidade, mobilidade e alcance. Por conseguinte, há maior facilidade para acessar uma emissora de rádio em qualquer parte do mundo. Por meio de seu site, é possível ter acesso a uma infinidade de conteúdos. Com isso, as plataformas virtuais são acessadas diariamente por milhões de usuários, de acordo com os seus interesses particulares.

Pesquisa divulgada pelo IBOPE, em 2021, aponta que o consumo de rádio *on-line* tem se expandido, demonstrando o seu potencial dinâmico de encontrar formas para ampliar o contato com os ouvintes. Os dados obtidos com o estudo demonstram que o tempo médio dedicado pelos ouvintes de rádio na internet é de 2h40min, diariamente. Contudo, dentre as 13 regiões metropolitanas pesquisadas, somente 10% da população havia escutado rádio *web* nos últimos 30 dias. Trata-se de uma parcela pequena e que traz à tona discussões sobre a exclusão digital, a falta de acesso à internet por grande parte da população brasileira e a evidência que a oportunidade de se conectar à internet não é igual para todos – ainda mais nesse momento de pandemia, em que as atividades passaram a funcionar remotamente e nem todo mundo tem a possibilidade de estar conectado.

Um exemplo clássico dessa exclusão seriam as aulas à distância, em que as oportunidades para estudantes do ensino fundamental e médio da rede pública de ensino visivelmente não são as mesmas de um aluno de uma instituição privada, uma vez que embora a rede pública tenha distribuído *chips* ou destinado bolsa-auxílio para que os estudantes tivessem acesso à internet para estudar de forma remota, os alunos da rede particular tinham todo um aparato à sua disposição, e sofreram poucos impactos em seu ano letivo, enquanto na rede pública, após inúmeras tentativas, a alternativa mais viável para a transmissão das aulas foi por meio do rádio, tanto por ser um veículo acessível quanto por atingir, ao mesmo tempo, uma grande quantidade de pessoas.

Pesquisa divulgada em 2021, pelo Centro Regional de Estudos para Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC), mostra que no Brasil, embora o acesso à internet em domicílio tenha aumentado de 71%, em 2019, para 83%, em 2020, ocasionado pela migração das atividades presenciais para o estilo remoto, em virtude da pandemia, o crescimento aconteceu em meio à persistência das desigualdades digitais. Nessa lógica, enquanto o acesso se propaga entre os ricos e de alta escolaridade, os mais pobres e menos escolarizados tendem a enfrentar dificuldades para possuir uma conexão em suas residências, como também adquirir aparelhos que permitam a conectividade com a internet.

De acordo com o estudo, o custo da conexão foi elencado como uma das principais barreiras de acesso domiciliar à internet, seguido pelo desconhecimento dos residentes acerca de como usar e por último, a falta de interesse. Por conseguinte, dentre os dispositivos mais populares de acesso à internet, está o celular, representando 58% dos usuários que acessaram a internet exclusivamente pelo *smartphone*. Na contramão, aparece o computador, presente em 45% dos domicílios brasileiros. Mostrando em números e dividindo por regiões, a pesquisa revela que na Região Sudeste, 28,8 milhões de residências não possuem computador, mas têm internet; em seguida, aparece a Sul, onde 676 mil residências têm computador, mas não contam com internet; nas regiões Centro-Oeste e Nordeste, 33 milhões de domicílios têm computador e internet; enquanto na Região Norte, 11,8 milhões de residências não têm computador nem internet.

No que se refere às atividades na internet, a pesquisa destaca como as mais populares entre os usuários: a troca de mensagens, em 93% dos casos; conversas e chamadas de voz ou vídeo (80 %); e uso de redes sociais (72%). É importante acrescentar que de acordo com o estudo, pelo menos 55% dos brasileiros acompanharam alguma transmissão de áudio ou vídeo em tempo de real.

Nesse sentido, os dados apresentados anteriormente complementam o levantamento realizado pelo IBOPE, em 2021, segundo o qual dos 10% da população que ouviu rádio *web* no último mês, estão inclusas pessoas das classes A e B, com idade entre 20 e 39 anos. Nos dispositivos onde esse consumo *on-line* acontece, 66% dos casos é pelo celular; 37% pelo computador; e 8% por outros equipamentos (IBOPE, 2021).

Portanto, os resultados dos estudos acima vão ao encontro ao pensamento tanto de Recuero (2009), para quem, no cenário digital, os ouvintes estão cada vez mais em busca de serviços multimidiáticos, interativos, que estejam adequados aos padrões tecnológicos atuais, quanto de Abdlla (2005), ao validar que a *web* deixou de ser sinônimo apenas de navegação em site, mas passou a ser um espaço de reconfiguração para vários meios de comunicação.

Isso porque na atualidade, é possível acessar mídias variadas em um só objeto, o que permite maior comodidade e liberdade, sem limites ao usuário. Percebe-se, então, que a praticidade e a infinidade de ferramentas disponibilizadas pelas plataformas digitais, somadas ao caráter resiliente do rádio, tem tornado a internet cada vez mais aliada que adversária.

A prova disso é a popularidade cada vez maior do rádio na internet, visto que nas redes sociais, ao longo do primeiro semestre de 2020, foram publicados mais de 3,5 milhões de *tweets* sobre rádio. Dentre essas postagens, aproximadamente 650 mil são de autores únicos, com mais

de 987 milhões de impressões, cerca de 10 milhões de *likes* e 1,2 milhões de *replies* (IBOPE, 2020).

Na medida em que a população se integra à internet, novos hábitos e novas tendências vão surgindo e reconfigurando o cotidiano, tanto no âmbito da sociedade quanto das atividades ao seu redor. Nesse sentido, Bianco (2012, p. 22) enfatiza que “com a emergência de multiplataformas digitais, o rádio expande a entrega de conteúdo para além do aparelho receptor tradicional e conquista audiência que ainda não é computada pelas pesquisas tradicionais”.

Contudo, essa era uma realidade de 2012. Hoje, é possível ter acesso a dezenas de pesquisas e dados sobre a atuação do veículo radiofônico. Por exemplo: informações como a credibilidade do rádio, que cresceu 43% entre os ouvintes, em 2021; ou a escuta de rádio *on-line* ao vivo ocupando a quarta posição no *ranking* dos conteúdos em áudio ouvidos na internet ao longo do respectivo ano, ficando atrás somente dos *podcasts*⁹, das músicas e de outros conteúdos audiofônicos ouvidos no *Youtube* e da escuta de músicas em aplicativos de *streaming*, como *Spotify*, *Deezer*, *Google Play* (IBOPE, 2021).

Nesse sentido, Prata (2008), destaca que as novas tecnologias estimularam uma verdadeira revolução na radiofonia. Isso significa que para pensar o rádio na internet, é necessário entendê-lo a partir dessa nova dinâmica de produção e circulação de conteúdos, já que esses novos ambientes disponibilizam novas ferramentas e incorporam novas características aos produtos radiofônicos.

Portanto, se antes, a atuação do rádio contava apenas com o som e os efeitos sonoros para prender a atenção do público e despertar a imaginação, ao criar imagens em sua mente, o advento da internet permitiu que as emissoras de rádio pudessem ser vistas e ouvidas diante da possibilidade de combinar novos recursos à produção radiofônica, permitindo agregar mais conteúdo, circular em diversas plataformas de áudio, romper as fronteiras das ondas sonoras e, assim, serem ouvidas nacionalmente ou internacionalmente.

Entrementes, a reflexão que fica é que o rádio permanece resiliente, apesar de serem novos os tempos, os momentos, os desafios e as características. Essas questões serão discutidas nos tópicos a seguir.

⁹ Segundo Ferraretto (2019) podcasts são semelhantes a programas de rádio, embora alguns sejam produzidos fora das emissoras radiofônicas. Os podcasts podem ser caracterizados como produtos do *podcasting* que segundo Herschamann e Kischinhevsky (2008) é um modelo de radiodifusão sob demanda em que ouvinte escolhe quando e onde ouvir os episódios de seus programas preferidos.

3.1 Características do rádio na internet

A integração dos meios de comunicação tradicionais às plataformas e ferramentas ofertadas pela internet conferiu a esses veículos uma espécie de *upgrade*, porquanto incrementou novas funcionalidades aos produtos e às práticas jornalísticas, no sentido de promover a atualização e incorporação de novas características à sua produção, mas sem que isso modifique sua característica principal, ou seja, o som, no caso do rádio, ou a imagem, no caso da televisão.

Ao buscar entender esse fenômeno a partir do conceito de remediação, Bolter e Grusin (2000) descrevem-no como um processo em que as velhas e as novas mídias tendem a refazer a si mesmo e uns aos outros, isto é, isso significa que podem adquirir novas formas, assim como podem remodelar os outros meios, a partir de suas características – tudo isso para satisfazer o desejo desenfreado do público pelo imediatismo.

De modo descomplicado, Canavilhas (2012) descreve a remediação como um processo de renovação de velhos conteúdos efetuados pelos novos meios. Isso denota que os novos meios de comunicação renovam os conteúdos dos anteriores, permanecendo, dessa forma, uma ligação entre os velhos e novos meios. Logo, esse processo pode acontecer em níveis diferenciados, desde um melhoramento discreto do meio antecessor, mantendo algumas de suas características, até remediações mais significativas, em que o novo meio digital tenta absorver por completo o anterior.

No caso do rádio, de acordo com o supracitado autor, a mudança mais evidente seria o nível de interatividade, antes realizado por meio de contato telefônico com os ouvintes, e que agora é complementado com opiniões que chegam ao estúdio por meio das redes sociais.

No entanto, atualmente, outras particularidades podem ser percebidas com maior clareza, como a transmissão, que antes era feita somente pelas ondas eletromagnéticas, e agora, via *streaming*, 24h por dia, podendo ser acessada em qualquer parte do planeta. Os programas que antes só poderiam ser assistidos ao vivo, hoje assumem formato de *podcast*, ficando disponíveis para o ouvinte escutar quando quiser.

Outro ponto digno de nota é que o rádio sempre trabalhou com a imaginação do público. Assim, muitas vezes, o ouvinte imaginava quem poderia estar por trás das vozes de seus programas radiofônicos preferidos. Na atualidade, é possível conhecê-los tanto por fotos das equipes no site das emissoras quanto pelas *lives* nas redes sociais, as quais acontecem simultaneamente aos programas que estão no ar.

É notório que as emissoras radiofônicas têm apostado cada vez mais nas plataformas digitais e expandido a sua atuação. Para o IBOPE (2021), as rádios têm feito um movimento relevante de investir em seus canais de *players* de vídeo para fazer transmissões do estúdio, ao vivo, ou de programas exclusivos, demonstrando que a tecnologia tem sido uma grande aliada do áudio, ao direcionar caminhos importantes para a distribuição de conteúdo em diferentes formatos a um grande número de ouvintes.

Para Medeiros (2009), duas características são importantes para diferenciar o rádio na internet dos demais formatos de transmissão que usam a linguagem sonora como suporte principal: o fluxo de transmissão contínuo; e a presença de elementos radiofônicos. O primeiro está relacionado à maneira como o som é transmitido, e o seu comportamento durante a transmissão. Esse fluxo pode ser dividido em dois tipos: *streaming*, quando a propagação é contínua e acontece sem interrupções; e *on demand*, modelo que apresenta forma contínua, mas intermitente, significa que “se repete no tempo”, uma vez que inicia quando o ouvinte acessa a transmissão – esse tipo de transmissão não está em sincronia com o tempo real.

No que se refere aos elementos radiofônicos, segundo o autor acima, dividem-se em dois tipos: elementos principais de ordem conceitual; e elementos secundários de ordem estrutural. O primeiro está relacionado ao discurso dos (as) locutores (as) e à busca por aproximação e interação com o ouvinte. O segundo é referente à estrutura, ou seja, presença de apresentador/locutor, grade de programação, vinhetas ou assinaturas musicais e blocos comerciais.

Em consonância com Moura (2015), devido à chegada da internet, um novo debate originou-se sobre como o rádio se configuraria diante das inúmeras possibilidades na plataforma, uma vez que por muitos anos, associou-se a definição de rádio a partir de sua forma tradicional de ser transmitido, pelas ondas hertzianas. Contudo, a internet reúne em um único lugar imagens, textos, som, vídeos, provenientes, inclusive, de outros meios de comunicação já existentes.

Isso posto, atina-se que o conceito de rádio tem sido alvo de discussões na comunidade científica, em virtude da oposição entre a perspectiva singular e a plural de conceituação do veículo radiofônico como meio de comunicação que recorre à emissão de ondas eletromagnéticas para transmitir mensagens à distância para uma grande audiência.

Nessa direção, Ferraretto e Kischinhevsky (2010, p. 1010) defendem a ampliação da visão do rádio, pois “[...] na atualidade, a tendência é aceitar o rádio como uma linguagem comunicacional específica, que usa a voz (em especial a fala), a música, os efeitos sonoros e o silêncio, independentemente do suporte tecnológico ao qual está vinculada”.

É a partir dessa perspectiva que Ferraretto (2014) define as emissoras radiofônicas em duas categorias: rádio de antena ou hertziana, referente às formas tradicionais de transmissões pelas ondas eletromagnéticas; e rádios *on-line*, que correspondem a todas as emissoras que operam via internet. Essa última categoria subdivide-se em: rádio na *web*, caracterizada pela prática das rádios hertzianas de disponibilizarem o seu áudio na rede mundial de computadores; *web rádios*, que representam as emissoras com transmissão exclusiva via internet; e *podcasting*, considerados uma forma de difusão, via rede, de arquivos ou séries de arquivos, desde que tenham linguagem radiofônica.

Por ser um veículo oral-auditivo, a linguagem no rádio tem a capacidade de cativar ou afastar o ouvinte, desde que a emissora sintonizada apresente um vocabulário claro e atrativo o suficiente para prender a atenção do público e evitar uma mudança de canal. Para Oliveira *et al.* (2010), a linguagem representa um sistema social guiado pela interpretação como forma de estabelecer o ato comunicativo. Assim, o rádio, por ser um veículo que transmite informações de caráter sério e de entretenimento, deve utilizar uma linguagem simples e que facilite a compreensão do espectador.

Dessarte, ao levar em consideração que o público radiofônico é composto por pessoas de classes e formações distintas, a linguagem no rádio deve buscar estar o mais próximo possível do ouvinte, no sentido de ser clara, objetiva e compreensível. Por esse motivo, a construção de um texto radiofônico possui regras e normatividades a serem postas em prática, com o intuito de permitir uma articulação textual mais acurada durante a sua leitura.

Por esse ângulo, Cabello (1995) recomenda o uso de objetividade para aprimorar a memorização do ouvinte em relação ao que foi dito; simplicidade, por meio de palavras conhecidas pelo público; explicação de termos técnicos; combinação de frases curtas e longas; redundância como forma de retomar uma ideia anterior e fixar o conteúdo; evitar o uso de estrangeirismos, por dificultar a leitura do locutor; uso de siglas somente quando forem conhecidas, por exemplo, UFPI, IBGE e HEMOPI; além do uso de barras para auxiliar o apresentador no momento de pausar, finalizar uma frase ou o texto como um todo.

Diante dessa perspectiva, as emissoras devem ter ciência das especificidades do rádio, visto que a questão não é apenas produzir o conteúdo, mas é necessário conhecer suas características e particularidades, a fim de executar uma comunicação eficaz. Na acepção de Cabello (1995, p. 145), “a construção do texto radiofônico exige além de certa dose de correção gramatical, adequação técnico-lingüística concernente à estrutura do veículo do rádio. Trata-se de um texto peculiar, se comparado aos dos outros meios de comunicação”.

Portanto, assim como o jornal impresso, o portal e a TV apresentam vocabulário próprio, o rádio também exprime o seu, e de maneira complexa, pois trabalha com a voz e a imaginação do ouvinte durante suas transmissões. Nessa perspectiva, é relevante ressaltar que a linguagem radiofônica é composta por um conjunto de recursos, como a entonação, o ritmo, o improviso, as pausas e os sons complementares que, por sua vez, serão responsáveis não só pela compreensão, mas pela criação de imagens mentais, almejando tornar a comunicação efetiva entre quem fala e o outro que escuta.

Por sua vez, Oliveira *et al.* (2010) destacam que a sonoplastia também contribui para levar o ouvinte inconscientemente a vivenciar o que está sendo descrito, inclusive associando as suas experiências de vida e a sua visão de mundo, ao interagir diretamente com o imaginário do público.

Por essa razão, Barbosa Filho (2009) afirma que o rádio fala a milhões de pessoas ao mesmo tempo, mas de forma individual. Isso porque sua acessibilidade, dinamicidade, rapidez e mobilidade tornam-no uma potencialidade, não somente por adentrar o inconsciente do público, mas ser um espaço único, enquanto veículo de comunicação de massa, capaz de tornar simples aos ouvidos dos ouvintes informações que antes poderiam parecer complexas.

Assim, o cuidado com a linguagem radiofônica tem como objetivo final permitir a compreensão do ouvinte e manter a atenção dele durante a transmissão da mensagem, bem como facilitar a memorização do conteúdo veiculado. Em vista disso, Sena (2014, p. 2) acrescenta: “exigir demais do ouvinte não é objetivo do trabalho radiofônico. Isso porque o ouvinte só é capaz de receber frações de construções complexas”.

Dessa forma, o desafio das emissoras é conseguir associar uma linguagem acessível e atraente a uma grade de programação apazível, de modo que faça com que o ouvinte não deseje mudar de estação. Então, é importante destacar que além da linguagem, o rádio dispõe de outros aspectos que compõem a sua produção radiofônica, e devido à sua integração à internet, novos recursos e novas ferramentas complementam a produção de conteúdo das emissoras.

Logo, em virtude do crescimento do consumo de conteúdos de rádio em aparelhos e suportes digitais, Almeida e Magoni (2009) ratificam que embora a *web* tenha se expandido e disponibilizado ao veículo radiofônico uma plataforma multimídia complementar para melhorar o seu alcance, diversificar sua audiência e provocar algumas remodelagens em sua linguagem, nos modos de emissão e recepção, como também em toda a cadeia produtiva, o rádio continua sendo um meio de comunicação predominantemente sonoro.

Nessa perspectiva, Gomes (2016) enfatiza que é um processo natural a necessidade de as características do rádio evoluírem, uma vez que ao longo da história, o veículo precisou

adaptar-se diversas vezes e encontrar novos recursos para sobreviver em um mercado disputado pelo cinema, pelo jornal impresso, pela TV, e agora, pela internet. Assim, apesar de algumas reconfigurações, as características principais do rádio permaneceram.

É nesse sentido que Almeida e Magoni (2009) elencam seis recursos propiciados pela *web* ao rádio. São eles: institucionalidade; interatividade; aprofundamento da informação jornalística; multimídia; memória; e a personalização. A institucionalidade está relacionada à capacidade de uma rádio identificar-se institucionalmente diante dos ouvintes, ou seja, por meio de um site bem produzido, o público poderá conhecer detalhadamente a equipe, produtores e apresentadores de um programa, como também podem participar, ter acesso a fotos e vídeos das vozes que escutam. Além disso, poderão interagir, entrar em contato, acessar a programação completa e conhecer o espaço reservado à memória da emissora, onde estão disponíveis a história, os relatos e os registros de artistas, trechos de programas antigos, entre outros recursos.

A interatividade permite um vínculo mais próximo entre o ouvinte e a emissora, a partir de uma comunicação direta, por meio de ferramentas como fóruns de discussão, comentários, envio de *e-mails*, sugestões ou críticas.

Já o aprofundamento da informação jornalística é visto como uma alternativa para compensar a concorrência com o jornalismo digital, uma vez que o rádio não é mais o primeiro a dar a notícia, pois a internet é tão instantânea que as pessoas tendem a se informar primeiro pela *web*. Isso posto, as emissoras radiofônicas têm apostado no aprofundamento do conteúdo, com reportagens especiais e programas temáticos de debates.

A multimídia, por sua vez, seria a união de todos os meios de comunicação em um único, reunindo fotos, vídeos, textos e sons para transmitir a mesma informação.

A memória ou banco de dados alude ao armazenamento e à recuperação de informações em virtude da emissão e recepção instantânea das emissoras de rádio, uma vez que não dispõe de recursos para gravar todos os conteúdos e permitir que o público “volte” ou repita as informações de seu interesse, quando desejar. Nesse sentido, a internet oferece ao veículo radiofônico a possibilidade de armazenar os conteúdos com praticidade, facilidade de localização e recuperação instantânea dos dados.

Por último, a personalização ou recepção individualizada de conteúdos na internet é a possibilidade de o ouvinte montar sua própria programação, seja de rádio ou TV, ler somente o que for de seu interesse e acessar o conteúdo como desejar. Por cúmulo, o público pode receber informação do assunto que quiser e selecionar o que lê, ouve ou vê.

Para finalizar, percebe-se que diante desse novo momento e desafio vivenciado pelo rádio, as ferramentas e funcionalidades da internet incrementaram de maneira positiva a produção radiofônica, ao complementar suas características, aperfeiçoando-as e oferecendo aos ouvintes uma experiência diversificada, a partir da união dos atributos do rádio com as funcionalidades disponibilizadas pela *web*.

Nessa lógica, essas transformações contribuíram para o estabelecimento de uma nova revisão e reestruturação do veículo radiofônico, em virtude da demanda por uma nova estrutura narrativa, multimidiática e multiplataforma, fazendo surgir o conceito de rádio hipermediático, que será descrito na seção a seguir.

3.2 Rádio na ambiência digital

Ao longo do tempo, o caráter dinâmico do rádio e sua resiliência tem sido características importantes para a sua evolução e adaptação diante de cada nova tecnologia que surge como sua “concorrente”. Rádio educativo, rádio comercial, rádio público, rádio expandido, rádio na *web*, rádio hipermediático: são tantas classificações, tantas tentativas de conceituá-lo sob diferentes parâmetros e perspectivas, demonstrando a versatilidade e as muitas faces do veículo radiofônico.

As diferentes combinações, os diferentes cenários, as novas classificações, a remodelação das “velhas” características, o complemento por novos recursos, o som abrindo espaço para novas ferramentas e interagindo com novas funções, são aspectos que designam cada vez mais o poder do rádio de adaptar-se a qualquer desafio que o momento exige, usando a adversidade a seu favor e aperfeiçoando, inclusive, suas próprias características, sem perder a sua essência, o áudio.

Há 42 anos, na década de 1980, Gisela Ortriwano propôs uma discussão sobre a evolução do rádio a partir de suas características. De acordo com Gomes (2016), nesse período, o rádio já vivia um momento de sobrevivência diante da televisão e do impresso. Foi nessa época também que as redações dos jornais iniciaram a experimentação de digitalizar suas rotinas produtivas, uma vez que com a chegada dos microcomputadores, novos postos de trabalhos foram criados, e o processo de produção das notícias passou a ser mais ágil.

Segundo a classificação defendida por Ortriwano (1985), as características do rádio englobam oito categorias: oralidade; penetração; mobilidade; baixo custo; imediatismo; instantaneidade; sensorialidade; e autonomia. No entanto, por mais que essas definições sejam

“atemporais”, elas remodelam-se com o tempo, de acordo com o que o momento demanda. Para isso, basta fazer uma comparação entre o ontem e o hoje.

A oralidade, por exemplo, reputada como a principal característica do rádio, por trabalhar a voz, a “escuta” e a imaginação dos ouvintes, assume novos contornos. A propósito, Ferraretto (2014) argumenta que não se pode reduzir o rádio à oralidade, visto que a linguagem radiofônica engloba outros elementos, como a entonação, a música, os efeitos sonoros e o silêncio.

A penetração, antes relacionada à capacidade de o rádio chegar a lugares remotos, com ajuda das ondas eletromagnéticas, hoje, assume uma nova perspectiva. Em conformidade com Gomes e Santos (2017), o rádio encontrou na internet uma maneira de desenvolver suas programações e poder divulgá-las ao mundo. Nesse sentido, as emissoras radiofônicas não seriam apenas rádios locais, mas sim mundiais, com a chegada da internet.

A mobilidade, para Ortriwano (1985), estaria relacionada à rapidez do rádio em transmitir de qualquer lugar as informações no momento em que acontecem. Entretanto, atualmente, existem diversas formas de utilizar os meios comunicativos para manter-se informado: pode ser no bar, no trânsito ou até mesmo na cozinha. Da mesma forma, há diferentes formas para acessar os canais de comunicação, seja no carro, computador, celular ou *tablet*. Além disso, concebe-se maior interação das pessoas com esses meios, mediante acesso a informações e conteúdos de maneira rápida (FERREIRA, 2018).

O baixo custo, conforme a referida autora, seria a facilidade de aquisição dos aparelhos radiofônicos e o investimento para a produção de conteúdo. Hoje, segundo Galvão Júnior (2018), estaria relacionado à viabilidade de ser encontrada nos aparatos tecnológicos, como computador, *tablets* e celulares.

O imediatismo e a instantaneidade, para Ortriwano (1985), seria a possibilidade de transmitir um acontecimento no momento em que acontece, e o ouvinte receber a informação no mesmo instante. Ao encontro dessa perspectiva, Ferraretto (2014) ressaltou a fugacidade do conteúdo radiofônico durante a década de 1990, quando para o ouvinte, as informações deixavam de existir no próximo instante em que eram substituídas por outras. Desse modo, o supracitado autor enfatiza que a internet e as tecnologias a ela associadas modificaram a realidade, pois agora o conteúdo transmitido é disponibilizado *on-line* ou produzido exclusivamente como *podcast*.

A sensorialidade, por sua vez, estaria relacionada à capacidade de o rádio despertar reações e sensações, e a partir da imaginação, criar na mente do ouvinte imagens a cerca daquilo

que está sendo narrado. Galvão Júnior (2018) enfatiza que os estímulos provocados pelo rádio fazem com que o público estabeleça na mente uma espécie de diálogo presencial com o emissor.

Em contrapartida, Gomes (2016) salienta que hoje, em virtude da internet, é possível acompanhar tudo ao vivo, ver os locutores, sentir-se envolvido pelos recursos sonoros, como as trilhas e as músicas, por intermédio de novas plataformas, como o celular, o computador ou o *tablet*.

A última característica proposta por Ortriwano (1985) é a autonomia, que se refere ao rádio livre de fios ou tomadas, possibilitando ao ouvinte, onde estiver, ouvir uma emissora radiofônica. Nesse sentido, Ferraretto (2014) descreve que na passagem do século XX para o XXI, o conceito de veículo radiofônico precisou ser repensado, em virtude de não se restringir mais às transmissões hertzianas, dada a existência de um leque de possibilidades para ouvir rádio, seja pela TV por assinatura, via satélite, parabólica, em AM ou FM, na internet, com o surgimento das estações *on-line*, ou por meio de equipamentos para recepção, como radinhos transistorizados, celular, computador ou *players* de mp3.

Assim, as características propostas por Ortriwano (1985) comprovam como o rádio passou por uma “revisão” e foi aperfeiçoado pela internet. A cada característica elencada e discutida, nota-se uma remodelação positiva que melhorou a *performance* do rádio nesse novo cenário conectado. De certa forma, cria-se uma espécie de paradoxo sobre como um veículo de comunicação tão antigo pode ser tão atual, com capacidade de usar cada desafio a seu favor.

Ao partir da premissa de que o veículo radiofônico foi “aprimorado” pela internet e não “modificado”, adentra-se na discussão de rádio hipermidiático proposto por Lopez (2010). Consoante a referida pesquisadora, esse modelo apresenta diversas linguagens, diferentes suportes, mas ainda mantém no áudio o seu foco. Essa mudança proporciona uma nova estrutura, com complementação e ampliação das informações, com o uso de imagens estáticas e em movimento, áudios e textos complementares, infografia, infografia multimídia e exploração da hipertextualidade. Ademais, é importante enfatizar que não se trata de uma desconfiguração do jornalismo de rádio, transformando-se em *webjornalismo*, mas uso das ferramentas multimídia como complementação ao conteúdo que vai ao ar na emissora.

De acordo com Cordeiro (2004), esse modelo multimidiático é resultado de uma tendência integradora de meios, daí porque o rádio passa a oferecer serviços que incluem som, elementos visuais e escritos, e junta-se a outros media para fazer-se presente e buscar responder aos anseios e às solicitações do público.

Em consonância com a supracitada autora, cada estação que coloca a sua página *on-line* deveria pensar nas vantagens multimídia e apropriar-se das combinações possíveis entre som e imagem, oferecendo a possibilidade de escutar material áudio em arquivo.

Por oportuno, é relevante dar destaque ao conceito de multimídia, tão falado e difundido na perspectiva de rádio hipermediático. Ao levar em consideração que essa pesquisa trata de um estudo dos produtos jornalísticos de cinco emissoras universitárias na internet, e entendendo que, de acordo com o conceito de Salaverría (2014), mesmo que seja uma característica do *webjornalismo*, contempla a definição do respectivo recurso, discorre-se que segundo o referido autor, trata-se de uma combinação de texto, som e imagens. Assim, o conteúdo pode expressar-se por meio de um único de tipo de linguagem, como foto, texto e vídeo, ou a partir de vários tipos de linguagem, simultaneamente.

Dessa maneira, dialogando com Lopez (2010) e Cordeiro (2004), Teixeira (2013) define que o radiojornalismo hipermediático parte de múltiplas plataformas imersas no ecossistema comunicativo, sendo capaz de produzir conteúdos noticiosos levando em consideração não somente a força e a forma da sonoridade, mas sendo elemento resultante da digitalização, em que muitos indivíduos podem produzir conteúdos para tantos outros – de caráter não somente sonoro, mas textual, audiovisual e infográfico – resultando em conteúdos multimidiáticos que vão ao encontro de uma linguagem expandida (hipertextual), contando com a participação interativa do ouvinte.

Todavia, ao tomar como principal o conceito de rádio hipermediático proposto por Lopez (2010), depreende-se que o veículo radiofônico precisa pensar a informação a partir de uma perspectiva visual, sendo necessário ler os acontecimentos sob um olhar técnico e tecnologicamente mais amplo, devendo manter a sua essência, mesmo que precise atrair uma nova parcela do público. Isso significa que o áudio, enquanto característica radiofônica principal, deve ser independente e, ao mesmo tempo, complementar, uma vez que nem todo ouvinte vai poder ou querer buscar um aprofundamento, múltiplas linguagens, seja por meio do rádio digital ou do suporte da emissora na *web*.

Nesse sentido, a referida autora ainda reforça que o áudio continua a ser a ferramenta narrativa essencial do rádio digital, e deve continuar, independentemente das demais estratégias e plataformas nas quais está presente. Isso porque as características multiplataformas e hipermediáticas devem permanecer como complementares, visto que o ouvinte ainda é ouvinte e consome o conteúdo radiofônico pelos meios tradicionais, e quando deseja se aprofundar em uma informação, recorre aos dispositivos móveis.

A partir dessa perspectiva, um ponto que merece destaque é a premissa de que o rádio hipermediático está diretamente atrelado à convergência midiática. Isso porque Quadros e Lopez (2013) ressaem que esse processo tem influência significativa na comunicação radiofônica, a ponto de provocar transformações nas principais características do meio, uma vez que as mídias tradicionais tendem a se fundir às modernas mídias digitais, e no caso do rádio, na medida em que se integra e se apropria dos recursos da comunicação, mediado pelo computador, suas próprias características alteram-se e moldam-se a uma nova linguagem.

Por convergência midiática Jenkins (2009) define o fenômeno marcado pela unificação de serviços midiáticos que anteriormente eram disponibilizados separadamente. O celular, por exemplo, oferece várias ferramentas, como rádio, TV, aplicativos de filmes, fotos e livros em um único aparelho. Isso significa que a convergência contempla a transformação tanto na maneira de produzir quanto na forma de consumir os meios de comunicação, alterando a relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e públicos. Assim, as antigas e as novas mídias passam a interagir de maneiras cada vez mais complexas, e o fluxo de conteúdos acontece mediante múltiplas plataformas de mídia, assim como a cooperação entre diversos mercados midiáticos e o comportamento migratório dos públicos dos veículos de comunicação, em busca das experiências de entretenimento que desejam.

Por essa razão, Quadros e Lopez (2013) enfatizam que os avanços tecnológicos obrigaram o rádio, enquanto mídia tradicional, a adaptar-se e estruturar-se. Apesar disso, o foco do rádio hipermediático concentra-se no áudio, mesmo explorando os recursos e as ferramentas disponibilizados pela tecnologia da informação e comunicação. As referidas autoras ainda elencam algumas das transformações sofridas pelo veículo radiofônico, como: disponibilização de arquivos em *podcast*; conteúdos multimídia complementares; maior alcance geográfico; interatividade, que por meio das tecnologias digitais, ampliou as formas de interação entre o ouvinte e a emissora, e passou a levar em consideração outros espaços onde o rádio se faz presente, como os sites institucionais, as redes sociais, os aplicativos de celular e os programas de bate-papo.

Notou-se que as supracitadas autoras retomaram, inclusive de maneira aperfeiçoada, algumas das características defendidas por Ortriwano (1985), como a instantaneidade, que é fortalecida na medida em que a informação apurada pelo rádio ganha novos canais para transmissão imediata; e a penetração, que ganha novas formas, com a integração do rádio à internet, facultando a transmissão via *streaming* para qualquer lugar do mundo.

Por sinal, Lopez (2010) discorre que essas inovações são frutos de um novo perfil de público, mais ativo, participativo e dinâmico, que provoca mudança até nas rotinas do jornalista,

que passa a contar com novas ferramentas, mas também com novas demandas, devido à adoção do jornalismo de fonte aberta, ou seja, à procura por novas estruturas narrativas, multimídiaicas e multiplataformas, que requerem a complementação e a ampliação do conteúdo, exigindo do profissional de jornalismo a reformulação em suas rotinas e o investimento em novas habilidades e competências. Isso porque a produção radiofônica passa a ser composta por uma narrativa multimídia, orientada para o novo público, visando a atender às demandas de tempo, linguagem, conteúdo e forma.

Nesse sentido, a supracitada autora reforça que o rádio não está atrasado em relação à evolução tecnológica ou à velocidade das sociedades contemporâneas. Longe disso, constitui-se, hoje, como um veículo de comunicação essencial, dada a capacidade de aliar suas características iniciais de mobilidade e factualidade às geradas pelas inovações tecnológicas, como a narrativa multimídia, produção e transmissão multiplataforma.

Portanto, para finalizar, o rádio hipermidiático é um conceito necessário para pensar o rádio nessa nova era da informação, rompendo os “pré-conceitos”, já que ao se integrar às novas plataformas e explorar os novos recursos e as novas ferramentas, o veículo radiofônico acabaria perdendo a sua essência, quando, na verdade, as características da *web*, somadas aos produtos radiofônicos, enriquecem a informação que está sendo veiculada, especialmente nesse momento de pandemia.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Neste capítulo, detalha-se o percurso metodológico percorrido nesse primeiro momento da pesquisa, apresentando os objetivos do trabalho e a sua correlação com os instrumentos e as técnicas, a fim de responder ao problema central deste estudo: como a cobertura jornalística da pandemia de Covid-19 foi realizada por rádios universitárias federais que possuem serviço de *streaming*?

Para tanto, abre-se espaço para mostrar o tipo de pesquisa realizada e suas características, como se deu a definição dos observáveis e *corpus*, como foi desenvolvida a coleta de dados e as categorias de análise, e como se caracterizam as rádios selecionadas para esta investigação.

É oportuno destacar que primeiramente, realizou-se uma busca dos trabalhos desenvolvidos no Brasil, relacionados à atuação das rádios universitárias durante a pandemia, sendo encontrados poucos estudos sobre essa temática. Em face dessa realidade, percebe-se que ainda existe uma escassez de trabalhos sobre essas emissoras no combate à Covid-19.

Portanto, ao definir o tema e local de estudo, estabeleceu-se que o objetivo geral deste trabalho consiste em analisar a cobertura da pandemia de Covid-19 em programas jornalísticos radiofônicos disponibilizados na internet por cinco rádios universitárias federais das principais regiões do Brasil.

No que se refere aos objetivos específicos, foram estabelecidos cinco: mapear os programas jornalísticos produzidos por cinco rádios universitárias federais, referentes à cobertura da pandemia Covid-19, disponíveis na internet; descrever a estrutura dos programas, no tocante ao coronavírus; identificar as características dos recursos da *web* nas emissoras; categorizar os conteúdos jornalísticos em gênero e formato radiofônico nos programas referentes à Covid-19; analisar os modelos de cobertura jornalística, no primeiro ano da pandemia, realizada pelas rádios universitárias federais.

Nas seções a seguir, descreve-se com maior detalhe como alcançar cada objetivo listado acima.

4.1 Características da pesquisa

Esta pesquisa tem caráter quali-quantitativo, natureza exploratória e descritiva, recorrendo à metodologia mista para desenvolver um estudo comparativo entre cinco emissoras universitárias federais localizadas em diferentes regiões do Brasil, respectivamente: UNIFAP

FM (UNIFAP); Rádio Universitária AM (UFG); FURG FM (FURG); Rádio Paulo Freire AM (UFPE); e UFMG Educativa (UFMG).

4.1.1 O estudo quali-quantitativo

Para Souza (2018), a combinação entre os métodos quantitativos e qualitativos possibilita o uso mais compreensivo das pesquisas, ao invés da utilização isolada ou da metodologia qualitativa ou quantitativa.

Tendo isso em vista, o primeiro método empregado foi o quantitativo, para contabilizar e identificar as rádios universitárias federais do Brasil e quais delas possuíam programas jornalísticos em suas programações. Em seguida, aplicou-se a metodologia qualitativa, visando a encontrar as emissoras e os programas jornalísticos que contemplavam as temáticas referentes à Covid-19 e se encaixavam no período de tempo estabelecido para a análise.

Por serem consideradas opostas, a combinação dessas duas metodologias ainda é pouco aplicada pela maioria dos pesquisadores. No entendimento de Scheneider, Fujii e Corazza (2017), a soma dos métodos quantitativos e qualitativos favorece o enriquecimento da investigação, por se complementarem na análise dos objetos de estudos, mas precisa ser melhor difundida, principalmente nos cursos de pós-graduação nacionais.

Ainda nessa perspectiva, Minayo (2002) reforça que o agrupamento de dados qualitativos e quantitativos não se opõe, mas se complementam, uma vez que a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, e assim, eliminam qualquer oposição.

Portanto, embora existam algumas divergências entre os autores sobre a combinação dos dois estilos de pesquisa, o método misto, segundo Creswell (2007), tem-se expandido cada vez mais entre os pesquisadores e já existem, inclusive, “estratégias” divididas em seis categorias para a coleta de dados: explanatória; exploratória; transformadora (sequencial e concomitante); aninhada e triangulação.

A explanatória caracteriza-se pela coleta e análise de dados quantitativos seguida pela coleta e análise de dados qualitativos, com o intento de usar os resultados qualitativos para interpretar os resultados de um estudo quantitativo.

A exploratória, por sua vez, é dividida em duas fases: a primeira coleta e análise de dados qualitativos; a segunda, de coleta e análise de dados quantitativos, tem como objetivo usar os dados e resultados quantitativos para interpretar os resultados qualitativos.

O modelo transformador sequencial também é dividido em duas fases distintas de coletas de dados, contudo, qualquer um dos métodos (qualitativo ou quantitativo) podem ser

utilizados primeiro. Seu objetivo é empregar metodologias que atendam à perspectiva teórica do pesquisador.

Por conseguinte, a estratégia transformadora concomitante é aquela que pode assumir características de um projeto de triangulação ou de um método aninhado. Isso significa que os dois tipos de dados são coletados ao mesmo tempo, em uma fase de coleta de dados, e podem ter prioridade igual ou desigual.

A estratégia aninhada, assim como o método de triangulação, traduz-se na coleta de dados em uma fase, durante a qual dados quantitativos e qualitativos são reunidos simultaneamente, embora exista um método predominante que guia o projeto.

Por fim, a estratégia de triangulação corresponde a coletar dados qualitativos e quantitativos simultaneamente, com o intuito de comparar o resultado das análises. É um modelo tradicional bastante popular entre os pesquisadores.

4.1.2 O estudo comparativo

O método comparativo é aquele que permite investigar dois ou mais objetos a partir da comparação de resultados. Para Fachin (2006), o estudo comparativo equivale a examinar coisas ou fatos e tentar explicá-los a partir de suas semelhanças ou diferenças. Isso posto, a metodologia comparativa frequentemente contempla duas séries ou fatos de natureza análoga com o fito de descobrir o que existe de comum entre ambos.

É nesse sentido que o método comparativo se torna essencial na construção do conhecimento, principalmente na área das ciências sociais. Coadunando Schneider e Schmitt (1998, p. 1): “[...] a comparação aparece como sendo inerente a qualquer pesquisa no campo das ciências sociais, esteja ela direcionada para a compreensão de um evento singular ou voltada para o estudo de uma série de casos previamente escolhidos”.

Complementando esse pensamento, Satori (1994), enfatiza que comparar denota confrontar uma coisa com outra. É, pois, uma metodologia utilizada para controlar as generalizações e representa um método das ciências sociais em geral.

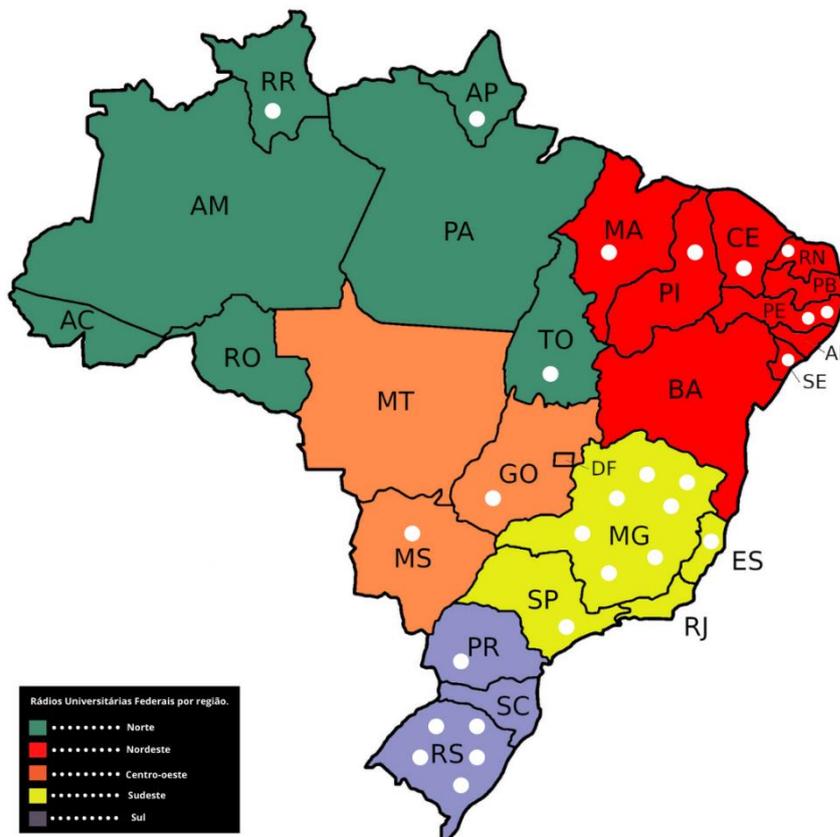
Portanto, visando a identificar as semelhanças e diferenças que caracterizam a cobertura jornalística da pandemia de Covid-19 pelas cinco emissoras selecionadas para esta pesquisa, quais sejam UNIFAP FM (UNIFAP), Rádio Universitária AM (UFG), FURG FM (FURG), Rádio Paulo Freire AM (UFPE) e UFMG Educativa (UFMG), essa metodologia também será aplicada a este trabalho.

4.2 Definição dos observáveis

Após a definição do tema desta pesquisa, em virtude de ser um momento vivenciado academicamente, da possibilidade de uma nova temática de estudos consolidando-se e da existência de poucos trabalhos referentes às rádios universitárias no combate à pandemia de Covid-19 no Brasil, realizou-se, primeiramente, em setembro de 2021, uma busca pelas universidades federais do País. Com ajuda do site PEBSP.com, destinado ao compartilhamento de conteúdos relevantes para professores e demais profissionais da área da educação, encontrou-se uma lista do ano de 2020 dessas instituições de ensino, divididas por estado e Região.¹⁰

A partir de então, recorreu-se ao site de cada universidade e ao uso de palavras-chave (rádio + sigla da universidade), para identificar quais das instituições encontradas possuíam emissora de rádio e, com isso, quantificar as emissoras universitárias federais do Brasil.

Figura 1 – Mapa das rádios universitárias federais no Brasil, por região



Fonte: editado e organizado pela autora (2022), com base em InfoEscola (200?).

¹⁰ A lista com as universidades federais pode ser consultada no Anexo A deste trabalho.

Ao todo, encontraram-se 27 emissoras¹¹ vinculadas às universidades federais brasileiras, sendo: nove estão na Região Sudeste; sete, no Nordeste; seis, no Sul; três, no Norte; e duas, no Centro-Oeste. Após serem identificadas, as rádios passaram por uma seleção até chegar à quantidade necessária para realizar este estudo.

Após detectadas as emissoras, seguiu-se para um segundo momento: o mapeamento de programas jornalísticos produzidos pelas próprias rádios, a partir da observação das grades de programações disponíveis em seus sites, levando em consideração o conceito de gênero jornalístico e gêneros no rádio apresentado por Barbosa Filho (2009), uma vez que esse autor propõe sete categorias para classificar os programas em rádio, a saber: o jornalístico ou informativo; publicitário ou comercial; propagandístico; serviço; entretenimento; especial; e educativo-cultural.

É notável reforçar que o gênero jornalístico ou informativo é aquele que utiliza o rádio como instrumento para manter o público atualizado, por meio de divulgação, acompanhamento e análise dos acontecimentos, dividindo-se em 14 formatos, quais sejam: nota; boletim; reportagem; notícia; entrevista; comentário; crônica; editorial; debate ou mesa-redonda; radiojornal; documentário jornalístico; programa esportivo; programa policial; e divulgação técnico-científica.

A *nota* tem duração de 40 segundos, para informar sinteticamente um fato/acontecimento; o *boletim* é um pequeno informativo distribuído ao longo da programação com, no máximo cinco minutos, trazendo as principais notícias do dia; a *reportagem* é a matéria mais elaborada, específica e aprofundada sobre determinado tema, constituída de entrevistas, externas e opinião do repórter. A *notícia* trata-se de uma espécie de modelo básico da informação, matéria mais curta, mais direta sobre determinado assunto, com duração, em média, de um minuto e trinta segundos. A *entrevista* é um depoimento coletado por um ou mais repórteres, tanto em estúdio quanto em externas – “representa uma das principais fontes de coleta de informação de um jornal e está presente, direta ou indiretamente, na maioria das matérias jornalísticas. É vista por muitos como uma arte que precisa de técnicas adequadas no processo de apuração e investigação” (BARBOSA FILHO, 2009, p. 93).

Em seguida, aparece o *comentário*, muito frequente em programas jornalísticos e musicais, no qual são acrescentados detalhes ou até mesmo opiniões sobre determinado assunto/tema. “A principal função do comentário reside, apropriadamente, no seu conteúdo opinativo, que sugere conhecimento especializado” (BARBOSA FILHO, 2009, p. 96).

¹¹ A lista de emissoras universitárias federais está disponível no apêndice A ao final do trabalho.

A *crônica* é um formato que apresenta liberdade para escolher a temática que se deseja abordar e expressar opinião sobre o assunto; o *editorial* representa a opinião de determinada instituição ou veículo sobre certo assunto, caracteriza-se como texto opinativo, escrito de maneira impessoal, sem identificação do autor. O *debate ou mesa-redonda* é mediado por um apresentador, correspondendo a um formato que reúne personalidades especialistas em determinado assunto para debater pontos de vista diferentes a respeito de um ou mais temas – indica-se que essas apresentações sejam ao vivo ou pelo menos tenham aparência de ao vivo (BARBOSA FILHO, 2009).

O *radiojornal* é um programa dividido em seções diferentes, como economia, cultura, política, esportes, e apresenta em sua composição outros formatos jornalísticos que incluem notas, notícias, reportagens, comentários e crônicas, sendo exibido diariamente, sempre no mesmo horário. O *documentário jornalístico* apresenta elementos de outros gêneros, como entrevistas, depoimentos pessoais, opiniões, dramatização de textos e acontecimentos. É recomendado o uso de músicas e efeitos, daí porque é chamado de *formato híbrido*. “Constitui verdadeira análise sobre tema específico. Tem como função aprofundar determinado assunto construído com a participação de um repórter condutor” (BARBOSA FILHO, 2009, p. 102).

O *programa esportivo* pode ser de cunho jornalístico, como as mesas redondas e os boletins, também se encaixando nessa categoria as transmissões de eventos esportivos, sobretudo relacionados ao futebol. O *programa policial* é conduzido por um jornalista especialista no tema, podendo ser apresentado de modo independente ou vinculado a radiojornais, com o objetivo de cobrir acontecimentos policiais a partir de reportagens, entrevistas, comentários e notícias. A *divulgação técnico-científica* tem a função de divulgar e, conseqüentemente, manter a sociedade informada sobre o mundo da ciência, com roteiros apropriados e linguagem que seja acessível à maioria da população. Podem ser produzidos em formato de programas radiofônicos com duração e periodicidade fixas, ou como boletins (BARBOSA FILHO, 2009).

O *gênero publicitário ou comercial* é um estilo que utiliza o espaço radiofônico para vender produtos e serviços, cujos formatos incluem o *jingle*, anúncio criado para cativar o público, por meio de letras e melodias fáceis de serem assimiladas e recordadas pelo ouvinte, com o objetivo de promover uma marca, um produto ou até mesmo uma campanha, como as do Ministério da Saúde sobre doação de sangue, que costumam ser veiculadas; o formato *testemunhal* é um estilo de publicidade que aproveita a credibilidade dos apresentadores ou animadores dos programas, devido ao seu convencimento junto ao público para divulgar uma marca ou um produto; o *spot* é uma gravação curta, com duração de trinta a 48 segundos, que

divulga uma mensagem institucional, podendo ser usados elementos ficcionais, humorísticos, entre outros, sendo muito comum encontrá-los abordando temáticas como violência sexual, preservação da água, vacinação. Por último, a *peça de promoção* relaciona-se a uma estratégia que visa a aumentar a influência de determinada programação radiofônica junto ao público e a maior parte da audiência. Geralmente, os patrocinadores têm um espaço reservado na programação para divulgar sua mensagem, podendo ser chamadas promocionais de curta duração ou janelas promocionais, com a participação de animadores e de público, cujo pagamento é feito por meio de produtos (BARBOSA FILHO, 2009).

O *gênero propagandístico* trabalha com a perspectiva de que o rádio é um espaço de manipulação do comportamento, já que as propagandas divulgam ideias, crenças, princípios e doutrinas. Seus formatos incluem: a *peça radiofônica de ação pública*, que tem como propósito divulgar e esclarecer a opinião pública sobre ações, ideias e projetos das instâncias de poder em nível federal, municipal e estadual, a exemplo das propagandas governamentais, que buscam trabalhar suas imagens para conseguir aceitação popular; os *programas eleitorais*, de caráter sazonal, costumam dar suporte às propostas dos candidatos à eleição, com a divulgação de nomes e números no período que antecede as eleições; por fim, o *programa religioso*, que é um formato que contempla a divulgação de ideias e preceitos de doutrinas ou seitas religiosas.

O gênero *serviço* constitui-se a partir de informativos de apoio às necessidades reais e imediatas de parte ou de toda a população, ao alcance do sinal de transmissão do rádio. Seus formatos são: *notas de utilidade pública*, um informativo de curta duração, visando a alertar a população sobre prazos, eventos e serviços públicos; o *programete de serviço* é aquele que traz aconselhamentos diversos sobre cuidados com a saúde, cidadania, investimentos, entre outras temáticas; por último, o *programa de serviço* apresenta temas de interesse público, como venda de imóveis, liquidações, negócios automotivos, entre outros.

O gênero de *entretenimento* apresenta caráter diversional, e ocupa a maior parte da programação nas emissoras de rádio, com características ligadas ao universo imaginário, causando proximidade entre a mensagem e o receptor. Esse gênero possibilita explorar a linguagem do áudio em comparação com outros gêneros, e tem uma capacidade maior de oferta de informação e interação com o público (BARBOSA FILHO, 2009).

Seus formatos dividem-se em: *programa musical* – estilo que tem como peça principal a música, com conteúdo e plástica diferenciados, abrindo espaço para a propagação de obras dos mais diferentes gêneros, desde o erudito ao popular. Geralmente, são programas para segmentos de públicos cujo conteúdo privilegia a discussão de tendências, *performances* de artistas e músicos com seus repertórios.

A programação musical assume o formato de um grande painel musical, caracterizado por execuções musicais em sequência. Em alguns casos, a programação é corrida, sem interrupções; em outros, é dividida em blocos, e entre uma passagem e outra, são envolvidos por anúncios comerciais, de serviço e jornalístico (BARBOSA FILHO, 2009).

Os *programas ficcionais* apresentam formato em que se constroem ambientes e personagens por meio de recursos da linguagem sonora e radiofônica, como a música, os efeitos, as vozes, e a partir disso, demonstra histórias reais ou fictícias. Pertencem a dois grupos: o drama e o humor. O primeiro divide-se em unitário, seriado e radionovela; o segundo, em peça radiofônica, programas de humor e programetes de humor.

Em seguida, aparece o *programete artístico*, também conhecido como “drops”, com curta duração e intenção de sintetizar determinado assunto de maneira ágil e dinâmica. O seu conteúdo tem conotação artística e pode ser apresentado como entrevista, comentários e músicas. O *evento artístico* está relacionado à transmissão ao vivo de eventos artísticos de caráter público; enquanto o *programa interativo* de entretenimento consiste em um conjunto de ações de cunho diversional que conta com a presença de ouvintes para a participação em jogos, gincanas, programas de perguntas e respostas, e brincadeiras, em que são contempladas com brindes (BARBOSA FILHO, 2009).

O gênero especial, diferentemente dos demais, não possui função específica, mas várias funções ao mesmo tempo. Conhecido como híbrido, caracteriza-se por ser multifuncional. Dentre seus formatos, destacam-se dois: o *programa infantil*, para divertir, educar e informar as crianças, oferecendo informações sobre temas de interesse infantil, brincadeiras, jogos, músicas e adaptações de histórias; e os *programas de variedades*, que geralmente assumem o formato de radio-revistas, apresentando múltiplas informações de caráter diferenciado (BARBOSA, 2009).

Por fim, o gênero *educativo-cultural*, que compreende a transmissão de programas de caráter educativo e cultural que utilizam o rádio por sua capacidade de penetração na sociedade com o intuito de instruir e educar a população. Dividindo-se da seguinte forma: instrucional, documentário educativo-cultural, autobiográfico e programa temático. O *programa instrucional* faz parte de uma estratégia pedagógica que se utiliza de recursos diversionais do rádio, sendo utilizado como suporte para cursos de idiomas, disciplinas básicas, como história, geografia, artes, geralmente acompanhadas por material impresso de apoio como forma de complementar as informações repassadas pelo rádio.

O *documentário educativo-cultural* é voltado para temas artísticos, históricos, sociais e culturais. Assim como os documentários jornalísticos, pode utilizar diferentes recursos em sua

produção. Na acepção de Barbosa (2009), costuma ter entre meia e uma hora de duração, e sua produção deve conter toda uma roteirização, acompanhada de elementos sonoros, trilhas, efeitos e vinhetas, assemelhando-se a um documentário jornalístico, diferenciando-se apenas na função e no conteúdo.

A *autobiografia* alude a um formato que se concentra em discutir a vida e obra de determinada personalidade, não se restringindo somente a cantores, escritores, mas a uma figura de qualquer área do conhecimento. É importante destacar que ao levar em consideração o fato de que os gêneros não podem ser classificados de maneira rígida, um programa nesse formato, inclusive, pode ser caracterizado dentro do gênero *entretenimento*, se acontecer de apresentar características diversionais ou até mesmo for direcionado a discutir obras musicais de artistas que fizeram sucesso em determinada época.

Já os *programas temáticos*, de acordo com Barbosa Filho (2009), têm um estilo voltado para a discussão de temáticas e produção do conhecimento, a exemplo de programas de caráter científico, literário, artístico, filosófico, da saúde, e assim por diante, os quais são veiculados principalmente dentro da grade de programação de emissoras educativas. Segundo o referido autor, esse formato está praticamente sumido da programação das emissoras comerciais.

Para finalizar, é relevante enfatizar que a compreensão do conceito e das classificações dos gêneros e formatos radiofônicos ensejam uma tentativa de compreender não somente a dinâmica de produção de uma emissora, mas se a rádio realmente está cumprindo com a sua missão, enquanto pública ou privada, educativa ou comunitária; demonstrando quais estilos têm maior influência dentro dessa programação; se está mais voltada ao entretenimento, publicitário ou educativo, uma vez que cada programa não é produzido por acaso e a partir do momento em que são classificados, entende-se a sua função e finalidade dentro de uma programação, bem como a sua veiculação ao público.

Nesse sentido, como este trabalho, que se propõe a estudar a cobertura jornalística da Covid-19 pelas emissoras universitárias, buscou-se, primeiramente, descrever as características do gênero jornalístico. Durante o percurso de busca por esses programas, desvelaram-se algumas dificuldades, que acabaram contribuindo para a filtragem das rádios utilizadas nesta pesquisa, uma vez que havia sites desatualizados, outros em que os arquivos disponíveis eram datados de antes da pandemia ou eram insuficientes para o período de análise, além de que algumas emissoras não tinham site e apenas mantinham um perfil em plataformas de áudio, como a RádiosNet, para reproduzir a programação ao vivo.

Em alguns casos, as rádios atuavam com transmissão via *streaming* ao vivo, e em seus sites, não disponibilizavam arquivos para serem ouvidos posteriormente. Em outras ocasiões,

havia somente a tabela com a programação semanal e a história da emissora, não sendo possível ouvir ao vivo, pois o *plugin*, ao clicar, dava erro ou não aparecia na página. Em outros casos, era possível ter acesso somente à grade de programação semanal e descrição dos programas.

Logo, como citado anteriormente, em decorrência das dificuldades encontradas durante o levantamento das programações no site das rádios universitárias federais, do total de 27 emissoras, 18 foram eliminadas¹² do estudo.

Destarte, seguiu-se em busca das emissoras restantes que possuíam programas jornalísticos que contemplassem temáticas relacionadas à Covid-19. Ao término, quantificaram-se nove rádios, designadas na Tabela 1.

Tabela 1 – Programas jornalísticos com temas sobre a Covid-19

Rádio	Programa	Formato
Universitária FM-(UFC)	Jornal da Universitária	Radiojornal
Rádio Educativa-UFMS-(UFMS)	Radiojornal UFMS	Radiojornal
Rádio FURG FM- (FURG)	FM CAFÉ	Entrevista
Rádio UFSCAR-UFSCAR	Rádio UFSCARao vivo	Entrevista
Rádio Universitária-(UFG)	Universidade informa	Boletim
Rádio UNIFAP FM – (UNIFAP)	<i>UNIFAP no ar</i>	Boletim
Rádio Universidade FM-UFMA	Jornal Rádio Universidade	Radiojornal
Rádio UFMG Educativa-(UFMG)	Outra estação	Comentário
Rádio Paulo Freire AM-(UFPE)	Fora da curva	Entrevista

Fonte: elaborada pela autora (2022).

Por último, após a identificação das emissoras que restaram e do mapeamento de suas programações, rastreando programas jornalísticos que contemplassem temáticas relacionadas à pandemia da Covid-19, partiu-se para a procura de rádios que se encaixassem no período de análise estabelecido, chegando-se às cinco emissoras finais, representantes de cada Região do país: representando o Norte, a UNIFAP FM (UNIFAP); o Nordeste, a Rádio Paulo Freire AM (UFPE); o Centro-Oeste, a Rádio Universitária AM (UFG); o Sudeste, a UFMG Educativa (UFMG); e o sul; a FURG FM (FURG).

4.3 Coleta de dados e categorias de análise

Depois do processo de seleção das emissoras, a próxima fase consistiu na coleta e análise dos dados. Nessa etapa, concebem-se dois objetivos específicos: no primeiro momento, examinar a estrutura dos programas e classificar os conteúdos jornalísticos a partir de conceitos

¹² No apêndice B, é possível consultar a tabela com as informações das emissoras não selecionadas.

e critérios estabelecidos; em seguida, comparar a produção jornalística de cada emissora analisada, tendo em vista os resultados obtidos.

Para isso, optou-se por analisar a cobertura jornalística da pandemia durante os cinco primeiros meses de 2020, tanto por ser uma situação nova, vivenciada mundialmente e que causou impactos nos mais diferentes segmentos, quanto pela necessidade de readequação das atividades das emissoras universitárias para continuarem levando conhecimento e informação ao público, especialmente nesse momento de pânico.

A proposta inicial consistia em examinar os programas jornalísticos durante uma semana, de segunda a sexta-feira, e a cada emissora, seria atribuído um mês, contando a partir de março e encerrando em julho. Contudo, por ser um período de adaptação, não havia regularidade nas programações, e a quantidade de programas não eram suficientes para a análise.

Assim, decidiu-se trabalhar com a metodologia da semana mista, selecionando programas de segunda a sexta-feira, cada dia de uma semana diferente. Porém, novamente, a frequência dos produtos radiofônicos não coincidia com o espaço de tempo estabelecido.

Assim, a solução encontrada foi montar a maior quantidade de semanas mistas dentro do período de tempo determinado para a coleta de dados de cada emissora para, em seguida, analisar uma edição de cada programa selecionado para esta pesquisa.

Isso posto, a coleta de dados das cinco emissoras corresponde ao período entre 18 de março e 18 de agosto de 2020. Nesse interstício, unindo uma edição de cada programa, foi possível montar três semanas mistas, uma em maio, outra em junho e a terceira em julho. É oportuno destacar que alguns dos programas permitiam o *download*, enquanto os demais foram ouvidos *on-line*. As tabelas a seguir exemplificam melhor o período de coleta de dados e análise.

Tabela 2 – Cronograma de coleta de dados das emissoras universitárias

EMISSORA	COLETA DE DADOS
Rádio UFMG Educativa-(UFMG)	19/03/2020 até 13/08/2020
Rádio Paulo Freire AM-(UFPE)	20/03/2020 até 18/08/2020
Rádio FURG FM- (FURG)	04/05/2020 até 18/08/2020
Rádio UNIFAP FM-(UNIFAP)	22/05/2020 até 18/08/2020
Rádio Universitária-(UFG)	25/05/2020 até 18/08/2020

Fonte: elaborada pela autora (2022).

Diante das datas apresentadas na Tabela 1, é importante salientar que apesar do período definido para a coleta de dados, alguns dos programas selecionados que se adequaram aos

critérios de seleção deste trabalho iniciaram-se apenas em maio. Com isso, após coletar os dados, partiu-se para a montagem das semanas mistas dentro do período de tempo estabelecido.

As tabelas a seguir detalham isso melhor.

Tabela 3 – Semana mista de maio

Data	25.05.2020	26.05.2020	27.05.2020	28.05.2020	29.05.2020
Programa	Fora da curva	FM Café	UNIFAP No Ar	Outra estação	Universitária informa
Emissora	Rádio Paulo Freire (UFPE)	Rádio FURG FM	Rádio UNIFAP FM	Rádio UFMG Educativa	Rádio Universitária (UFG)

Fonte: elaborada pela autora (2022).

Tabela 4 – Semana mista de junho

Data	15.06.2020	16.06.2020	17.06.2020	18.06.2020	19.06.2020
Programa	Universitária informa	FM Café	<i>UNIFAP no ar</i>	Outra estação	Fora da curva
Emissora	Rádio Universitária (UFG)	Rádio FURG FM	Rádio UNIFAP FM	Rádio UFMG Educativa	Rádio Paulo Freire (UFPE)

Fonte: elaborada pela autora (2022).

Tabela 5 – Semana mista julho

Data	29.06.2020	30.06.2020	01.07.2020.	02.07.2020	03.07.2020
Programa	<i>UNIFAP no ar</i>	FM Café	Universitária informa	Outra estação	Fora da curva
Emissora	Rádio UNIFAP FM	Rádio FURG FM	Rádio Universitária (UFG)	Rádio UFMG Educativa	Rádio Paulo Freire (UFPE)

Fonte: elaborada pela autora (2022).

Após a montagem das semanas mistas e de posse das informações coletadas, realizou-se a análise qualitativa dos produtos jornalísticos encontrados. Assim, das três semanas disponíveis, optou-se por analisar os programas da semana intermediária, de 15 a 19 de junho.

Em seguida, aplicaram-se as fichas de investigação com as categorias de análise para alcançar os objetivos estabelecidos nessa etapa. As fichas foram aplicadas para investigar a estrutura dos programas, identificar as características, categorizar os conteúdos e analisar os modelos de coberturas jornalísticas realizadas pelas rádios universitárias federais.

O Quadro 1 a seguir é referente as características gerais, composta de oito categorias, corresponde ao primeiro momento da investigação, quando são preenchidos os dados gerais dos programas. Essa é uma etapa importante para compreendê-los em um aspecto macro.

Quadro 1 – Ficha de investigação 1- Características gerais dos programas

Periodicidade	Dia	Horário	Duração	Produção	Blocos	Quadros	Quantidade

Fonte: elaborado pela autora (2022).

A segunda ficha de investigação consiste em investigar como os recursos da *web*, conceito estabelecido por Almeida e Magoni (2009), foi aplicado pelas emissoras radiofônicas universitárias em seus programas sobre a Covid-19.

Quadro 2 – Ficha de investigação 2 – Características da *web* aplicadas aos programas

Institucionalidade	Interatividade	Memória	Serviços de streaming	Personalização	Aprofundamento da informação jornalística: (reportagens especiais ou programas temáticos de debates)

Fonte: Almeida e Magoni (2009), com adaptações da autora (2022).

A terceira ficha de investigação leva em consideração o conceito de gêneros e formatos radiofônicos propostos por Barbosa Filho (2009), a fim de categorizar o conteúdo dos programas sobre a Covid-19, uma vez que os gêneros não apresentam características isoladas. Isso significa que podem se mesclar, ou seja, um programa jornalístico no formato de entrevista, por exemplo, pode ser classificado como educativo-cultural, caso se apresente como programa temático.

Para somar aos gêneros e formatos radiofônicos propostos por Barbosa Filho (2009), essa ficha também leva em consideração os conceitos de gêneros jornalísticos no rádio, sugeridos por Ferraretto (2014)¹³, a saber: informativo, interpretativo, opinativo, utilitário e diversional.

Informativo é o gênero que narra um assunto com os mínimos detalhes, prezando pela compreensão da informação que será divulgada. Geralmente, aparecem em sínteses noticiosas

¹³ A partir de uma leitura dos gêneros jornalísticos propostos por Marques de Melo, Ferraretto fez uma adaptação dos gêneros que considerou importantes para classificar os programas de rádio (FERRARETTO, 2014).

(aquelas que hierarquizam a informação de acordo com o seu grau de importância), reportagens, informativos especializados, radiojornais e toques informativos.

O interpretativo é aquele em que os assuntos são contextualizados para serem repassados ao público. O intuito é situar o ouvinte acerca do que está sendo narrado. Um exemplo concreto é o documentário, embora os boletins e os programas de entrevista e mesa-redonda com presença de âncora e comentaristas possam se enquadrar no gênero. A diferença é que estes três últimos também podem circular pelo gênero opinativo.

O opinativo está relacionado ao julgamento sobre determinado assunto, podendo vir de uma pessoa ou da própria rádio, estabelecendo, de certo modo, a inter-relação entre opinião e acontecimentos. Esse gênero pode ser encontrado em comentários, editoriais, como também em intervenções dos âncoras e na participação dos ouvintes.

O utilitário traz informações de utilidade pública, como: indicadores de mercado financeiro; pagamentos de impostos; previsão do tempo; recebimento de aposentadorias e pensões; roteiros culturais; trânsito; hora; temperatura; avisos; notas pagas ou gratuitas sobre falecimentos; doação de sangue; ou recados.

E o gênero diversional é aquele que descreve os fatos reais por meio de narrativas ficcionais. Pode ser encontrado em alguns documentários e em programas de entrevista ao vivo, com teor artístico e foco em personalidades.

Portanto, a partir dessa ficha, será possível identificar quais gêneros e formatos classificam os programas, assim como suas características – se possuem caráter mais informativo, opinativo, interpretativo, utilitário ou diversional.

Quadro 3 – Gêneros e formatos radiofônicos nos programas

Gênero	Formato

Fonte: Barbosa Filho (2009); Ferraretto (2014).

A quarta ficha de investigação consiste na identificação de quais temas foram abordados pelos programas ao longo dos primeiros meses de pandemia.

Quadro 4 – Principais temas abordados nos programas

Fonte: elaborado pela autora (2022).

A quinta ficha investiga como se estrutura os respectivos programas utilizando os recursos multimidiáticos propiciados pela *web*, levando em consideração o conceito de rádio hipermediático de Lopez (2010), segundo o qual o rádio na internet não perde suas características originais, mas é complementado por estas novas ferramentas. Nesse sentido, esta ficha irá permitir identificar quais destes recursos podem ser encontrados nos respectivos programas.

Quadro 5 – Linguagem do rádio hipermediático nos programas

Áudio	Foto	Vídeo	Texto complementar	Infográfico	Hipertextualidade	Jornalismo de fonte aberta	Ferramentas interativas

Fonte: Lopez (2010).

A sexta e última ficha consiste em analisar a estrutura jornalística dos programas de forma micro, por entender que as fichas são complementares e quando somadas, ao fim, tornam possível comparar os modelos de coberturas jornalísticas das respectivas emissoras universitárias.

Pensar a cobertura radiojornalística da pandemia é buscar o melhor jeito para levar informação ao público em momentos de crise como esse, que pegou todos de surpresa. Continuar as atividades jornalísticas em meio ao caos que se instalou pelo vírus sobre o qual pouco se sabia a respeito foi um desafio para os jornalistas. Haveria um jeito correto de cobrir a pandemia? Qual a maneira adequada para se referir ao vírus? Quais fontes usar? Que personagens? Quais características a notícia deveria ter? Em que focar? Como ser direcionado nesse momento?

Nesse sentido, utiliza-se como referência a cartilha com orientações para os profissionais da comunicação organizada e disponibilizada gratuitamente em 2020 pelos professores Luiz Artur Ferraretto, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, e Fernando Morgado, das Faculdades Integradas Hélio Alonso (Facha), no Rio de Janeiro.

Intitulado *Covid-19 e comunicação: um guia prático para enfrentar a crise*, a cartilha traz orientações e alertas para a importância do planejamento estratégico para a comunicação em um momento de crise, como a pandemia. Ademais, chama a atenção para aspectos como: a necessidade de ter conhecimento a respeito da informação que se divulga; a precisão na

divulgação dos fatos; o combate às *fake news*; o cuidado com a saúde dos comunicadores; e a sustentação econômica dos veículos de comunicação.

Nesse ensejo, são elencadas algumas orientações – por exemplo, os tipos de conteúdo jornalístico englobam quatro campos: jornalismo, publicidade/propaganda, relações públicas e entretenimento. O primeiro diz respeito à necessidade de diferenciação da notícia do que é opinião ou interpretação. O segundo é de onde provêm os recursos financeiros e a divulgação das ações governo e das demais instituições no combate à pandemia. O terceiro está relacionado à divulgação de ações de caráter institucional. O quarto, ligado ao entreter, distrair e divertir durante o confinamento.

Em seguida, no que se refere às informações colhidas que, posteriormente, serão divulgadas ao público, Ferraretto e Morgado (2020) orientam a identificar se há atualidade, proximidade, proeminência e universalidade. A primeira está relacionada ao que há de mais recente sobre a pandemia; a segunda defende que haja proximidade do público, de seus interesses e necessidades; a terceira diz respeito à presença de pessoas relevantes no combate à Covid-19; e a quarta está ligada à capacidade de a informação contemplar o maior número de pessoas e ir ao encontro dos interesses e das necessidades da sociedade como um todo.

Nesse sentido, informar com responsabilidade está entre os pontos defendidos no guia. Começando por referir-se corretamente aos nomes: a doença; a Covid-19; o vírus; o SARS-CoV-2; *severe acute respiratory syndromne 2* (coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2); ou coronavírus.

Também há orientações sobre como se referir corretamente às estratégias de confinamento: distanciamento social; isolamento; quarentena e contenção comunitária ou quarentena comunitária. O primeiro faz referência à diminuição da interação entre as pessoas. Para tanto, fecham-se as escolas, o comércio, cancelam-se os eventos e só passam a funcionar os serviços essenciais, com o intuito de desacelerar a transmissão do vírus, que está ocorrendo de forma comunitária. Visando a evitar a propagação do vírus, o segundo está relacionado à separação de indivíduos doentes, que inclui os casos sintomáticos, suspeitos e confirmados das pessoas não doentes.

O terceiro está ligado à restrição de atividades ou separação de indivíduos que, de alguma forma, estiveram expostos ao vírus, existindo, desse modo, a possibilidade de não estarem infectados ou estarem no período de incubação. Essa medida pode ser aplicada de forma individual ou coletivamente, por exemplo, nos casos em que o indivíduo retorna de viagem a um local onde o contágio já acontece de forma comunitária. O último termo faz referência à intervenção do poder público para restringir de forma parcial ou total a interação

entre as pessoas, seja em uma comunidade, cidade ou região, quando as medidas citadas acima não são suficientes.

A categoria seguinte diz respeito às editorias, o guia sugere que além da saúde, outras temáticas também estejam presentes nas pautas diárias. Isso significa que é importante trabalhar temas a partir de outras perspectivas como a política, educacional, social, tecnológica, econômica e meio ambiente. Conseguindo, deste modo, mostrar os impactos da Covid-19 nos mais diferentes aspectos da vida da sociedade.

Além das editorias, a escolha das fontes também é um quesito importante quando se trata da cobertura jornalística da pandemia. Nesse caso, a cartilha proposta por Ferraretto e Morgado (2020) classifica-as do seguinte modo: autoridades; protagonistas diretos; especialistas; e testemunhas. As autoridades incluem o presidente, governadores, prefeitos, ministros e secretários das áreas envolvidas. Os protagonistas diretos são os médicos, enfermeiros e demais profissionais da saúde, como também os pacientes e familiares. No caso dos especialistas, estão incluídos epidemiologistas, infectologistas e pesquisadores.

Ainda no que diz respeito a classificação das fontes, os referidos autores fazem algumas recomendações: em caso de autoridades negacionistas, é crucial que se questionem os seus posicionamentos. Em se tratando de protagonistas diretos e testemunhas que, de algum modo, vivenciaram a pandemia, é preciso que se tenha cuidado ao abordá-los, e rigor quanto aos dados e às opiniões fornecidas. Sobre a informações fornecidas por especialistas, é necessário diferenciar especulação da certeza obtida cientificamente, sendo relevante, ainda, a clareza da informação, no sentido de traduzi-la da linguagem científica para a coloquial.

Para finalizar, a ficha propõe como última categoria de análise a presença de personagens. A criação desta categoria levou em consideração a sugestão dos autores para a valorizar as histórias positivas, uma vez que embora existam vítimas e infectados, também é possível encontrar pessoas curadas.

Todas essas orientações, aplicadas à cobertura radiojornalística, engrandecem o trabalho jornalístico, não somente por transparecerem o domínio de termos e conceitos, mas por transmitirem segurança, precisão, responsabilidade e comprometimento com o público na divulgação das informações sobre a Covid-19, em um momento de pânico, quando havia a necessidade de se manter informado o máximo que se pudesse para se proteger da doença.

Quadro 6 – Ficha de Investigação – Linguagem radiojornalística para tempos de pandemia

Tipo de conteúdo		A informação possui	Uso correto dos termos	Editorias	Fontes	Personagens
Jornalismo	Publicidade/Propaganda					
	Relações Públicas					
	Entretenimento					
	Atualidade					
	Proximidade					
	Proeminência					
	Universalidade					
	A Covid-19/ O vírus/o SARS-COV-2					
	Distanciamento social					
	Isolamento					
	Quarentena					
	Contenção ou quarentena comunitária					
	Saúde					
	Política					
	Educação					
	Social					
	Tecnologia					
	Economia					
	Meio ambiente					
	Autoridades					
	Protagonistas direto					
	Especialistas					
	Testemunhas					
	Infectados					
	Vítimas Fatais					
	Histórias positivas					

Fonte: Ferraretto e Morgado (2020), com adaptações da autora (2022).

Para finalizar, cabe sobrelevar que todas as categorias utilizadas na etapa de análise foram pensadas a partir das discussões dos capítulos 2 e 3 deste trabalho. Logo, após concluir a fase de investigação dos programas e conteúdos jornalísticos veiculados pelas emissoras universitárias federais na cobertura da Covid-19, será realizada a comparação dos resultados obtidos, almejando explicitar as semelhanças e diferenças encontradas.

4.4 Descrição dos observáveis

4.4.1 Rádio Universitária (UNIFAP)

Localizada na capital Macapá (AP), a Rádio Universitária 96,9 FM, pertencente à Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), foi inaugurada em 18 de maio de 2009, contudo, somente em fevereiro de 2010, o prédio foi inaugurado oficialmente.

A emissora é resultado da parceria entre a UNIFAP e a Empresa Brasil de Comunicação (EBC), e defende uma programação diferenciada, com o objetivo de divulgar a cultura local, regional e nacional, além de evidenciar as atividades de pesquisa, ensino e extensão da universidade.

No que se refere aos programas radiofônicos, são realizados mediante parcerias institucionais com membros da comunidade acadêmica e projetos de extensão, constituindo o espaço da rádio um laboratório para estudantes dos mais variados cursos de graduação, com ênfase para o curso de jornalismo.

Segundo o site da rádio, a emissora estabelece que sua missão é promover o acesso à informação por meio da diversidade de fontes e distribuição de conteúdo, a partir de programas que tenham finalidades educativas, culturais, científicas e informativas, que estabeleçam uma relação entre o público externo e a própria universidade.

A emissora pode ser ouvida por intermédio de seu site <<https://www2.unifap.br/radio/>> ou pelo seu aplicativo, intitulado *Rádio UNIFAP*, disponível para *download* somente na *Play Store* do Google. Um ponto a ser destacado é que apesar da presença da rádio em algumas plataformas, como CXRádio, Rio Rádios *on-line* e Rádios Net, não é possível ouvi-la.

Figura 2 – Página inicial do site da Rádio Universitária 96,9 FM



Fonte: site Rádio e Tv Universitária – Unifap (2021).

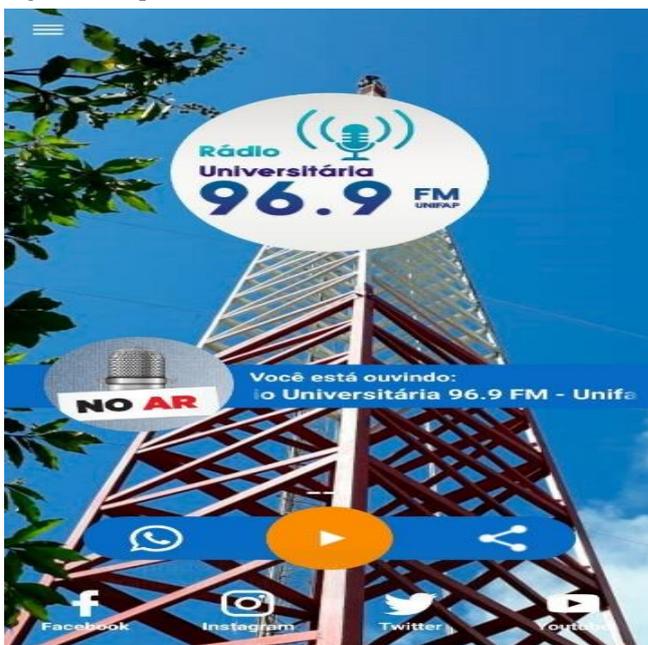
O site da Rádio UNIFAP divide espaço com a TV Universitária. Ao acessar a página, o ouvinte tem acesso às notícias, que contemplam desde informações sobre a universidade, eventos universitários até editorias de saúde, meio ambiente, cultura, entre outros. O conteúdo radiofônico pode ser acessado a partir de quatro *banners*: no primeiro, ao clicar, pode-se ouvir a rádio ao vivo, mas não estava funcionando no período de análise; o segundo indica o aplicativo *Rádio UNIFAP*; o terceiro é o *WhatsApp* conjunto da Rádio e TV; e o quarto faz menção ao programa UNIFAP no ar, o único programa da emissora contabilizado até agora. Além dos *banners*, ainda é possível encontrar *links* que direcionam para as redes sociais da rádio, como o *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*. Outrossim, o ouvinte também pode ser direcionado aos canais da emissora em outras plataformas, como o *Youtube* (desatualizado), *Soundcloud* (desatualizado) e *Spotfy*.

Na página da rádio no *Instagram*, são mais de 1133 seguidores e 760 publicações atualizadas frequentemente. O espaço é destinado a compartilhar as principais notícias veiculadas no site, assim como o programa UNIFAP Notícias, com as principais informações sobre a universidade e os acontecimentos que a permeiam. No *Facebook*, o perfil está no ar desde junho de 2012, contando com mais de 1206 curtidas e 1404 seguidores. Na página, são compartilhados os boletins do UNIFAP Notícias e a prévia das matérias que foram publicadas no site. No *Twitter*, a emissora tem cerca de 95 seguidores, e a última publicação é datada de dezembro de 2017 – porém, embora a página esteja desatualizada, o perfil continua no ar.

No que se refere aos canais, o *Youtube* está no ar desde junho de 2016, reunindo, aproximadamente, 4.188 visualizações, 127 inscritos, sem atualizações há quatro anos. No *Soundcloud*, a emissora mantém um perfil que está desatualizado há quatro anos também, e reúne 43 seguidores e 47 faixas de alguns programas, além de reportagens que foram veiculados ao longo da programação. O *Spotify*, por sua vez, é utilizado para veicular o UNIFAP no ar – boletim com as principais informações sobre a universidade. Ao todo, foram contabilizadas mais de 301 edições do programa radiofônico, que é atualizado com frequência.

Com relação ao aplicativo móvel da emissora, durante o período de coleta dos dados, não estava funcionando corretamente para ouvir a rádio ao vivo, e o *download* somente estava disponível para dispositivos *android*, o que significa usuários de aparelhos IOS não têm acesso à aplicação.

Figura 3 – Aplicativo móvel da Rádio UNIFAP



Fonte: print do aplicativo da Rádio UNIFAP (2022).

Após baixar o aplicativo no celular, o ouvinte tem acesso às redes sociais da emissora, como *Instagram*, *Facebook* e *Twitter*, ao canal no *Youtube*, ao *WhatsApp* e ao *link* direcionando para o site da rádio. A aplicação é bastante intuitiva, fácil de usar, de modo que o usuário não tem dificuldade para a manusear. O único problema é que a transmissão ao vivo da programação não funciona, tanto no aplicativo quanto no site.

Nesse sentido, o que se percebe, após o levantamento dos dados, é que a emissora tem uma história recente, mas está tentando se adequar à nova realidade digital e multiplataforma para não ficar “atrasada” em relação às demais emissoras, buscando ofertar ao público uma

experiência diversificada e maior comodidade para ouvir a rádio em seu próprio celular, ao disponibilizar um aplicativo próprio – apesar dos contratemplos que demandam atenção e cuidado para a verificação de erros e funcionamento das ferramentas onde a emissora se faz presente.

Assimila-se, por oportuno, que problemas como esses não sejam casos isolados. Entende-se que existe uma infinidade de fatores que influenciam na adequação rápida ou tardia de uma rádio aos novos cenários virtuais, sendo o aspecto financeiro e recursos humanos dois deles.

4.4.2 Rádio Universitária Paulo Freire AM (UFPE)

A Rádio Universitária Paulo Freire AM 820 KHz, localizada em Recife, pertence à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e foi criada em 1962, período em que o educador e filósofo Paulo Freire esteve à frente do Serviço de Extensão Cultural da Universidade de Recife (SER/UR). Denominada, inicialmente, de Rádio Universidade, a emissora fazia parte de um projeto educacional liderado pelo referido filósofo.

A Rádio Paulo Freire tem por missão a formação profissional dos discentes dos cursos do Departamento de Comunicação Social do *Campus* Recife e do Curso de Comunicação Social do Núcleo de *Design* e Comunicação do Centro Acadêmico do Agreste (CAA), da UFPE.

Nesse sentido, a emissora é orientada pela comunicação enquanto direito, logo, é pautada no valor da cidadania, de modo que o interesse público do cidadão é prioridade na sociedade democrática, na busca pela pluralidade e diversidade de vozes, pelo desenvolvimento da leitura crítica da mídia e pela construção do debate público qualificado. Com isso, intenta abrir espaço para assuntos silenciados na mídia empresarial, fundamentais para o desenvolvimento da cidadania, além de ofertar interpretações críticas sobre os problemas públicos já midiaticizados.

É importante destacar que a emissora congrega quatro dimensões fundamentais da universidade: o ensino, a pesquisa, a extensão e a gestão. Enfim, recebe colaboração de diferentes segmentos acadêmicos, além de grupos da sociedade civil, desde que cumpram os critérios e procedimentos propostos pela Equipe Gestora, a partir de chamadas públicas que informam os critérios e procedimentos a serem seguidos para a seleção de propostas.

A Rádio Paulo Freire AM pode ser ouvida por meio de seu site <<https://sites.ufpe.br/rpf/>>, ou pelas plataformas: Rádios.com.br, CXRádio e Tudorádio.com.

Figura 4 – Site da Rádio Paulo Freire AM (UFPE)



Fonte: site da emissora (2022).

Sobre a presença da Rádio Paulo Freire AM na internet, ao acessar o site da emissora, o ouvinte tem uma infinidade de informações à sua disposição. Na página inicial, existe uma barra de ferramentas dividida em quatro seções: início; sobre a RPF; programas; e chamada pública. Nesse espaço, o público tem acesso à história da rádio; à seleção de bolsistas, à equipe, a documentos institucionais e de supervisão pedagógica; pode ouvir as edições dos programas e programetes que foram ao ar; e ficar atualizado sobre as chamadas públicas para propostas de novos programas.

Na página inicial, alguns *banners* disponibilizam a possibilidade de ouvir a rádio ao vivo, assim como o número do *WhatsApp* da emissora, para que o ouvinte fique por dentro dos conteúdos. Em seguida, existe a seção *como participar da rádio?*, destinada a docentes, estudantes e sociedade civil, com instruções sobre como submeter propostas de programas à emissora ou participar como voluntário. O público ainda tem acesso ao *Especial Coronavírus*, que apresenta programas especiais, artigos e relatórios voltados ao combate à Covid-19.

Por último, no fim da página, estão à disposição algumas informações sobre a Chamada Pública de 2022, as últimas publicações do site e um episódio do programa *Fora da curva*, disponível no *Youtube*. É importante destacar, ainda, que são disponibilizados no site o canal da emissora no *Youtube* e as redes sociais: *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*.

Assim, no site de compartilhamento de vídeos mais famoso do mundo, a rádio mantém um perfil desde de abril de 2018, reunindo cerca de 18.045 visualizações. A página conta com 875 inscritos e foi atualizada há um mês. No *Facebook*, a emissora está no ar desde novembro

de 2018, com, aproximadamente, 1.907 seguidores e 1.560 curtidas. Nesse espaço, a última publicação consta do início de janeiro de 2022. No local, são divulgados os programas que fazem parte da programação; os temas que serão veiculados; os *spots*; as campanhas educativas; sessão de verificação de notícias; dicas de filmes, eventos e projetos.

No *Instagram*, o perfil possui mais de 3.062 seguidores e 754 publicações, atualizadas frequentemente. Na página, são compartilhados os *spots* veiculados ao longo da programação, campanhas educativas, e divulgados os programas da emissora e temas que vão ao ar, bem como dicas de eventos, projetos e filmes, ou seja, as mesmas postagens da rede social anterior, visto que o *Instagram* e o *Facebook* estão vinculados, logo, compartilham os mesmos conteúdos.

No *Twitter*, a página da Rádio da Paulo Freire está no ar desde novembro de 2018, reunindo cerca de 928 seguidores, e compartilha as mesmas postagens do *Facebook* e *Instagram*, citadas anteriormente.

Para finalizar, após o levantamento dos dados, observou-se que a Rádio Paulo Freire foi a única a ter em seu site uma seção especial voltada a apresentar seus projetos de combate à Covid-19. Nesse sentido, é perceptível que a emissora tem sido referência na produção de conteúdos relacionados ao coronavírus, porquanto na programação disponível na página, boa parte dos produtos radiofônicos fazem parte do especial ora referido.

4.4.3 Rádio Universitária (UFG)

Localizada na cidade de Goiânia (GO), a Rádio Universitária 870 AM foi criada a partir de uma resolução da Reitoria da Universidade de Federal de Goiás (UFG) e outorgada pelo Decreto 56.876, de 16 de setembro de 1965. A outorga concedida à emissora foi a primeira do Brasil para a radiodifusão educativa.

A instalação de seu próprio prédio aconteceu ainda em 1965, na Alameda Botafogo. Entretanto, em 1978, a emissora sofreu um incêndio que causou a destruição da maior parte dos equipamentos, móveis, acervo de áudios e outros arquivos. Durante cerca de um ano, a rádio precisou funcionar em um estúdio improvisado e, posteriormente, seu estúdio foi transferido para o endereço atual, na Alameda das Rosas.

A emissora defende que ao longo dos anos, firmou-se como um veículo educativo-cultural e informativo que se destaca por oferecer uma programação pautada pela qualidade musical e cobertura jornalística diferenciada. Estabelece como meta a devida importância social de cada fato relevante para o público, por meio de entrevistas, *flashes*, matérias especiais,

quadros temáticos, e de programas com informações locais, regionais, nacionais e internacionais.

Em seu site, a rádio destaca que foi no fim da década de 1980 que consolidou a sua política acadêmica de servir como laboratório aos estudantes de Comunicação Social da UFG e, *a posteriori*, para os cursos das demais áreas do conhecimento, como Música, Engenharias, Informática, entre outros.

Sua missão consiste em oferecer à população uma programação plural, ética e comprometida com a universidade pública, a cidadania, a transformação social e a democracia, desenvolvendo pautas referente às mais diferentes áreas e temas de interesse público, que vão desde a saúde, educação, direitos humanos, esportes, artes, cultura, até a política.

Sua equipe, composta por profissionais e estudantes, conta também com a parceria de artistas, pesquisadores, educadores e demais interessados da comunidade em geral, além de emissoras nacionais e internacionais, como a Radiobrás, Rádio MEC, Rádio Nacional, Rádio França Internacional (RFI), Rádio Netherland (NM), Rádio Deutsche Welle (DW), Rádio Internacional da Suíça (SRI) e Rádio Exterior de Espanha.

Outras parcerias consideradas importantes para a emissora são as entidades do sistema S, como o Sebrae-GO e Senac-GO; órgãos e secretarias de governo, a exemplo da Secretaria Municipal de Cultura, Secretaria da Saúde de Goiás e Fundec – Goiânia; entidades não governamentais, como o Centro de Tradições e Cultura do Estado de Goiás (CTCG), o Clube da Viola, o Clube do Choro, o Grupo Antiga Viola, o Movimento de Resgate da Identidade Cultural, a Rede de Mulheres do Rádio, o Grupo Teatral Mutambeiros, o Lavourartes, o Sindicato dos Trabalhadores em Educação da UFG, a Associação dos Docentes da UFG, a Fundação RTVE, a Aliança Francesa, o Projeto Trama Universitário, o Sindicato dos Músicos de Goiás e a Rádio Universitária FM de Belo Horizonte.

Sobre a escuta, a emissora pode ser ouvida ao vivo, por meio de seu site <<https://www.radio.ufg.br/>>, ou pelas plataformas: Rádiosaovivo.net, Rádios.com.br e TuneIn.

Figura 5 – Site da Rádio Universitária AM (UFG)



Fonte: site da Rádio Universitária AM (UFG) (2022).

No site da emissora, o ouvinte pode acessar as seções: *home*, que dá acesso à página inicial; *rádio*, onde é possível encontrar a história, a missão, conhecer a equipe, o estúdio e os telefones da UFG AM; *programação*, referente ao conteúdo de cada programa, separadamente; como também a grade de programas semanais, além dos programas históricos e *Momento Brasil*. Ademais, o público tem a opção de ouvir a rádio ao vivo; em contrapartida, também pode acessar os *podcasts* de alguns programas da emissora e, por último, os editais para os futuros programas radiofônicos da emissora.

Ainda na página de início, o ouvinte tem acesso aos três principais boletins informativos veiculado pela rádio, às 10h, às 15h e às 18h30. Também são disponibilizadas de maneira separada algumas notícias veiculadas pelos programas ao longo da programação, além de alguns *podcasts* e programas especiais.

No topo do site, ficam alocados os ícones da rádio e da TV universitária, além de serem disponibilizadas as redes sociais *Twitter*, *Facebook*, *Instagram* e *Youtube*. Desse modo, no que se refere a esses espaços virtuais, o perfil da emissora no *Twitter* está ativo desde março de 2011, contando com cerca de 1694 seguidores, disponibilizando informativos sobre notícias locais, nacionais e programas da rádio. Contudo, a página não é atualizada desde agosto de 2019.

Já o perfil da UFG AM no *Facebook*, no ar desde março de 2012, é atualizado com maior frequência, abordando eventos da universidade, entrevistas importantes, edições e temas dos programas que foram ao ar, além de informações sobre a respectiva Instituição de Ensino Superior. A página conta com mais de 6.631 seguidores e 6.314 curtidas.

No *Instagram*, com mais de 926 publicações, o perfil da rádio UFG é seguido por 2.560 pessoas, que acompanham postagens publicadas quase diariamente sobre eventos universitários, campanhas educativas, homenagens, além de ficarem informadas sobre as entrevistas, reprises e edições dos programas que vão ao ar ao longo da programação da emissora.

No *Youtube*, a página da emissora conta com 42 inscritos, está ativa desde agosto de 2018 e foi atualizada há cerca de um ano. Ao todo, foram contabilizadas 797 visualizações em dezenas de vídeos publicados no perfil da rádio, e o que chama a atenção é que na maior parte do material disponibilizado, não foram registradas visualizações, salvo em alguns casos que contam com uma, duas, três ou quatro visualizações. Releva-se, pois a importância de recrutar ou despertar a atenção do público para as plataformas ocupadas pela emissora, ao invés de somente disponibilizar a produção radiofônica sem que haja alguém para ver ou ouvir.

Após o levantamento dos dados descritos, um diferencial que merece destaque é a parceria da rádio UFG com emissoras internacionais e as demais instituições citadas na descrição inicial, visto que conhecendo a missão de uma rádio universitária, a contribuição de seus colaboradores constitui um fator relevante para a veiculação da pluralidade de vozes e ideias, materializando o seu caráter diferencial em relação às emissoras comerciais.

4.4.4 Rádio UFMG Educativa (UFMG)

A rádio UFMG Educativa 104,5 FM fica localizada na cidade de Belo Horizonte (MG), e foi inaugurada em 6 de setembro de 2005, resultante da parceria entre a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e a EBC.

A emissora defende ser referência em produção radiofônica entre as rádios universitárias do País, por oferecer uma programação de qualidade e com caráter diferenciado, que colabora para a formação cultural do público, representando uma alternativa aos formatos e gêneros musicais já existentes no mercado.

Sua missão consiste em dar visibilidade à produção de conhecimento da UFMG, por meio da comunicação pública da ciência e do estímulo à discussão de temáticas relacionadas à

educação e à cultura, fomentando nas ondas sonoras da emissora a diversidade e valorização da pluralidade de vozes, opiniões e manifestações artísticas e culturais.

No que se refere à programação, além das produções próprias, a rádio conta com a parceria de projetos de extensão e membros da comunidade acadêmica, como alunos, professores, servidores e pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento.

A Rádio UFMG Educativa pode ser ouvida ao vivo, a partir do site da UFMG <<https://ufmg.br/comunicacao/radio-ufmg-educativa>>, ou pelas plataformas: *on-line* Rádio Box, Rádiosaovivo.net, TuneIn e Rádios.com.br.

Figura 6 – Aba da Rádio UFMG Educativa no site da UFMG

Fonte: *print* da aba da emissora no site da universidade (2022).

A emissora não possui um site específico, mas uma aba dentro do portal da UFMG. No local, é possível ouvir a programação ao vivo, por meio do botão *play*, disponibilizado na parte superior da página. Em seguida, o ouvinte-internauta pode visualizar os destaques das notícias que foram ao ar nos programas ao longo da programação; ter acesso à grade de programação; aos programas; à história da rádio; ao espaço destinado às campanhas educativas – que ainda está em branco –; à seção de contatos, onde são disponibilizados os telefones e *e-mails* dos setores de programação musical, produção e técnico; como também às redes sociais *Twitter*, *Facebook* e *Instagram*, para que o público possa deixar recado, fazer sugestões de reportagens ou até mesmo informar problemas de transmissões que possam dificultar a escuta da rádio.

Em sua página no *Instagram* a UFMG Educativa possui mais de 4.108 seguidores e 591 publicações, atualizadas frequentemente. Nesse espaço, são compartilhados os temas que serão abordados nos programas ao longo da programação, assim como os convidados, os trechos dos programas da rádio, as campanhas educativas e premiações da emissora.

No *Facebook*, seu perfil está no ar desde junho de 2011, contando com mais de 9.531 curtidas, 9.922 seguidores. Da mesma forma que no *Instagram*, traz alguns trechos dos programas que vão ao ar, os assuntos a serem abordados durante a programação e as premiações da rádio. No *Twitter*, a rádio mantém ativa sua conta, com cerca de 9.116 seguidores, e assim como nas redes sociais anteriormente citadas, utiliza o espaço para divulgação de suas produções radiofônicas, com atualização frequente.

Por fim, em relação à presença da emissora em outras plataformas, a UFMG Educativa mantém ativo um perfil no *Youtube* desde 23 de janeiro de 2011, com 873 inscritos, 74.113 visualizações, estando sem atualização há cinco meses.

Após o levantamento desses dados, o que se depreende é o cuidado da emissora com a atualização de suas plataformas, pois mesmo que o *Youtube* esteja desatualizado, a frequência de postagens de conteúdos e informações nas demais plataformas de comunicação demonstram um ponto positivo para a rádio.

4.4.5 Rádio FURG FM (FURG)

Localizada na cidade de Rio Grande (RS) e fundada em 1988, a FURG FM-106,7 MHz pertence à Universidade Federal do Rio Grande (FURG), e surgiu a partir de um movimento encabeçado por líderes universitários. Pelo seu caráter educativo e cultural, a emissora exerce um papel relevante para a comunidade local e regional.

Com uma grade de programação que contempla desde o gênero musical até o jornalístico, a rádio tem como produto principal o programa FM Café, e defende a multiplicidade de vozes, informações e opiniões, constituindo um instrumento de aproximação da instituição com a comunidade, pela comunicação direta e possibilidade de interação.

A emissora pode ser ouvida ao vivo, a partir do site da FURG <<https://www.furg.br/comunicacao/furg-fm>>, ou pelas plataformas: Rádio Brasil, *On-line* Rádio Box, Tudorádio.com e Rádios Net.

Figura 7 – Aba da FURG FM no site da FURG

Universidade Federal do Rio Grande

Acesso à informação Biblioteca Sistemas Webmail Telefones Licitações Ouvidoria Ética pública Perguntas frequentes Fale conosco FURG de A a Z AVA FURG

VOCE ESTÁ AQUI: PÁGINA INICIAL > COMUNICAÇÃO

Coronavírus
Notícias
Ingresso
Agenda
Nossos cursos

FURG FM - 106,7

FURG FM ao vivo

0:32

Sobre a FURG FM - 106,7

A FURG FM - 106,7 surgiu num movimento de idealismo de lideranças universitárias. Desde 1988, exerce papel importante na comunidade local e regional como emissora educativa e cultural. Com faixas musicais e programas que priorizam a multiplicidade de vozes, informações e opiniões, a FURG FM é um grande instrumento de aproximação da instituição com a comunidade, pela comunicação direta e possibilidade de interação.

PROGRAMAÇÃO

SEGUNDA

00:00	Blues da Meia-Noite
01:00	A música da FURG FM
06:00	Mala de Garupa
07:00	Samba, Choro & Cia.
08:00	A música da FURG FM
11:00	Paralelo 30 ou A música da FURG FM

ACESSE A PROGRAMAÇÃO COMPLETA

INSTITUCIONAL

A FURG
Conselhos superiores
Concursos e seleções
Reitoria
Pró-reitorias
Unidades acadêmicas
Avaliação institucional

Fonte: *print* da aba da emissora (2021).

A Rádio FURG FM não tem um site próprio, com estrutura e informações necessárias para uma emissora radiofônica operar na internet. Porém, mantém uma aba no site da FURG onde é possível ouvir a rádio ao vivo, acessar a programação semanal, conhecer a sua história, assistir aos *podcasts* de alguns programas jornalísticos e verificar as ações voltadas para o combate à Covid-19 nesse momento de pandemia.

Sobre a presença da FURG FM em outros canais na internet, a emissora está presente no *Youtube*, onde está inscrita desde maio de 2017, contando com 16 seguidores. Entretanto, não há publicações. Por outro lado, alguns programas da emissora, como o FM Café, utilizam o canal da própria universidade para disponibilizar os vídeos das edições que foram ao ar, e assim, dividem espaço com outras informações produzidas pela FURG.

No que se refere às redes sociais, não foram encontrados registros da emissora nas principais plataformas, como *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*. No caso da primeira, os registros encontrados foram de programas da rádio no perfil da universidade, onde são gravados em formato de *live* e, posteriormente, transformados em áudio. No *Twitter*, foram encontrados

apenas dois perfis de programas antigos veiculados pela rádio, mas nenhum pertencia à emissora.

Tendo isso em vista, após as pesquisas realizadas acerca da FURG FM na internet, concebe-se que a emissora não tem seu próprio espaço nem estrutura necessária para operar efetivamente, daí porque recorre às páginas e aos perfis oficiais da universidade, demonstrando certa precariedade, trazendo à superfície as fragilidades e diferenças entre as rádios universitárias brasileiras operantes nesses espaços, evidenciando as dificuldades enfrentadas.

5 A COBERTURA RADIOJORNALÍSTICA DA PANDEMIA DA COVID-19 PELAS RÁDIOS UNIVERSITÁRIAS FEDERAIS NA INTERNET

Nesta etapa, serão aplicadas as seis fichas de investigação apresentadas anteriormente em cada um dos programas escolhidos para este trabalho, a fim de analisá-los de forma aprofundada. Uma vez que o método utilizado nesta fase será a semana mista, cada edição analisada a partir de agora corresponde a um dia da semana.

5.1 Universidade informa

Universidade informa é um programa diário em formato de boletim informativo que divulga as principais notícias das últimas horas do dia, ao vivo, na Rádio Universitária, pertencente à UFG, que logo após as transmissões disponibiliza o programa nas principais plataformas de *streaming*.

O *Universidade informa* foi o primeiro programa a ser analisado e corresponde à segunda-feira, dia 15 de junho de 2020. A edição desse dia traz como tema a apresentação do projeto de vereadores de Goiânia para a reabertura imediata do comércio, o Dia mundial de conscientização da violência contra a pessoa idosa e o alerta sobre a violação dos direitos dos idosos durante a pandemia do novo coronavírus.

O respectivo programa é veiculado cinco vezes ao dia, e a cada edição, trata-se de um assunto diferente. De todos, optou-se por analisar o boletim veiculado às 10h, pois suas temáticas iam ao encontro das propostas deste trabalho.

Assim, o Quadro 7 demonstra a ficha de investigação aplicada ao *Universidade informa*.

Quadro 7 – Características gerais do *Universidade informa*

Periodicidade	Dia	Horário	Duração	Produção	Blocos	Quadros	Quantidade
Diário	Seg a Sex	10h,11h, 15h,17h	11 min	Departamento de jornalismo da rádio universitária	Não	Não	60

Fonte: elaborado pela autora (2022).

Nesse primeiro momento, foram elencadas nove categorias para investigar de forma geral as características iniciais do *Universidade informa*, referentes a aspectos como: periodicidade; o (s) dia (s) em que o programa vai ao ar; o horário; o tempo de duração; quem

está por trás desse programa; quem o produz; se é dividido em blocos e quadros; e quantos programas foram veiculados nesse primeiro momento.

Essas categorias permitem obter as primeiras informações sobre a atuação do programa na cobertura da Covid-19. Nesse sentido, a primeira edição a ir ao ar sobre o assunto foi em 25 de maio 2020. O *Universidade informa* é um programa diário, de curta duração, veiculado de segunda a sexta-feira, em quatro horários diferentes, e a cada boletim, novos temas são abordados.

O programa não é dividido em blocos, não dispõe de quadros e, ao todo, foram veiculadas 60 edições, das quais 56 eram referentes à Covid-19. O programa é produzido pelo Departamento de Jornalismo da respectiva emissora, e está disponível tanto no site quanto nas plataformas de *streaming*. Mas essas questões serão analisadas na ficha disponível no Quadro 8, que tem o intuito de investigar como os recursos propiciados pela *web* foram utilizados pelo programa.

Quadro 8 – Características da *web* aplicadas ao *Universidade informa*

Institucionalidade	Interatividade	Memória	Serviços de <i>streaming</i>	Personalização	Aprofundamento da informação jornalística: (reportagens especiais ou programas temáticos de debates)
Não	Sim	Sim	<i>Google Podcast, Deezer, Spotify, Anchor.</i>	Sim	Sim

Fonte: Almeida e Magoni (2009), com adaptações da autora (2022).

No Quadro 8, buscamos observar o quanto os recursos propiciados pela *web* estão presentes no respectivo programa, a fim de identificar como essas ferramentas chegam para agregar aos produtos radiofônicos.

A institucionalidade, primeira categoria listada nessa ficha, não aparece no programa, ou seja, não é divulgada qualquer ficha técnica ao término, e a única informação disponível é o nome da apresentadora, Ana Flávia Pereira, ademais, não é possível saber quem produz, supervisiona, coordena ou edita o *Universidade informa*.

Entretanto, a institucionalidade é observada ao acessar o site da emissora, onde existe uma seção dedicada à história da rádio, apresentando a sua missão, os telefones para contato e

a equipe (direção geral e adjunta; secretaria; relações públicas; direção de jornalismo e equipe; coordenação de programação e produção artística; direção técnica e equipe).

Contudo, é importante chamar atenção não somente do Universidade Informa sobre o uso de ficha técnica ao final do programa, mas das emissoras de rádio como um todo. Visto que na atualidade existe uma variedade de caminhos para acessar aos programas radiofônicos, o que significa que nem todo mundo acessará diretamente o site das rádios: alguns vão ouvir pelas plataformas de *streaming*, outros, no rádio, em casa, no ônibus ou no carro. Nesse sentido, este é um recurso que busca não só identificar institucionalmente um programa perante ao público, mas reconhecer e apresentar que está por trás de cada função para que o mesmo vá ao ar.

No quesito interatividade, pode-se observar que no começo e no fim do programa, a apresentadora divulga o site da emissora <rádio.ufg.br>, o aplicativo *Minha UFG* e as redes sociais da emissora, para que o ouvinte possa acompanhar outras edições do programa. Entretanto, na parte das redes sociais, a locutora esquece de identificar quais são (facebook, instagram ou twitter) e o endereço/nome para que o público a possa encontrar. O que de certo modo vai dificultar um contato direto entre o ouvinte e a emissora para críticas, elogios ou sugestões.

Em seguida, na categoria memória ou banco de dados, que se refere ao armazenamento e à recuperação de informações pelo público, ao acessar um programa em um canal na internet e “voltar” ou repetir as informações de seu interesse, quando e quantas vezes desejar, identificou-se que a categoria se faz presente, visto que são disponibilizadas suas edições em formato de *podcast*, tanto no site quanto nas principais plataformas de *streaming*, como *Google Podcast*, *Deezer*, *Spotify*, *Anchor*, oferecendo maior praticidade aos ouvintes, que podem assistir, pausar e repetir o programa quantas vezes desejarem, personalizando e selecionando quais edições desejam ouvir ou quais temas vão ao encontro de seus interesses.

Esse é o papel considerável desempenhado pela memória: a possibilidade de qualquer veículo de comunicação, seja rádio, TV ou portal, armazenar os conteúdos com praticidade, facilidade de localização e recuperação instantânea dos dados, como citam Almeida e Magoni (2009).

Nesse sentido, se a memória se faz presente, a personalização pode ser percebida logo em seguida. Isso porque essa categoria corresponde à capacidade de o público montar sua própria programação com base em seus gostos e interesses – o que significa que ao acessar o site da rádio UFG ou as plataformas de *streaming* onde o *Universidade informa* está disponibilizado, o ouvinte tem acesso aos novos e antigos programas, com autonomia para

identificar quais temas foram abordados em cada edição e, assim, escolher ouvir aquele ou aqueles que satisfazem as suas preferências no momento.

Logo, mesmo que sejam apresentadas no programa notas sobre temas variados, englobando editorias, como saúde, política e economia, nota-se que a última categoria elencada nessa ficha, alusiva ao aprofundamento da informação jornalística, também está presente no *Universidade informa* em formato de reportagem especial, produzida pela Rádio Senado, que vai ao ar no fim do programa. A edição analisada, por exemplo, tratou sobre o alerta contra as violações dos direitos dos idosos na pandemia e os efeitos do distanciamento social para essas pessoas.

Por fim, atina-se que o respectivo informativo é resultante da soma entre as notas divulgadas e a reportagem especial ao término do programa. Mas sobre a classificação do *Universidade informa* enquanto produto radiofônico, a ficha disposta no Quadro 9 explica melhor.

Quadro 9 – Gêneros e formatos radiofônicos no *Universidade informa*

Gênero	Formato
Jornalístico	Boletim
Serviço	Programete de serviço
Jornalístico	Informativo

Fonte: Barbosa Filho (2009); Ferraretto (2014).

Os gêneros e formatos radiofônicos permitem categorizar os programas de rádio, classificando-os como jornalísticos, propagandísticos, de serviço, especial, comercial, de entretenimento ou educativo-cultural.

Apesar de haver sete categorias que caracterizam os programas radiofônicos, não é possível os categorizar apenas em um gênero ou formato, ou gêneros não rígidos, pois costumam se misturar, ou seja, um programa pode ser classificado dentro de dois gêneros ou formatos distintos.

Portanto, ao analisar o *Universidade informa*, depreende-se que na categoria de gêneros radiofônicos, o programa pode ser categorizado tanto como jornalístico, no formato de boletim, quanto no gênero de serviço, no formato de programete de serviço.

O primeiro porque o programa é um informativo de curta duração, em média, onze minutos, trazendo informações em nível local e nacional sobre o coronavírus, sobre o comércio nesse momento de pandemia, entre outros assuntos de natureza social, econômica e de saúde, em notas curtas e rápidas, que caracterizam o formato de boletim.

O segundo, por trazer informações de utilidade pública, como a prorrogação do prazo de entrega do Imposto de Renda em Goiás, assumindo o formato de programete de serviço, tanto em virtude da curta duração quanto pela quantidade de temas abordados em um curto espaço de tempo.

Já na categoria proposta por Ferraretto (2014), o programa tem caráter interpretativo, tanto por ser um boletim quanto porque contextualiza as informações repassadas ao público a partir de notas lidas ao vivo pela apresentadora.

Portanto, o *Universidade informa*, dentro da categorização de gêneros no rádio, é um programa jornalístico no formato de boletim, com característica também do gênero serviço, no formato de programete de serviço, e de caráter interpretativo, pois durante a sua veiculação, contextualiza suas informações.

Na próxima ficha, descrita no Quadro 10, serão detalhados os temas do programa.

Quadro 10 – Principais temas abordados no *Universidade informa*

Isolamento social decrescente, Goiás deve registrar 500 novos casos de infecção pelo novo coronavírus sem uma semana.	Goiás ultrapassa a marca de 100 óbitos pela Covid-19
Pesquisa indica que hábitos de vida dos brasileiros pioraram durante a pandemia do novo coronavírus	Em tempos de isolamento social, estudantes da UFG levam programa de saúde mental para as redes sociais
Infecção pelo novo coronavírus avança pela periferia da capital	No Dia mundial de conscientização da violência contra a pessoa idosa, o alerta é quanto às violações dos direitos dos idosos durante a pandemia do novo coronavírus
UFG cria plano emergencial de conectividade para estudantes de baixa renda	Pesquisadores alertam que precariedade do saneamento básico no País facilita a proliferação da Covid-19
Pandemia do novo coronavírus deve aumentar em 82% o número de pessoas com fome em todo o planeta	Percentual de pessoas que não pretende se vacinar contra o novo coronavírus preocupa OMS

Fonte: elaborado pela autora (2022).

A ficha de investigação 4 traz um recorte dos dez principais temas¹⁴ veiculados pelo *Universidade informa* durante o primeiro semestre de pandemia, incluindo a edição que foi selecionada para constituir a amostra analisada para este trabalho.

O objetivo é mostrar as principais temáticas abordadas pelas edições do programa ao longo do semestre, e que há uma variabilidade de assuntos e perspectivas contempladas pelo programa. Com isso, demonstra-se que a preocupação nesse momento de pandemia se estende para além do número de óbitos e vítimas, pois também reporta a assuntos como: fome e

¹⁴No Apêndice C, é possível ter acesso a todos os temas veiculados pelo *Universidade informa* no primeiro semestre de 2020.

educação, visto que muitos estudantes não têm acesso à internet para assistir às aulas; os hábitos dos brasileiros durante a crise sanitária; a ineficiência do saneamento básico no País; a saúde mental em tempos de pandemia; e como a periferia lida com esse momento pandêmico.

Tais reflexões suscitam a tomada de consciência e o despertar para os impactos da pandemia na vida da sociedade como um todo, trazendo à tona de forma intensificada questões como as desigualdades sociais, a exclusão digital, a insegurança alimentar e o negacionismo.

Na etapa seguinte, serão analisados os elementos que chegam para complementar os programas radiofônicos na internet.

Quadro 11 – Linguagem do rádio hipermediático no *Universidade informa*

Áudio	Foto	Vídeo	Texto complementar	Infográfico	Hipertextualidade	Jornalismo de fonte aberta	Ferramentas Interativas
Sim	Não	Não	Sim	Não	Não	Não	Não

Fonte: Lopez (2010).

Nessa penúltima ficha de investigação, buscou-se pelos elementos que se somariam ao programa radiofônico. Descobriu-se, então, que das oito categorias, apenas duas estavam presentes: o áudio, ainda como ferramenta principal; e o texto complementar. As demais não estavam presentes no site, tampouco nas plataformas de *streaming*.

Isso posto, o que se tem de imagem do *Universitária informa* é apenas o *banner* do programa, tanto no site quanto no *Google Podcast*, *Deezer*, *Spotify* e *Anchor*. Outrossim, os únicos detalhes a que ouvinte tem acesso é a data em que o boletim foi ao ar, a hora, a duração e o (s) tema (s) do dia.

Afora isso, não foram encontrados vídeos, infográficos, presença do jornalismo de fonte aberta e de público mais ativo e participativo, assim como não foram identificadas ferramentas interativas como *sms*, *e-mails*, *chats* e fóruns.

Diante das informações encontradas, assimila-se que o áudio continua a ser a ferramenta central para transmissão de informações pelo *Universitária informa*. Enquanto isso, os demais elementos que poderiam agregar mais valor ao conteúdo ficam dispersos e sem utilidade, contribuindo para que esse produto radiofônico seja mais uma transposição daquilo que foi veiculado ao vivo para a internet.

Para finalizar essa seção da linguagem hipermidiática do rádio, a ficha disposta no Quadro 12 pretende auxiliar a análise da linguagem radiojornalística em tempos de internet.

Quadro 12 – Linguagem radiojornalística para tempos de pandemia no *Universidade informa*

Tipo de conteúdo		A informação possui	Uso correto dos termos	Editorias	Fontes	Personagens
Sim	Jornalismo					
Não	Publicidade/Propaganda					
Não	Relações Públicas					
Não	Entretenimento					
Sim	Atualidade					
Sim	Proximidade					
Sim	Proeminência					
Não	Universalidade					
Sim	A Covid-19/ O vírus/ o SARS-COV-2					
Sim	Distanciamento social					
Sim	Isolamento					
Não	Quarentena					
Não	Contenção ou quarentena comunitária					
Sim	Saúde					
Sim	Política					
Não	Sociedade					
Não	Tecnologia					
Sim	Economia					
Não	Meio ambiente					
Sim	Autoridades					
Não	Protagonistas direto					
Não	Especialistas					
Não	Testemunhas					
Sim	Infectados					
Sim	Vítimas fatais					
Não	Histórias Positivas					

Fonte: Ferraretto e Morgado (2020), com adaptações da autora (2022).

Nessa última ficha de investigação, constata-se que segundo as categorias elencadas, o conteúdo tem caráter jornalístico, porque além de o programa ter um formato de boletim informativo e programete de serviço, traz temáticas de interesse público, a partir de diferentes perspectivas e segmentos referentes ao novo vírus que estava a se disseminar pelo mundo.

Sobre as informações veiculadas, nota-se que possui atualidade, pois são apresentados os dados mais recentes sobre a pandemia, tanto em nível local quanto nacional, mostrando o seu desenrolar no estado, como tem afetado as atividades e a vida das pessoas.

Característica como a proximidade também foi observada, uma vez que os assuntos abordados contemplam os interesses do público local, ao tratar dos números do coronavírus na capital, Goiânia, e em todo o Goiás; dos detalhes sobre os casos de Covid-19; dos dados sobre infectados e mortes; da grande adesão ao distanciamento social no estado; e posteriormente, do retorno de atividades religiosas, em salão de beleza e indústrias.

A proeminência é igualmente verificada, por meio das informações divulgadas sobre os profissionais de saúde que vieram a óbito pela Covid-19.

Por sua vez, a universalidade é identificada nos temas apresentados ao longo do programa, por trazerem informações que mantêm o público atualizado sobre o novo vírus e curiosidades sobre dados da pandemia.

Sobre o uso correto dos termos referentes à pandemia, três aparecem no programa: a Covid-19, o distanciamento social e o isolamento. Dois deles são mencionados com coerência, e um deles acaba sendo confundido, quando a apresentadora fala: “depois de um período com grande adesão ao isolamento social ainda no mês de março [...]”. Nota-se que ela confunde distanciamento social com isolamento, mas segundo Ferraretto e Morgado (2020), o primeiro está relacionado à redução da interação entre as pessoas para desacelerar a transmissão do vírus, enquanto o segundo termo se refere à capacidade de separar pessoas doentes de não doentes para evitar a propagação do vírus. Nesse caso, o correto seria “depois de um período com grande adesão ao distanciamento social [...]”.

No que diz respeito às editorias, identificaram-se quatro: saúde, política, economia e sociedade. A primeira é observada quando o programa mostra os dados sobre o número de casos de Covid-19 no Brasil, que contava com mais de 43 mil mortes e aproximadamente 800 mil casos de contaminados, além de 169 profissionais da saúde que haviam morrido nos País por conta do vírus; no estado de Goiás, foram 8 mil casos confirmados e 211 óbitos.

Na política, o assunto é o decreto do governo do estado, permitindo o retorno de atividades, e o decreto apresentado por vereadores na Câmara Municipal de Goiânia, com o projeto de decreto legislativo que determina a abertura imediata do comércio.

No tocante à economia, o tema abordado foi a prorrogação do prazo para entrega do Imposto de Renda, em virtude da pandemia. Na editoria de sociedade, a temática foi o Dia mundial de Conscientização da violência contra a pessoa idosa.

Em seguida, na seção referente às fontes do programa, somente uma aparece no fim da edição e assume o posto de autoridade. Nesse caso, o presidente do Conselho de Psicologia de Goiás, Wandson Arantes, que fala sobre a violência contra a pessoa idosa, especialmente nesse momento de pandemia.

Por fim, na categoria personagens, não é possível identificar ou confirmar a existência deles, visto que a maior parte do programa é composto por notas. Logo, por mais que a edição traga dados sobre os infectados no Brasil e em Goiás, assim como o número de vítimas fatais, trata-se de informações gerais, que não nomeiam ou trazem, por exemplo, depoimentos.

O *Universidade informa* é breve, até porque é um boletim, e por meio da edição analisada, atina-se que apesar de sua brevidade, tentaram passar o máximo de informações ao público sobre a Covid-19 e os seus desdobramentos, trazendo, ao mesmo tempo, a prestação de serviços.

5.2 FM Café

O *FM Café* é o mais tradicional programa jornalístico de debates da FURG FM, transmitido, simultaneamente, pela FURG TV. Em 2020, em decorrência da pandemia, passou a ser gravado por meio de *live*, a partir da página da FURG no *Facebook*.

A edição analisada do respectivo programa corresponde a terça-feira, dia 16 de junho de 2020, com o tema o Iteccorona, frente tecnológica da FURG no combate à pandemia e as ações desenvolvidas pelo Centro de Ciências Computacionais.

Para fins de análise foram aplicadas seis fichas de investigação tanto para observar os recursos da *web* que foram aplicados a este programa, como classificá-lo, refletir sobre os temas veiculados e como *FM Café* foi estruturado.

Quadro 13 – Características gerais do *FM Café*

Periodicidade	Dia	Horário	Duração	Produção	Blocos	Quadros	Quantidade
Semanal	Terça e quinta	13h	60 min	Gabinete e SECOM da FURG	Não	Não	25

Fonte: elaborado pela autora (2022).

Ao iniciar a análise do *FM Café*, é oportuno ressaltar que diante das buscas por alternativas para que o programa fosse ao ar, em face do distanciamento social e do novo modelo de trabalho remoto, a solução encontrada foi gravar o programa por meio de *lives*, a partir da página da FURG no *Facebook*, como declarado pela apresentadora. Aliás, uma declaração que transparece cuidado e dedicação por parte da emissora, no sentido de enfrentar os desafios impostos para colocar a programação no ar e levar informação de qualidade ao público.

Desse modo, ao aplicar a primeira ficha ao *FM Café*, contabilizaram-se 25 edições veiculadas ao longo do primeiro semestre, dos quais 20 eram sobre a pandemia. Identificou-se, ainda, que é um programa semanal, veiculado duas vezes por semana, terça e quinta-feira, às

13h, com uma média de duração de uma hora. O programa não possui blocos ou quadros, sendo produzido pelo gabinete da FURG, em parceria com a SECOM da instituição.

Além de ser veiculado pela rádio FURG FM, o programa é disponibilizado tanto no site da universidade quanto no *Youtube* e *Facebook*, como referido no início da análise. Em se tratando da presença do programa na *web*, a ficha descrita no Quadro 14 busca investigar as ferramentas e os recursos usados como complementares pelo produto radiofônico.

Quadro 14 – Características da *web* aplicadas ao *FM Café*

Institucionalidade	Interatividade	Memória	Serviços de <i>streaming</i>	Personalização	Aprofundamento da informação jornalística: (reportagens especiais ou programas temáticos de debates)
Não	Sim	Sim	<i>Youtube</i>	Sim	Sim

Fonte: Almeida e Magoni (2009), com adaptações da autora (2022).

Nessa segunda ficha, iniciando-se pela institucionalidade, atesta-se que não está presente, porque nem mesmo a apresentadora se identifica quando inicia o programa; não há apresentação de uma ficha técnica ao término; e as únicas informações divulgadas na abertura do *FM Café* pela locutora são o nome da segunda apresentadora, a jornalista Juliana Rodrigues, e os responsáveis pelos trabalhos técnicos, Sidnei Costa, Everton Cosme e Felipe Aguirre.

A emissora, inclusive, não possui site, apenas uma seção hospedada na página da FURG onde o ouvinte tem acesso à programação semanal, a um resumo da história da rádio e aos *podcasts* de alguns programas. Para mais, não há galeria ou informações apresentando institucionalmente e identificando quem faz parte da rádio. Todavia, em algumas emissoras, além da história, apresenta-se a missão, os valões, os prêmios e a ficha com a equipe que compõe a rádio.

A interatividade é verificada quando a apresentadora sugere aos ouvintes que estão acompanhando a *live* que enviem suas perguntas ou dúvidas aos convidados. Denota-se, pois, a possibilidade que as redes sociais oferecem de um contato mais direto, inclusive a apresentadora lê ao vivo um comentário enviado por uma espectadora, dizendo que era uma alegria rever sua professora, Silvia, umas das convidadas do dia.

Com relação ao quesito memória, detectou-se sua presença no site da emissora, onde são disponibilizados os arquivos do programa em formato de *podcast*, para que o ouvinte possa

ouvir *on-line* ou fazer o *download* e escutar o *FM Café* quando e onde quiser. Nesse momento, adentra-se na questão das plataformas de circulação do programa, identificadas no site da própria emissora e no *Youtube*, como citado anteriormente, assim como no *Facebook*, onde aconteciam as *lives* para que o *FM Café* fosse ao ar. É necessário informar que apesar de haver uma menção no site da FURG sobre a presença do programa no *Spotify*, não há qualquer registro de edições do *FM Café* nessa plataforma.

Por conseguinte, se a memória está presente, se há uma presença do programa em plataformas de *streaming*, logo, a personalização não ficaria de fora. Isso significa que essa categoria está presente e torna possível que o ouvinte crie sua própria *playlist* do *FM Café*, com base em seus gostos e estilos.

Por último, no que se refere ao aprofundamento da informação jornalística, também é identificado, uma vez que o *FM Café*, a cada edição, promove a discussão de temáticas com vários convidados, como em uma mesa redonda. Mas a classificação do programa é uma questão a ser debatida na ficha a seguir, no Quadro 15.

Quadro 15 – Gêneros e formatos radiofônicos no FM Café

Gênero	Formato
Jornalístico	Mesa redonda
Educativo-cultural	Temático
Jornalístico	Interpretativo

Fonte: Barbosa Filho (2009); Ferraretto (2014).

Entende-se que cada programa tem suas características, sua classificação e seus formatos, e com o *FM Café* não seria diferente. No rol das categorias de gêneros radiofônicos definidos por Barbosa Filho (2009), dois estão presentes no programa analisado.

O primeiro, jornalístico no formato de mesa redonda, porque além de noticiar que a FURG desenvolveu uma frente tecnológica com a ajuda de diferentes setores acadêmicos e de pessoas de fora da academia, traz convidados para debater o tema do dia e contar relatos, depoimentos e experiências sobre o respectivo assunto. O segundo, educativo-cultural no formato temático, pois aborda temas específicos, igualmente de caráter científico, a serem explanados por seus convidados para demonstrar suas contribuições, como também trazer aconselhamentos.

Partindo para a classificação jornalística proposta por Ferraretto (2014), o *FM Café*, assim como o programa anterior, assume o caráter interpretativo, tanto por ter o formato de mesa-redonda quanto porque é um programa de longa duração, com convidados conversando e

aprofundando a discussão em torno de um tema específico. Isso significa que a informação está sendo contextualizada.

Dito isso, deduz-se que o *FM Café* é um programa jornalístico no formato de mesa redonda, com características do gênero educativo-cultural, por também se enquadrar como programa temático e ter caráter interpretativo na abordagem de suas temáticas.

Na ficha a seguir, descrita no Quadro 16, elencam-se alguns dos temas debatidos no *FM Café* ao longo do primeiro semestre de 2020.

Quadro 16 – Principais temas abordados no *FM Café*

Ações de enfrentamento ao coronavírus	FURG no Comitê Científico da Covid-19 no RS
iTecCorona e ações do C3- O iTecCorona, frente tecnológica da FURG no combate à pandemia	Produção de máscaras de tecido para proteção contra a Covid-19
Ações voltadas aos estudantes durante a pandemia	As ações de inovação e oportunidades para empreender durante a pandemia
Escola de Química e Alimentos (EQA) apresenta as ações desenvolvidas no combate ao coronavírus	Situação da Covid-19 em Rio Grande
As ações na comunidade pesqueira durante a pandemia	Escola de Enfermagem da FURG apresenta as ações realizadas no combate à pandemia e os desafios do período para professores, estudantes e profissionais da área da saúde

Fonte: elaborado pela autora (2022).

Analisando as fichas dos principais temas¹⁵ veiculados pelo *FM Café* no primeiro momento da pandemia, qual seja o primeiro semestre de 2020, nota-se a existência de um caráter institucional de divulgação das ações da FURG no combate à Covid-19. Tais ações são provenientes de diferentes setores da instituição, a exemplo de tecnológico, químico e enfermagem. A divulgação dessas iniciativas é meritória, na medida em que a comunidade externa à universidade pode conhecer esses projetos e, quem sabe, contribuir de alguma forma. A publicização dessas ações demonstra que a academia tem intenção de levar essas informações para além dos muros da universidade, não as deixando restritas à comunidade acadêmica, demonstrando ao público externo a combinação de teoria e prática no combate à pandemia.

É importante destacar que o programa também traz outras temáticas, perpassando os temas institucionais, como a questão da Covid-19 em Rio Grande; as ações de enfrentamento ao coronavírus; as oportunidades para empreender na pandemia; e as máscaras de tecido na proteção contra o vírus. Os temas elencados contemplam uma variedade de editorias, como educação, sociedade, saúde, economia, ciência e tecnologia, revelando que além de divulgar as

¹⁵ No Apêndice D, é possível acessar todos os temas veiculados pelo *FM Café*

ações da universidade, há uma preocupação em manter o público informado sobre as últimas notícias atinentes à Covid-19.

Com a ajuda da internet, essas informações podem alcançar um número cada vez maior de pessoas, porquanto o conteúdo radiofônico acaba sendo complementado pelos novos recursos proporcionados pela *web*, os quais contribuem para chamar mais ainda a atenção do público para aquela informação. Essas categorias são analisadas na ficha do Quadro 17.

Quadro 17 – Linguagem do rádio hipermediático no *FM Café*

Linguagem do rádio hipermediático							
Áudio	Foto	Vídeo	Texto complementar	Infográfico	Hipertextualidade	Jornalismo de fonte aberta	Ferramentas interativas
Sim	Não	Sim	Sim	Não	Não	Não	Não

Fonte: Lopez (2010).

O uso de recursos hipermediáticos pelo *FM Café* são precários, e pode-se dizer que ainda em fase inicial de integração da própria emissora à internet, considerando que a rádio ainda não possui um site, como citado outrora.

Em vista disso, os únicos recursos encontrados foram o áudio, como ferramenta principal, e um pequeno informativo em forma de texto, como complemento à seção da emissora hospedada no site da FURG. Também foram localizados vídeos no *Facebook*, considerando que as lives ficam salvas nessa rede social.

Entretanto, ao observar a situação da rádio FURG, nota-se que não surpreende a ausência de recursos como foto, infográfico, hipertextualidade, ferramentas interativas e aplicação do jornalismo de fonte aberta, com a participação direta do público enviando material e agregando conteúdo ao programa.

Um exemplo concreto da aplicação destes recursos é a rádio Vanguarda, no interior do Piauí, mais precisamente na cidade de União. O jornal de meio-dia é um fenômeno em audiência, não somente no próprio município, mas nas cidades vizinhas e na região. A

população fica esperando a hora para assistir e enviar suas denúncias, enviadas à emissora pelo *WhatsApp*, sendo prontamente divulgadas em formato de áudio.

Talvez se esse tipo de participação ou recurso tivesse sido constatado durante a análise da rádio da FURG, seria necessário buscar por respostas sobre como estariam realizando essa proeza diante das limitações. Fale-se em limitações em virtude daquilo que foi observado durante a análise e pelo modo como a emissora se apresenta ao público.

É certo que existem os prós e contras de cada programa. Nesse caso, como positivo, tem-se a possibilidade fazer o *download* diretamente na página da rádio, no site da FURG; já o negativo seriam alguns deslizes na parte jornalística, os quais serão pontuados na ficha designada no Quadro 18.

Quadro 18 – Linguagem radiojornalística para tempos de pandemia no *FM Café*

Tipo de conteúdo		A informação possui	Uso correto dos termos	Editorias	Fontes	Personagens
Não	Jornalismo					
Não	Publicidade/Propaganda					
Sim	Relações Públicas					
Não	Entretenimento					
Sim	Atualidade					
Não	Proximidade					
Sim	Proeminência					
Sim	Universalidade					
Sim	A Covid-19/ O vírus/o SARS-COV-2					
Não	Distanciamento social					
Não	Isolamento					
Não	Quarentena					
Não	Contenção ou quarentena comunitária					
Não	Saúde					
Não	Política					
Não	Educação					
Não	Social					
Sim	Tecnologia					
Não	Economia					
Não	Meio ambiente					
Não	Autoridades					
Não	Protagonistas direto					
Sim	Especialistas					
Não	Testemunhas					
Não	Infectados					
Não	Vítimas Fatais					
Não	Histórias positivas					

Fonte: Ferraretto e Morgado (2020), com adaptações da autora (2022).

O conteúdo do programa tem caráter de relações públicas, por estar debatendo como surgiu a frente tecnológica da FURG e as ações do Centro de Ciências Computacionais para combater a pandemia em Rio Grande.

Sobre as características das informações debatidas, são atuais, não possuem proximidade em virtude da linguagem técnica que dificultou o entendimento do assunto. As informações possuem proeminência, ou seja, pessoas importantes atuando no combate à Covid-19, visto que os dois projetos atuam em conjunto e incluem voluntários de diferentes setores da FURG, como Ciência da Computação, Engenharias e até mesmo de fora do ambiente universitário. Por último, a universalidade também está presente, porque as ações desenvolvidas voluntariamente pelos projetos, no que se refere à análise de dados da pandemia e à produção de materiais para proteção contra o vírus, vão ao encontro dos interesses da sociedade nesse momento.

No que se refere ao uso correto dos termos, ao longo do programa, as apresentadoras referem-se à doença mais como coronavírus. Os termos listados na ficha acima não são usados, exceto em poucas ocasiões em que há menções, como Covid-19 sendo usado corretamente.

Em relação à editoria, o programa encaixa-se no eixo da tecnologia, visto que o assunto gira em torno apenas dos projetos; de suas ações e contribuições no combate à pandemia; da produção voluntária de protetores faciais; da parceria com a prefeitura, para análise de dados, e por meio do portal da instituição, para divulgação das informações sobre a Covid-19; assim como do desenvolvimento de suportes para empreendedorismo e auxílio em tele vendas ou comércio eletrônico.

Sobre as fontes presentes na edição analisada, identificaram-se como professores/pesquisadores que fazem parte dessa frente tecnológica da FURG Paulo Brito, Alessandro Biche e Silvia Botelho, enquadrando-se na categoria especialista, como definido por Ferraretto e Morgado (2020).

O programa não conta com personagens, uma vez que não traz depoimentos ou dados sobre infectados e vítimas.

Para finalizar, a edição analisada do *FM Café* poderia ter sido melhor explorada em face da importância do tema e dos projetos desenvolvidos. Todavia, o programa não foi claro, ficou confuso para a comunidade leiga, pois havia muitas falas técnicas em que os próprios convidados poderiam ter tentado explicar alguns termos, uma vez que estavam em um programa de rádio, com abrangência para além dos muros da universidade. Em consequência disso, acabaram não conseguindo passar a essência do projeto.

Por sinal, o programa traz alguns acertos interessantes, como a busca por uma interatividade dos ouvintes com o programa, enviando dúvidas e comentários; e falhas que não deveriam acontecer como, por exemplo, a ausência de identificação da apresentadora, o detalhamento do tema – visto que era uma espécie de assunto que requer um pouco mais de atenção do jornalista para que fique claro ao público.

Não obstante, essas são questões a serem discutidas ao término deste trabalho. O próximo programa a ser analisado é o *UNIFAP no ar*.

5.3 UNIFAP no ar

O *UNIFAP no ar* identifica-se como um boletim de rádio produzido pelo Escritório Modelo ‘UNIFAP Notícias’, da Universidade Federal do Amapá.

O programa foi o terceiro a ser analisado utilizando o método da semana mista, correspondendo à quarta-feira, 17 de junho de 2020. Nesse dia, abordou como temas: as inscrições para o curso básico de Libras em EaD; o plano de retorno gradual das atividades acadêmicas, apresentado pela PROGRAD; e a dica de leitura do livro *Memórias do subsolo*.

A seguir, serão aplicadas fichas de investigação para analisar detalhadamente o programa.

Quadro 19 – Características gerais do *UNIFAP no ar*

Periodicidade	Dia	Horário	Duração	Produção	Blocos	Quadros	Quantidade
Diário	Seg. a Sex.	12h40	3 min	Estudantes do curso de jornalismo da UNIFAP, Assessoria Especial da Reitoria, Escritório Modelo Unifap Notícias	Não	Dica de leitura na quarentena – livro <i>Memórias do subsolo</i>	36

Fonte: elaborado pela autora (2022).

Nessa primeira ficha, foram elencadas nove categorias para investigar e obter respostas sobre as características do programa, de forma macro, a exemplo de: periodicidade; dia/dias em que costuma ser veiculado; horário; duração; quem produz; se é dividido em blocos; se possui quadros específicos ao longo do programa; quantos foram veiculados ao longo dos primeiros meses de pandemia; em quais plataformas de *streaming* podem ser encontrados, ouvidos *on-line* ou feito o *download*. Dessa forma, é possível identificar seus aspectos e iniciar a observação sobre como foi realizada a cobertura da pandemia.

O primeiro programa a tratar da Covid-19 foi ao ar no dia 25 de maio de 2020. Nesse primeiro momento, descobriu-se que o *UNIFAP no ar* tem curta duração, é produzido por estudantes de jornalismo, em parceria com o Escritório Modelo “Unifap Notícias”, da Universidade Federal do Amapá, sendo coordenado pela professora Roberta Scheibe e supervisionado pelo professor Paulo Giraldi. O programa é veiculado diariamente, de segunda a sexta-feira, às 12h40, horário em que geralmente as pessoas estão almoçando ou relaxando.

Identificou-se que foram veiculados 36 programas ao longo do primeiro semestre da pandemia, dos quais 24 tratavam do coronavírus.

De posse dessas informações, seguiu-se para a próxima ficha, por meio da qual serão analisados os recursos da *web* que foram aplicados ao respectivo programa, como dispõe o Quadro 20.

Quadro 20 – Características da *web* aplicadas *UNIFAP no ar*

Institucionalidade	Interatividade	Memória	Serviços de <i>streaming</i>	Personalização	Aprofundamento da informação jornalística: (reportagens especiais ou programas temáticos de debates)
Sim	Não	Sim	<i>Spotify, Deezer, Castbox</i> (desatualizado)	Sim	Não

Fonte: Almeida e Magoni (2009), com adaptações da autora (2022).

Em um segundo momento da investigação, foram determinados quatro itens cujas aplicações junto ao programa seriam identificadas. O primeiro foi a institucionalidade, que pôde ser observada em dois momentos: no site da emissora, na aba onde o ouvinte tem acesso à equipe da Rádio UNIFAP, desde a direção executiva, passando pela coordenação de comunicação, divisão de operação e manutenção, secretaria geral, divisão de programação, escritório modelo, bolsistas até a coordenação de laboratórios; e no programa, onde essa característica pode ser observada ao término, quando a apresentadora identifica os responsáveis pela produção, sendo a Assessoria Especial da Reitoria e o Escritório Modelo UNIFAP Notícias, em parceria com a Rádio Assembleia 93,9 FM.

Contudo, esse detalhe chama a atenção para a importância da divulgação da ficha técnica completa, de modo que apresente também quem está por trás da sonoplastia; da direção de

programação; da edição; da supervisão geral; da direção da emissora. Isso porque, apesar de o apresentador se identificar e posteriormente divulgar quem está por trás da produção, essas informações ficam incompletas.

No que se refere à interatividade, não foi identificada durante e ao fim do programa qualquer opção de contato para sugestões, críticas, elogios ou canais, como *WhatsApp* ou demais redes sociais da emissora. Nessa direção, foi disponibilizado somente o *Spotify*, as redes sociais e site da universidade para o público acompanhar outras notícias.

Em contrapartida, um detalhe chama a atenção: a interatividade, que pode ser observada no site da Rádio UNIFAP, na aba *Entre em contato*, onde o ouvinte preenche seus dados, como nome completo, telefone, *e-mail*, assunto e a mensagem que deseja enviar. Provavelmente, por uma falha na comunicação ou esquecimento, essas informações não são divulgadas.

O quesito memória está disponível nas plataformas de *streaming*, como visto no Quadro 20. De fato, os programas estão disponíveis para serem ouvidos a qualquer momento e quantas vezes se desejar, seja *on-line* ou por meio de *download* no *Spotify* e *Deezer*, e até mesmo no *Castbox*, que está desatualizado. Também é válido destacar que apesar de a apresentadora não informar, a emissora possui suas próprias redes sociais, o que significa que os programas podem ser ouvidos nas páginas da rádio no *Facebook* (Rádio Universitária 96,9 FM – Unifap) e no *Instagram*, por meio do @rádiounifapoficial. Nessas plataformas, o ouvinte tem acesso a programas novos e antigos, personalizando quais deles deseja ouvir e os temas de seu interesse.

Com relação ao aprofundamento da informação jornalística, no *UNIFAP no ar* não foi encontrado qualquer tipo de reportagem especial ou programa de debates, até porque tem curta duração e dentro desse tempo, traz uma série de diferentes informações.

Para entender melhor sua classificação, a ficha a seguir, no Quadro 21, traz a categorização do programa segundo os conceitos de gêneros e formatos no rádio propostos por Barbosa Filho (2009).

Quadro 21 – Gêneros e formatos radiofônicos no *UNIFAP no ar*

Gênero	Formato
Jornalístico	Boletim
Serviço	Programete de serviço
Jornalístico	Utilitário

Fonte: Barbosa Filho (2009); Ferraretto (2014).

No *UNIFAP no ar*, foi possível identificar dois gêneros radiofônicos, em consonância com a classificação de Barbosa Filho (2009): o primeiro, jornalístico no formato de boletim, porque é um pequeno informativo com menos de cinco minutos e que traz informações sobre a

universidade, os eventos universitários, os cursos e as pesquisas desenvolvidas pela instituição, abordando assuntos que também contemplam um público para além do meio acadêmico; o segundo gênero é o de serviço no formato de programete de serviço, porque traz dicas de leitura para o período de quarentena, além de uma variabilidade de informações que são de interesse tanto do público acadêmico – pela possibilidade de fazer um novo curso à distância, com o Projeto Libras para a Comunidade – quanto do público em geral, ao trazer previsões para o retorno gradual das atividades acadêmicas presenciais, uma vez que essa notícia pode ser de interesse de todos, por estarem aguardando um desfecho para ingressar na universidade.

No que se refere à classificação jornalística de Ferraretto (2014), o programa assume o caráter utilitário, pelas mesmas razões citadas no gênero anterior: trazer informações de utilidade pública; falar sobre as inscrições do curso de Libras à distância; trazer dicas de leituras; e comentar sobre o possível retorno presencial das atividades universitárias.

Portanto, o *UNIFAP no ar* pode ser categorizado da seguinte forma: programa jornalístico no formato de boletim, com características do gênero serviço, no formato de programete de serviço e de caráter utilitário.

O Quadro 22 apresenta os dez principais temas abordados pelo programa ao longo dos primeiros meses de pandemia.

Quadro 22 – Principais temas abordados no *UNIFAP no ar*

Hospital Universitário recebe tanques de oxigênio e nitrogênio para instalação do Centro Covid-19	PET indígena registra relatos de aldeias acometidas pela Covid-19
Ministério da Saúde lança o TELEPSI - Apoio psicológico aos profissionais da saúde	Pesquisa sobre o impacto da pandemia em pacientes com Lúpus Eritematoso Sistemático
O plano de retorno gradual das atividades acadêmicas apresentado pela PROGRAD	A cartilha com orientações para saúde mental da FIOCRUZ
Pesquisa sobre o processo inflamatório da Covid-19	Revista científica recebe trabalhos sobre a Covid-19
Ações da UNIFAP no combate ao coronavírus	Dica sobre uso da máscara de proteção facial

Fonte: elaborado pela autora (2022).

Nessa seção, além do tema¹⁶ abordado no dia selecionado para análise, foram elencadas mais nove temáticas para apresentar um recorte dos principais assuntos sobre a Covid-19, abordados ao longo do semestre.

As temáticas envolvendo a saúde; a preocupação com as minorias; a importância e a divulgação de pesquisas nesse momento; orientações para proteger-se durante a pandemia; o trabalho da universidade no combate ao vírus; e as suas estratégias para o retorno das atividades acadêmicas; são parte das reflexões promovidas e divulgadas pelo programa.

¹⁶ No Apêndice E, é possível acessar os temas veiculados pelo *UNIFAP no Ar*.

O *UNIFAP no ar*, embora tenha um caráter mais institucional, voltado à divulgação de eventos e assuntos da universidade, também traz temas de interesse do público, além de orientar, esclarecer e mantê-lo informado, com dicas sobre: como se proteger usando as máscaras; as pesquisas que trazem informações sobre como ocorre a Covid-19; um manual para manter o equilíbrio e a saúde mental nesse momento de medos e incertezas; assim como os portadores de outras doenças podem ser impactados pelo coronavírus.

Nos demais temas, que podem ser encontrados no Apêndice E deste trabalho, elencam-se episódios com dicas de alimentação saudável, campanhas de incentivo à doação de sangue, dicas de limpeza e dicas de leitura, isto é, assuntos que vão ao encontro das necessidades informacionais que o momento pandêmico requer.

Na ficha a seguir, no Quadro 23, são esmiuçados os elementos que complementam o programa de rádio na internet.

Quadro 23 – Linguagem do rádio hipermediático no *UNIFAP no ar*

Áudio	Foto	Vídeo	Texto complementar	Infográfico	Hipertextualidade	Jornalismo de fonte aberta	Ferramentas interativas
Sim	Não	Não	Sim	Não	Não	Não	Não

Fonte: Lopez (2010).

Ao aplicar essa penúltima ficha ao *UNIFAP no ar*, percebe-se que o áudio se mantém como a principal ferramenta do programa, e dentre as características designadas como hipermediáticas por Lopez (2010), somente o texto aparece como figura complementar. Os demais itens, como foto, vídeo, infográfico, hipertextualidade, jornalismo de fonte aberta ou ferramentas interativas não foram localizados nas plataformas onde o programa é disponibilizado.

No site da Rádio UNIFAP, por exemplo, somente é possível ter acesso a um *banner* indicando a existência do programa; já no *Spotify* e *Deezer*, o ouvinte tem acesso ao *podcast* do programa e a uma breve descrição da(s) temática(s) abordada(s).

Fora isso, alguns detalhes à parte estão disponíveis nas plataformas de *streaming*: o número da edição do programa; a data em que foi ao ar; a duração; e a parte da ficha técnica referente à apresentação, edição, coordenação e supervisão.

Contudo, tais dados ficam um pouco dispersos. Por exemplo, na ficha 20, ao tentar identificar a institucionalidade no programa, percebeu-se que não havia a divulgação de uma ficha técnica completa, mas também por partes, trazendo informações somente sobre a produção do programa.

Sobre o jornalismo de fonte aberta, nota-se que ainda não há uma abertura efetiva para uma participação do público no envio de informações, como fotos, vídeos, áudios ou interação por meio das redes sociais, não pela inexistência dessas redes de comunicação, mas por falta de divulgação durante o programa, pois ao acessar o site da emissora, encontra-se um *banner* com o *QR Code* do *WhatsApp* da rádio escrito *envie uma mensagem*. Porém, supondo que nem todo mundo acessa o site, por exemplo, o ouvinte do carro, do ônibus, de casa ou que está ouvindo o *UNIFAP no ar* por outras plataformas de *streaming*, não toma posse dessa informação. Isso significa que é como se não existisse o incentivo à cultura da participação.

Como mencionado anteriormente, a falta de divulgação restringe a atuação das ferramentas interativas que permitem o contato mais próximo entre ouvinte-emissora mediante conexão com as redes sociais, como *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, fazendo com que essas pessoas se sintam presentes na programação da rádio.

Na ficha a seguir, no Quadro 24, é possível vislumbrar mais claramente esse dilema.

Quadro 24 – Linguagem radiojornalística para tempos de pandemia no *UNIFAP no ar*

Tipo de conteúdo		A informação possui	Uso correto dos termos	Editórias	Fontes	Personagens
Não	Jornalismo					
Não	Publicidade/Propaganda					
Sim	Relações públicas					
Não	Entretenimento					
Sim	Atualidade					
Sim	Proximidade					
Não	Proeminência					
Não	Universalidade					
Não	A Covid-19/ O vírus/o SARS-COV-2					
Não	Distanciamento social					
Não	Isolamento					
Sim	Quarentena					
Não	Contenção ou quarentena comunitária					
Não	Saúde					
Não	Política					
Sim	Educação					
Não	Social					
Não	Tecnologia					
Não	Economia					
Não	Meio ambiente					
Sim	Autoridades					
Não	Protagonistas direto					
Não	Especialistas					
Não	Testemunhas					
Não	Infectados					
Não	Vítimas fatais					
Não	Histórias positivas					

Fonte: Ferraretto e Morgado (2020), com adaptações da autora (2022).

Nessa última ficha de investigação, aprofunda-se na estrutura do programa, concluindo que das sete categorias elencadas, seis estão presentes. Por exemplo, no que se refere ao tipo de conteúdo, segundo a classificação de Ferraretto e Morgado (2020), caracteriza-se como Relações públicas, por ter um caráter mais institucional voltado para a divulgação das ações da universidade.

No quesito informação, é possível identificar características como a atualidade, uma vez que o programa traz como assuntos as inscrições para o curso de libras ofertado pela instituição, como também a proposta de retorno gradual das atividades acadêmicas. Outro ponto observado é a proximidade, por estar adjunto tanto do público universitário quanto de modo geral, trazendo notícias sobre o retorno das atividades acadêmicas, pois tanto os universitários quanto a comunidade em geral interessada em ingressar na instituição poderia estar aguardando pelo desfecho das atividades universitárias. Quesitos como proeminência e universalidade não foram verificados.

Sobre o uso correto dos termos, a única palavra citada ao longo do programa foi no quadro dicas de leitura, quando a apresentadora sugeriu o livro *Memórias do subsolo* para ler durante o período de quarentena.

Ademais, em relação à editoria, o assunto educação esteve presente durante todo o programa. No que diz respeito às fontes, apenas uma aparece, dentre a categorias definidas, encaixando-se como autoridade, por ser o professor Melque Lima, coordenador do Projeto Libras para a Comunidade. No programa, não há personagens, e no fim, a apresentadora reforça que os boletins anteriores podem ser ouvidos pelo *Spotify* ou pelas redes sociais da universidade, em @unifapoficial.

Por aqui, encerra-se a análise do programa *UNIFAP no ar*, e segue-se para a investigação do próximo, o programa *Outra Estação*, da Rádio UFMG Educativa.

5.4 Outra estação

O *Outra estação* apresenta-se como um programa que semanalmente investiga temáticas de interesse da sociedade, visando à busca de dados e diálogos com pessoas que possam contribuir com o assunto do dia, contemplando, ainda, uma variabilidade de questões, como ciência, educação, política, economia, meio ambiente e urbanismo, a fim de estimular uma abordagem crítica e contextualizada.

Esse programa foi o quarto a ser analisado, na quinta-feira, dia 18 de junho de 2020, e faz parte da grade de programação da Rádio UFMG Educativa, cuja edição investigada traz como tema o avanço do coronavírus pelo interior de Minas Gerais.

A análise foi dividida em partes. Nas fichas a seguir, é possível acompanhar com detalhes cada uma delas.

Quadro 25 – Características gerais do *Outra estação*

Periodicidade	Dia	Horário	Duração	Produção	Blocos	Quadros	Quantidade
Semanal	Quinta	18h	30 min	Núcleo de jornalismo da rádio UFMG	Sim	Não	21

Fonte: elaborado pela autora (2022).

Ao aplicar a primeira ficha, referente às características gerais do programa, captou-se que no primeiro semestre de 2020, foram veiculadas 21 edições do *Outra estação*, sendo 20 referentes à Covid-19.

Sobre as demais categorias, constatou-se que o programa tem periodicidade semanal, veiculado sempre às quintas-feiras, a partir das 18h, com duração média de 30 minutos, sendo produzido pelo núcleo de jornalismo da rádio UFMG.

O programa não possui quadros, é dividido em dois blocos, traz notas, comentários, depoimentos, sonoras de especialistas e autoridades, e está disponível em *podcast*, tanto no site quanto nas plataformas de *streaming* – mas essas são questões a serem observadas na ficha disposta no Quadro 26.

Quadro 26 – Características da *web* aplicadas ao *Outra estação*

Institucionalidade	Interatividade	Memória	Serviços de streaming	Personalização	Aprofundamento da informação jornalística: (reportagens especiais ou programas temáticos de debates)
Sim	Sim	Sim	Spotify, Deezer, Podchaser, Megafono, Google Podcasts	Sim	Não

Fonte: Almeida e Magoni (2009), com adaptações da autora (2022).

Nessa segunda ficha, foram designadas seis categorias, sendo identificadas cinco na rádio em apelo. A primeira foi a institucionalidade, quando ao fim do programa, a locutora

apresentou a ficha técnica com os nomes dos responsáveis por: apresentação; edição; produção; trabalhos técnicos; coordenação de jornalismo; coordenação de operação; e coordenação de programação. Pode parecer apenas um detalhe para quem acompanha a rádio todos os dias, mas é uma iniciativa importante por parte da emissora, pois é o modo como ela se apresenta à sociedade.

Ainda sobre a institucionalidade, pode-se observar no site da rádio, na seção onde estão disponíveis a história da emissora; os prêmios; a formação complementar de estudantes de graduação e pós-graduação; professores e técnicos administrativos; e, por último, a equipe da rádio.

No segundo item, que alude à interatividade, não se pode dizer que está presente efetivamente, uma vez que se observa que acontece de forma unilateral no programa, pois por mais que a apresentadora divulgue as redes sociais do *Outra estação* ao término da edição, ela não estimula a participação e a interatividade mútua com o ouvinte, que poderia ocorrer de forma simples, apenas sugerindo: acompanhe nossas redes sociais e envie elogios, críticas ou sugestões.

Em seguida, o quesito memória aparece, juntamente com item plataformas de circulação, já que o programa é disponibilizado em formato de *podcast*, tanto no site da UFMG Educativa quanto nas principais plataformas de *streaming*: *Spotify*, *Deezer*, *Podchaser*, *Megafono* e *Google Podcasts*, facilitando o acesso do público ao programa, quando e quantas vezes desejar.

A personalização é outro quesito observado no programa *Outra estação*, e aparece seguido dos dois últimos citados anteriormente (memória e plataformas de circulação), visto que ao disponibilizar o programa nesses canais, o ouvinte poderá pesquisar pelos temas que foram veiculados e identificar aqueles se adequam às suas preferências, de modo que selecione os programas que deseja ouvir.

O último item que faz referência ao aprofundamento da informação jornalística foi o único a não se fazer presente no programa, porque não foram constatadas reportagens especiais ou programa de debates com temas específicos, porquanto o *Outro estação* é composto somente por notas acompanhadas de sonoras das fontes e dos depoimentos. Tais características podem melhor ser entendidas visualizando a ficha do Quadro 27.

Quadro 27 – Gêneros e formatos radiofônicos no *Outra estação*

Gênero	Formato
Jornalístico	Comentário
Educativo-cultural	Temático
Jornalístico	Interpretativo

Fonte: Barbosa Filho (2009); Ferraretto (2014).

Ao tratar da classificação do *Outra estação*, com base nas categorias de Barbosa Filho (2009), identificam-se duas: jornalística e educativo-cultural. A primeira, em formato de comentário, já que o programa é estruturado pelas notas informativas seguidas da fala/comentário de autoridades e especialistas, enquanto fontes que trazem pesquisas e observações sobre a Covid-19; a segunda, educativo-cultural, no formato de programa temático, em virtude tanto de apresentar um tema específico e a partir dele trazer diferentes temáticas em uma mesma edição, como também pelo seu caráter científico, ao mostrar não somente os dados da pandemia, mas as pesquisas que estão sendo desenvolvidas sobre o assunto e que contribuirão para superar os impactos e as adversidades provocadas nesse momento.

No que se refere à classificação de Ferraretto (2014), o *Outro estação* assume o caráter interpretativo, apesar de ser um programa no formato de comentário. Isso porque as informações comentadas sobre a Covid-19, por autoridades e pesquisadores, tem caráter mais contextualizado que opinativo, tendo em vista que as fontes dos programas, em sua maior parte, explanam suas pesquisas ou fazem relatos sobre como são impactados pelo vírus.

Nesse sentido, o *Outra estação* é um programa jornalístico no formato de comentário, com características educativas-culturais, apresentando forma temática, assim como tem caráter interpretativo.

Na ficha a seguir, no Quadro 28, é possível entender a melhor essa perspectiva, a partir dos temas listados.

Quadro 28 – Principais temas abordados em *Outra estação*

O SUS e o novo coronavírus	A educação nos tempos do coronavírus
Como a Covid-19 afeta populações tradicionais?	Os embates políticos e contenção ao coronavírus pelo Brasil
Pandemia compromete saúde mental das mães	O coronavírus avança pelo interior de Minas
Coronavírus pode levar ao fechamento de pequenos negócios	O combate ao coronavírus nas penitenciárias do Brasil
Degradação ambiental favorece surgimento de pandemias	Coronavírus expõe problemas das metrópoles

Fonte: elaborado pela autora (2022).

A ficha acima apresenta um recorte dos dez principais temas¹⁷ veiculados pelo programa no primeiro de semestre de 2020, incluindo a edição selecionada para verificação. Observando os temas, o que se constata é que o programa faz jus ao papel que uma emissora universitária deve desempenhar, o que significa que além do caráter educativo, há um olhar para as questões ambientais, mostrando como as atitudes da sociedade provocam impactos na natureza e para os invisibilizados, denotando preocupação com as desigualdades sociais, ao tentar mostrar como a pandemia trouxe à tona os problemas que as autoridades, muitas vezes, negligenciam.

Ainda com base no Quadro 28, observa-se que as reflexões sobre a pandemia trazem um misto de temas que tentam englobar a Covid-19 a partir de diferentes perspectivas, por exemplo: além das questões sociais e ambientais, aborda a situação da saúde mental, em especial das mães, nesse momento pandêmico, como também o impacto da Covid-19 nos pequenos negócios.

Além das temáticas explanadas acima, o programa reflete sobre como as minorias têm lidado com essa situação. É o caso da edição que trata do combate à Covid-19 nas periferias, e como o vírus afeta as comunidades tradicionais, por exemplo, as comunidades indígenas.

Nesse sentido, ao verificar parte das temáticas abordadas pelo programa *Outra estação*, nota-se uma variabilidade de editorias, que vão desde a saúde, passando pela política, educação, meio ambiente, sociedade até a economia. Mas essas são categorias a serem trabalhadas adiante.

Quadro 29 – Linguagem do rádio hipermediático em *Outra estação*

Áudio	Foto	Vídeo	Texto complementar	Infográfico	Hipertextualidade	Jornalismo de fonte aberta	Ferramentas interativas
Sim	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim

Fonte: Lopez (2010).

Na ficha mostrada no Quadro 29, elencam-se oito categorias, das quais cinco foram identificadas no programa em apreço. É importante comentar que de todos os programas

¹⁷No apêndice F, é possível encontrar todos os temas veiculados em *Outra estação*.

analisados até o momento, o *Outra estação* é o mais completo, no que se refere à aplicação de recursos e funções disponibilizados pela internet.

Vale lembrar que dependendo da plataforma que o público acesse, a presença dessas ferramentas e desses recursos pode variar. Por exemplo, ao acessar as plataformas de *streaming*, o ouvinte tem acesso somente ao áudio e texto complementar, enquanto ao pesquisar no site da UFMG Educativa, o programa disponibiliza uma série de elementos, como foto, texto, *links* e ferramentas interativas, além do áudio, que continua a ser a ferramenta principal.

Na página do *Outra estação* no site da emissora, as informações veiculadas em formato de áudio também são disponibilizadas em texto. Adicionalmente, traz: fotos das pessoas que foram fontes no programa; *links* que direcionam para outras páginas; boletim epidemiológico da Secretaria Estadual de Saúde de Minas Gerais; o balanço divulgado pela prefeitura de Juiz de Fora; uma seção ao fim do texto, intitulada *Para saber mais*, onde se disponibilizam mais *links* que oferecem acesso ao painel de monitoramento da Secretaria de Saúde de Minas Gerais – apresentando a distribuição geográfica de casos confirmados de Covid-19; a página do Ministério da Saúde em que são publicados os boletins epidemiológicos, diariamente; o perfil de casos e óbitos provocados pelo novo vírus; como também a página da UFMG com informações sobre o coronavírus.

No que se refere às ferramentas interativas, último item dessa ficha, elas aparecem no fim da página do programa, no site onde estão disponíveis atalhos para acessar o *e-mail*, *Linkedin*, *Twitter* e *Facebook*.

Sobre as categorias que não foram localizadas, são duas: os infográficos e o jornalismo de fonte aberta. Apesar de haver depoimentos no programa, não é possível os caracterizar como colaboração ou algo enviado espontaneamente, mas como personagens das informações selecionadas para irem ao ar. Mas essas são questões a serem exploradas na próxima ficha.

Quadro 30 – Linguagem radiojornalística para tempos de pandemia no *Outra estação*

Tipo de conteúdo		A informação possui		Uso correto dos termos		Editorias		Fontes		Personagens	
Sim	Jornalismo	Sim	Atualidade	Sim	Distanciamento social	Sim	Saúde	Sim	Autoridades	Sim	Infetados
Não	Publicidade/Propaganda	Não	Proximidade	Sim	Isolamento	Sim	Política	Sim	Protagonistas direto	Sim	Vítimas fatais
Não	Relações públicas	Não	Proeminência	Não	Quarentena	Sim	Educação	Sim	Especialistas	Sim	Histórias positivas
Não	Entretenimento	Sim	Universalidade	Não	Contenção ou quarentena comunitária	Não	Social	Sim	Testemunhas	Sim	
Sim	Atualidade	Sim	A Covid-19/ O vírus/ o SARS-COV-2	Sim		Sim	Tecnologia	Sim		Sim	
Sim	Relações públicas	Sim		Sim		Sim	Economia	Sim		Sim	
Sim	Entretenimento	Sim		Sim		Sim	Meio ambiente	Sim		Sim	
Sim	Atualidade	Sim		Sim		Sim		Sim		Sim	
Sim	Proximidade	Sim		Sim		Sim		Sim		Sim	
Sim	Proeminência	Sim		Sim		Sim		Sim		Sim	
Sim	Universalidade	Sim		Sim		Sim		Sim		Sim	
Sim	A Covid-19/ O vírus/ o SARS-COV-2	Sim		Sim		Sim		Sim		Sim	
Sim	Distanciamento social	Sim		Sim		Sim		Sim		Sim	
Sim	Isolamento	Sim		Sim		Sim		Sim		Sim	
Não	Quarentena	Não		Sim		Sim		Sim		Sim	
Não	Contenção ou quarentena comunitária	Não		Sim		Sim		Sim		Sim	
Sim	Saúde	Sim		Sim		Sim		Sim		Sim	
Sim	Política	Sim		Sim		Sim		Sim		Sim	
Sim	Educação	Sim		Sim		Sim		Sim		Sim	
Não	Social	Não		Sim		Sim		Sim		Sim	
Não	Tecnologia	Não		Sim		Sim		Sim		Sim	
Não	Economia	Não		Sim		Sim		Sim		Sim	
Não	Meio ambiente	Não		Sim		Sim		Sim		Sim	
Sim	Autoridades	Sim		Sim		Sim		Sim		Sim	
Sim	Protagonistas direto	Sim		Sim		Sim		Sim		Sim	
Sim	Especialistas	Sim		Sim		Sim		Sim		Sim	
Sim	Testemunhas	Sim		Sim		Sim		Sim		Sim	
Sim	Infetados	Sim		Sim		Sim		Sim		Sim	
Sim	Vítimas fatais	Sim		Sim		Sim		Sim		Sim	
Não	Histórias positivas	Não		Sim		Sim		Sim		Sim	

Fonte: Ferraretto e Morgado (2020), com adaptações da autora (2022).

O *Outra estação* traz uma combinação entre notas e comentários de pesquisadores, professores, secretários e coordenadores. Em vista disso, no que diz respeito ao tipo de conteúdo, atina-se que os temas abordados têm caráter jornalístico, uma vez que o programa faz um apanhado de dados e informações sobre a Covid-19 em Minas Gerais, trazendo também autoridades para comentar esses números e o momento pandêmico.

Por conseguinte, no que se refere às características da informação, a atualidade está presente, assim como a proximidade, tendo em vista que todas as pautas do programa analisado foram voltadas para a cobertura da pandemia em Minas Gerais. Outra categoria encontrada foi a proeminência, que pode ser identificada na participação dos representantes dos conselhos estadual e municipal de saúde, e da jovem que perdeu o pai em decorrência do vírus.

A universalidade igualmente se faz presente, visto que além dos dados e das informações sobre o número de casos, vítimas e óbitos, o programa traz autoridades e

depoimentos de pessoas que vivenciaram de perto os impactos provocados pela Covid-19, além de conteúdos que vão ao encontro da necessidade do momento, de manter-se informado e atualizado sobre a pandemia. Com efeito, como esses dados são mais locais, interessam a uma grande quantidade de pessoas que residem no estado.

Sobre o uso correto dos termos, três aparecem ao longo do programa: Covid-19, distanciamento social e isolamento. Os dois primeiros são usados corretamente, entretanto, em determinado momento, a apresentadora confunde isolamento com distanciamento social, quando profere: “[...] a adesão da população ao isolamento social e as medidas como uso de máscara.”

Em outro momento, distanciamento social é usado corretamente: “[...] somente a ampliação de leitos sem a manutenção do distanciamento social não é suficiente para impedir o colapso do sistema de saúde.”

Os dois trechos apresentados demonstram que embora em algumas situações, os termos sejam usados como sinônimos, tratam de coisas diferentes. Enquanto distanciamento social tem a ver com o afastamento da sociedade de suas atividades para evitar a propagação do vírus, o isolamento faz referência àquelas pessoas que estão acometidas pelo vírus, mantendo-se afastadas das demais.

Em seguida, no que diz respeito às editorias contempladas pelo programa, aparecem três: saúde, educação e política. A primeira apresenta: número de municípios mineiros com mortes registradas por Covid-19; a subnotificação dos casos; a busca por medidas de fortalecimento do sistema de saúde; a dispersão do vírus pelas cidades do interior; as cidades de Minas Gerais com o maior número de infectados; as cidades com maiores números de óbitos no estado; e as divergências nos casos divulgados pela secretaria estadual de saúde e as prefeituras.

Na editoria educação, o programa traz a pesquisa desenvolvida para testagem em grupo, visando a otimizar recursos escassos. Em seguida, no que se refere à política, o *Outra estação* aborda o Projeto Minas Consciente, criado pelo governo do estado, com o objetivo de promover a retomada econômica nas cidades mineiras durante a pandemia. O segundo tema dessa editoria seria o documento encaminhado aos deputados estaduais pelo presidente do Conselho dos Secretários Municipais de Saúde de MG, a fim de intermediar junto ao Ministério da Saúde a liberação de 790 leitos de UTI no estado.

Na categoria seguinte, no que tange ao quesito fontes, identificaram-se dez, que podem ser encaixadas da seguinte forma: autoridades, que seria o secretário estadual de saúde de Minas Gerais, Carlos Eduardo Amaral; o presidente do Conselho dos Secretários Municipais

de saúde de MG, Eduardo Luiz; e o coordenador da Rede de Urgência e Emergência da Secretaria Municipal de Saúde de Uberlândia, Clauber Lourenço. Como especialistas, o professor de Ciências Econômicas e pesquisador, Leonardo Costa; o professor e pesquisador, Ricardo Tacarrache; o coordenador do Internato em Saúde Coletiva da UFMG, Geraldo Cury; o doutor em demografia pela UFMG e professor do Curso de Geografia da UFVJM, Douglas Satler; e a professora do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Montes Claros, Yara Maria Soares.

Como protagonista direto, o operador de máquinas, Damião Pereira, que foi infectado pelo vírus e relata sua experiência. Por último, como testemunha, o depoimento de Bruna Almeida, que perdeu o pai, mais uma vítima fatal da Covid-19.

Na última categoria, denominada personagens, dois podem ser identificados: infectados e vítimas fatais. O primeiro seria o operador de máquinas, Damião Pereira, que foi contaminado pela Covid-19; e a vítima fatal, o pai de Bruna Almeida, citada anteriormente, o senhor Marcos Luís, que faleceu em decorrência do vírus.

Após analisar todas as categorias dessa última ficha, assimila-se que o programa é bem estruturado, tem uma variedade de editorias e tenta trazer o máximo de informações possíveis, além de uma diversidade de fontes que não se restringem a autoridades e especialistas, mas pessoas que viveram os impactos da Covid-19.

O próximo passo será analisar o programa *Fora da curva*, da Rádio Paulo Freire, da UFPE.

5.5 Fora da curva

O *Fora da curva* define-se como um programa jornalístico que propõe a análise crítica de temas veiculados pelas rádios, jornais e TVs comerciais, defendendo, inclusive, a construção de uma agenda midiática com temáticas de interesse social sem espaço no debate público, dando vez e voz às minorias e aos invisibilizados.

O objetivo do programa é oferecer aos ouvintes discursos alternativos, informações e interpretações, sob uma abordagem que se diferencie da mídia hegemônica, contribuindo com a diversificação das vozes na mídia no que alude a temas atuais, tanto em âmbito local quanto nacional.

O *Fora da curva* foi o quinto e último programa analisado, referente à sexta-feira, 19 de junho de 2020. A temática do dia, intitulada *Quem governa o Brasil?*, visa a refletir sobre a situação política do País e seus desdobramentos nesse momento de crise sanitária.

Os detalhes poderão ser acompanhados pelas seis fichas aplicadas na sequência, iniciando-se pelo Quadro 31.

Quadro 31 – Características gerais do *Fora da curva*

Periodicidade	Dia	Horário	Duração	Produção	Blocos	Quadros	Quantidade
Semanal	Sexta	11h	55 min	Professores (as) e estudantes do Departamento de Comunicação Social da UFPE, com a colaboração de professores de outros centros e departamentos	Não	Não	20

Fonte: elaborado pela autora (2022).

Em um primeiro momento de análise do *Fora da curva*, acerca das categorias gerais, é importante destacar que ao todo, encontraram-se 20 programas veiculados ao longo do primeiro semestre de 2020. Dentro dessa margem, um detalhe chama a atenção: todas as edições catalogadas faziam parte do especial coronavírus, o que indica que do dia 20 de março a 18 de agosto de 2020, todos os programas foram dedicados especialmente à cobertura da pandemia.

No que se diz respeito às demais categorias, detectou-se que o programa não é dividido por blocos, não possui qualquer tipo de quadro, tem duração média de 55 minutos, sendo disponibilizado toda sexta-feira, em formato de *podcast*, nas principais plataformas de *streaming*.

Entretanto, é válido sobrelevar que o *Fora da curva* é um programa de rádio produzido por professores (as) e estudantes do Departamento de Comunicação Social da UFPE, com a colaboração de professores de outros centros e departamentos, sendo veiculado diariamente pelas rádios universitárias 99,9 FM e Paulo Freire AM. Assim, após a veiculação de todas as edições da semana, escolhe-se uma para ser adaptada para *podcast* e disponibilizada na *web*.

Sobre a presença do *Fora da curva* na internet, a ficha do Quadro 32 descreve melhor.

Quadro 32 – Características da *web* aplicadas ao *Fora da curva*

Institucionalidade	Interatividade	Memória	Serviços de <i>streaming</i>	Personalização	Aprofundamento da informação jornalística: (reportagens especiais ou programas temáticos de debates)
Sim	Não	Sim	<i>Spotify</i> , <i>Youtube</i> (desatualizado), <i>Google Podcasts</i> , <i>Anchor</i> , <i>Castbox</i> (desatualizado), <i>Apple Podcast</i> , <i>Rádio Public</i>	Sim	Sim

Fonte: Almeida e Magoni (2009), com adaptações da autora (2022).

Sobre os recursos propiciados pela *web* ao *Fora da curva*, o primeiro identificado foi a institucionalidade, aparecendo no fim do programa, quando se veicula uma vinheta contendo informações sobre quem produz, com apoio do Departamento de Sociologia e do Núcleo de Rádio e TV Universitária, em parceria com a Marco Zero Conteúdo, o Centro de Cultura Luís Freire, o Centro das Mulheres do Cabo, o Centro Sabiá e Terral Coletivo de Comunicação, informando, ainda, que o programa fica disponível nas redes sociais, na página do *Facebook*, no canal do *Youtube* e *Mixcloud*, e finaliza com o lema: *a gente fala o que a maioria cala*.

Essa última colocação apresentada no lema, coaduna o pensamento de Deus (2003), quando ressaí que as emissoras universitárias não devem se prender a um único estilo de pensamento e expressão, mas divulgar aquilo que o modelo comercial ignora. Posto isso, a frase reflete o papel que as rádios vinculadas às universidades devem ter, no sentido de promover reflexões, conhecimento e veicular informações que além de informar, estimulem a criticidade do público.

Em se tratando de público, um item não identificado durante a análise foi a interatividade, pois do começo ao fim, não houve menções a um *entre em contato conosco*, que incentivasse a participação do público para o envio de elogios, críticas ou sugestões, até mesmo por meio das redes sociais, que foram divulgadas para acompanhar outras edições do programa. As únicas ferramentas interativas encontradas foram o *e-mail* e o *WhatsApp* no site da emissora, os quais não foram divulgados durante o programa analisado.

No item referente à memória, constata-se a sua presença nas plataformas de *streaming* onde o programa circula, como *Spotify*, *Youtube* (desatualizado), *Google Podcasts*, *Anchor*, *Castbox* (desatualizado), *Apple Podcast*, *Rádio Public*.

A personalização é outro item que está presente, visto que o programa é disponibilizado nas plataformas de áudio, possibilitando que o ouvinte acesse e ouça quando quiser as edições de seu interesse, podendo, com base em suas preferências, selecionar temas com os quais se identifica.

O último item identificado da ficha do Quadro 32 foi o aprofundamento da informação jornalística, porque o programa *Fora da curva*, além de ser temático, promove o debate de ideias em relação a temas específicos, a partir de cada edição do programa que vai ao ar.

Mas essa é uma questão a ser explicada na ficha do Quadro 33.

Quadro 33 – Gêneros e formatos radiofônicos no *Fora da curva*

Gênero	Formato
Jornalístico	Entrevista
Educativo-cultural	Temático
Jornalístico	Opinativo

Fonte: Barbosa Filho (2009); Ferraretto (2014).

A classificação do *Fora da curva* na perspectiva dos gêneros radiofônicos acontece em duas categorias: jornalística, porque tem formato de entrevista, trazendo perguntas e respostas, como também o debate de ideias entre o apresentador e o convidado, não deixando o programa cansativo de assistir; e educativo-cultural, no formato de programa temático, pois a partir do tema principal, estabelecido para a edição do dia, são debatidos diferentes fatos e diversas situações dentro da temática escolhida.

Na categorização proposta por Ferraretto (2014), o programa assume o caráter opinativo, pois o convidado comenta e opina sobre a situação política do País.

Sobre os temas veiculados pelo *Fora da curva* o Quadro 34 apresenta mais detalhes.

Quadro 34 – Principais temas abordados no *Fora da curva*

Como fica o trabalho no Brasil?	Os desafios do isolamento social
A luta das populações mais vulneráveis	Não são números: histórias da pandemia
Como combater a violência sexual infantil na pandemia?	A mídia e a pandemia
O que será o amanhã?	Qual será o nosso futuro?
A educação durante e após a pandemia	O impacto da Covid nas comunidades tradicionais brasileiras

Fonte: elaborado pela autora (2022).

Ao analisar o recorte das temáticas¹⁸ veiculadas no primeiro semestre de 2020, observa-se que mostram uma preocupação com o futuro, diante das incertezas provocadas pela pandemia, demonstrando também que o programa busca refletir sobre a Covid-19 para além de um vírus, de uma doença, de dados e estatísticas, apontando que existem impactos negativos e positivos dentro desse caos pandêmico, além de uma história por trás de cada número contabilizado no rol de infectados e vítimas.

Ainda no que tange aos temas listados acima, refletem os impactos do distanciamento social, pensando principalmente pela ótica da saúde mental e da violência doméstica; da situação das populações mais vulneráveis para lidar com esse momento; dos efeitos sentidos pela educação durante e após a pandemia, visto que a exclusão digital é uma realidade vivenciada por muitos brasileiros e que impacta a busca de medidas para que as atividades escolares continuem a funcionar, apesar do distanciamento.

Os temas referidos ainda apontam a situação do trabalho na pandemia, em virtude do efeito na produção de bens e serviços, gerando desemprego, ao mesmo tempo em que promove oportunidades. Outras questões apresentadas fazem referência à violência sexual infantil, cujos dados são preocupantes no País, assim como o papel da mídia na pandemia e as alternativas para levar informação ao público, em meio a todo o caos.

São temas pertinentes que tentam sair do âmbito das mortes e infectados, indicando que o impacto da pandemia é muito maior do que é imaginado, pois não alterou somente rotinas, mas o trabalho, a saúde mental, a educação, as relações sociais, a economia, e daí em diante.

Na ficha a seguir, no Quadro 35, releva-se como esses temas foram abordados pelo programa, utilizando, inclusive, os recursos hipermediáticos disponibilizados pela *web*.

Quadro 35 – Linguagem do rádio hipermediático no *Fora da curva*

Áudio	Foto	Vídeo	Texto complementar	Infográfico	Hipertextualidade	Jornalismo de fonte aberta	Ferramentas interativas
Sim	Não	Não	Sim	Não	Não	Não	Não

Fonte: Lopez (2010).

¹⁸ No apêndice G, é possível encontrar todos os temas veiculados pelo *Fora da curva*.

Nessa penúltima ficha de investigação, é importante sublinhar que os únicos recursos hipermidiáticos utilizados pelo *Fora da curva* foram o áudio e o texto complementar.

O primeiro, como característica principal, assim como nos programas das demais emissoras analisados até aqui. O segundo item, como complemento, pois nas plataformas de *streaming*, por exemplo, não havia fotos ou outros recursos, apenas um *banner* com a logo do programa e um pequeno informativo introdutório para que o ouvinte se situe quanto ao tema abordado na edição e ao convidado do dia.

Os demais recursos, como fotos, vídeos, infográfico, hipertextualidade, ferramentas interativas e o jornalismo de fonte aberta, visando a uma abertura para que o público seja mais participativo e se sinta integrante do programa, não foram encontrados.

Nesse sentido, após as observações constatadas, o que se entende é que há mera transposição de conteúdo radiofônico da emissora para as plataformas de *streaming* na *web*, tendo em vista que não foram identificados os recursos da linguagem hipermidiática.

Tais recursos contribuem para complementar as informações, mas não estão sendo aplicados como deveriam pelos produtos radiofônicos na *web*. O áudio continua a ser a ferramenta mais importante para os conteúdos veiculados pelos programas de rádio, mas é pertinente entender que em tempos de integração à internet, novas ferramentas surgem para serem aplicadas e enriquecerem a produção jornalística, seja do rádio, da TV ou do portal.

Essas ferramentas, quando aplicadas para complementar as informações disponibilizadas por um veículo de comunicação na *web*, além de prenderem a atenção do ouvinte, permitem que eles tenham novas experiências com o conteúdo jornalístico. Sobre a parte jornalística do *Fora da curva*, a ficha disposta no Quadro 36 explana melhor.

Quadro 36 – Linguagem radiojornalística para tempos de pandemia no *Fora da curva*

Tipo de conteúdo		A informação possui	Uso correto dos termos	Editorias	Fontes	Personagens
Sim	Jornalismo					
Não	Publicidade/Propaganda					
Não	Relações públicas					
Não	Entretenimento					
Sim	Atualidade					
Sim	Proximidade					
Não	Proeminência					
Sim	Universalidade					
Sim	A Covid-19/O vírus/o SARS-COV-2					
Não	Distanciamento Social					
Não	Isolamento					
Não	Quarentena					
Não	Contenção ou quarentena comunitária					
Não	Saúde					
Sim	Política					
Sim	Social					
Não	Tecnologia					
Sim	Economia					
Sim	Meio ambiente					
Sim	Autoridades					
Não	Protagonistas direto					
Não	Especialistas					
Não	Testemunhas					
Não	Infectados					
Não	Vítimas fatais					
Não	Histórias positivas					

Fonte: Ferraretto e Morgado (2020), com adaptações da autora (2022).

Na última ficha de análise do *Fora da curva*, certifica-se que o conteúdo tem caráter jornalístico, porque política é um tema de interesse público, seja na escola, em casa, no trabalho, na igreja ou em qualquer outro lugar. Sempre haverá alguém debatendo sobre o assunto, principalmente nesse momento pandêmico em que o Brasil sofreu com o modo como a pandemia foi conduzida pelo líder político maior do País.

A informação tem atualidade, pois é um tema que está em constante evidência: o desgoverno que vive o Brasil. A proximidade também pode ser observada, pois é um assunto em nível nacional, que impacta direta e indiretamente a vida de todos. E por último, a universalidade, visto que as discussões desencadeadas a partir desse assunto contemplam o interesse de um grande número de pessoas.

Sobre o uso correto dos termos, nota-se que o apresentador não tem muito domínio de alguns conceitos, porquanto logo na abertura do programa, confunde distanciamento com isolamento, quando diz: “enquanto estivermos em isolamento social em casa [...]”. Porém, não é de surpreender, uma vez que o mesmo erro foi identificado em outros programas perscrutados.

No quesito editoria, a que mais se adequa ao programa *Fora da curva* é a política, uma vez que são debatidas questões como a politização da Covid-19 pelo presidente do Brasil, o modo como o governo federal está lidando com a crise sanitária, e a postura da Câmara dos Deputados em meio à fragmentação política do País.

É oportuno destacar que questões de teor econômico, social e de saúde também são apontadas pelo convidado. A primeira quando aponta a questão do desejo de retomada da economia por parte do País e os perigos de reabertura do comércio em face do cenário pandêmico; em outro momento, declara que o Estado deixou de ser um Estado de Direito para se associar ao livre comércio e ao lucro.

Já no quesito social, o entrevistado explana que a Covid-19 descortina a luta de classes vivenciada na sociedade brasileira, mostrando as contradições da falta de investimento na saúde e levantando outras reflexões sobre a violência sexual infantil; o aumento do feminicídio durante a pandemia; a situação da população negra, que tem menos acesso à educação e não consegue chegar à média de um branco – assim como se for negro e morar em periferia, a chance de ser baleado chega a 70%; refletindo, inclusive, que a maior parte das vítimas da Covid-19 são os pobres, os negros e os indígenas.

Na saúde, o convidado enfatiza que as 30 mil mortes que já haviam sido contabilizadas poderiam ter sido evitadas se houvesse remédio ou políticas públicas eficazes, que minimizassem a situação das pessoas, tendo em vista como o mercado lida com a vida. Além dessas questões, ainda seria preciso combater o negacionismo e o uso de remédios não comprovados cientificamente para curar a Covid-19.

Por último, no que se refere às fontes, identificou-se apenas uma, até porque é um programa de entrevistas que a cada edição traz um novo convidado. Com isso, pode-se classificar o entrevistado na categoria de autoridade. Nesse caso, o coordenador da Cátedra Dom Helder de Direitos Humanos da UNICAMP, Manoel Morais. Com relação aos personagens, não existem, apenas números gerais que foram citados na editoria de saúde.

Para finalizar, o que se observa do *Fora da curva* é que apesar de ser um programa de entrevista de quase uma hora, que poderia ser monótono, consegue prender a atenção até o fim, em virtude dos desdobramentos que ocorrem em torno do tema.

Mas um ponto interessante a ser destacado é que o programa estava sendo gravado por meio de *lives*, pelas redes sociais, como enfatiza o apresentador. Essa situação chega para demonstrar uma parte dos desafios vivenciados pelo jornalismo com vistas a continuar a desempenhar o seu papel nesse momento, mostrando que mesmo diante dos percalços, é possível colocar o programa no ar e levar informação de qualidade ao público.

5.6 Estudo comparativo dos modelos de coberturas jornalísticas

Após o fim das análises dos programas selecionados para este trabalho, e com base nos resultados obtidos, levando em consideração o quarto objetivo específico desta pesquisa, que consiste em analisar os modelos de cobertura jornalística no primeiro ano da pandemia, realizada pelas rádios universitárias federais, segue-se para a comparação desses modelos, apontando semelhanças e diferenças encontradas na cobertura da pandemia, e comentando as informações obtidas.

Nesse ensejo, faz-se necessário destacar que são cinco emissoras diferentes, e que cada programa possui particularidades e modos de cobrir jornalisticamente esse momento de crise sanitária vivenciada mundialmente. Nesse sentido, para realizar o estudo comparativo, serão reputadas as categorias propostas nas fichas de análise, a começar pela ficha do Quadro 37.

Quadro 37 – Características gerais dos programas

Programas	Periodicidade	Dia	Horário	Duração	Produção	Blocos	Quadros	Quantidade
Universidade informa	Diário	Seg a Sex	10h, 11h, 15h, 17h	11 min	Departamento de Jornalismo da Rádio Universitária	Não	Não	60
FM Café	Semanal	Terça e Quinta	13h	60 min	Gabinete e SECOM da FURG	Não	Não	25
UNIFAP no ar	Diário	Seg a Sex	12h40	3 min	Estudantes do Curso de Jornalismo da UNIFAP, Assessoria especial da reitoria e escritório modelo Unifap Notícias	Não	Sim, dica leitura na quarentena	36
Outra estação	Semanal	Quinta	18h	30 min	Núcleo de jornalismo da rádio UFMG	Sim	Não	21
Fora da curva	Semanal	Sex	11h	55min	Professores e estudantes do Departamento de Comunicação Social da UFPE, com a colaboração de professores de outros departamentos	Não	Não	20

Fonte: elaborado pela autora (2022).

Começando pela periodicidade, três programas são veiculados semanalmente: *FM Café*, da Rádio FURG; *Outra estação*, da Rádio UFMG; e *Fora da curva*, da Rádio Paulo Freire. Os outros dois, *Universidade informa* e *UNIFAP no ar*, são diários.

No que se refere ao dia e horário em que eram veiculados ao vivo, tanto os programas semanais quanto os diários, identificou-se que somente um se enquadrava no horário de pico, o boletim das 10h do *Universidade informa*.

Segundo o IBOPE (2021), o horário de pico de consumo de rádio no início da pandemia, em 2020, era sempre pela manhã, entre 10h e 10h59. Isso significa que todos os demais programas ficam de fora desse interstício: *FM Café*, às 13h; *UNIFAP no ar*, às 12h40; *Outra*

estação, às 18h; e *Fora da curva*, às 11h. Entretanto, apesar de não estarem inclusos no horário de pico, posteriormente, são disponibilizados nas plataformas de *streaming* para que o ouvinte possa ouvir quando e onde quiser.

Em relação à duração dos programas, começam a descortinar-se as diferenças. Por exemplo: enquanto o *Fora da curva* e o *FM Café* tem, em média, uma hora, os demais tem 30 minutos, como o *Outra estação*; 11 minutos, o *Universidade informa*; e 3 minutos, o *UNIFAP no ar*. Nos dois últimos, o formato de boletim justifica o fato de terem a duração menor que os demais, precipuamente o *UNIFAP no ar*, que além de boletim, tem um caráter mais institucional e de serviço, em relação ao *Universidade informa*.

No quesito produção dos programas, também existem diferenças, pois as produções variam de um programa para o outro, o que indica que alguns são produzidos por estudantes e professores, enquanto outros, pelos departamentos de jornalismo das emissoras radiofônicas com as quais os programas estão vinculados. Nesse sentido, enquanto o *UNIFAP no ar* e o *Fora da curva* são produzidos por estudantes e docentes do Curso de Jornalismo, tanto da UNIFAP quanto da UFPE, contando com a colaboração de outros departamentos das respectivas instituições, o *Universidade informa*, *FM Café* e *Outra estação* são produzidos pelos núcleos ou departamento de jornalismo, ou até mesmo pela secretaria de comunicação da universidade.

Diante das informações supracitadas, denota-se que os programas *UNIFAP no ar* e *Fora da curva* desempenham a função laboratorial de serem espaços para os estudantes, em especial de jornalismo, colocarem em prática o que aprenderam em sala de aula, confirmando o pensamento de Deus (2003), segundo o qual o exercício prático do conhecimento adquirido na academia é de suma importância, visto que a experiência laboratorial em uma emissora universitária prepara profissionais diferenciados para o mercado de trabalho, capazes de compreender, debater e transmitir conteúdos sobre as mais variadas temáticas.

Em relação aos demais programas, não se pode fazer as mesmas afirmações, já que alguns revelam apenas que são produzidos pelo núcleo de jornalismo da emissora, como o *Outra Estação*, enquanto em outros, não é possível constatar se a apresentadora é estudante ou profissional, como no caso do *Universidade informa*.

Além disso, houve o caso do *FM Café*, que contava com duas apresentadoras, mas apenas uma foi identificada como jornalista. Essas questões chamam a atenção para um detalhe: fazer rádio vai muito além de falar ao microfone, é importante e necessário conhecer e colocar em prática as técnicas.

Em seguida, no que se refere à estrutura, em se tratando de blocos e quadros dos programas, somente um é dividido por blocos, o programa *Outra estação*, da Rádio UFMG Educativa, que é dividido em duas partes. Nesse caso, os demais têm sua duração sem interrupções, mas é válido destacar que os blocos permitem que o programa estimule no ouvinte a expectativa daquilo que ainda vai ser debatido ou discutido na segunda parte – uma espécie de gatilho para prender a atenção do público. Acredita-se que esse formato de programa seja feito já com o intuito de ser transformado e veiculado como *podcast*.

Em relação à presença de quadros, identificou-se apenas em um programa, o *UNIFAP no ar*, aspecto interessante de observar logo nesse programa, em virtude de seu caráter institucional, já que o quadro traz dicas de leitura durante a pandemia, uma ideia interessante para estimular o público a focar em outras coisas e se distrair, ao invés de ficar vidrado acompanhando dados de vítimas e mortes nos meios de comunicação.

Por último, sobre a quantidade de programas, nota-se que se diferenciam, uns com mais e outros menos edições, mas isso é justificável porque começaram a ser veiculados em datas diferentes. Por exemplo, o primeiro programa com edição sobre Covid-19 foi o *Outra estação*, da Rádio UFMG Educativa, em 19 de março de 2020; seguido do *Fora da Curva*, da Rádio Paulo Freire, em 20 de março do mesmo ano; *FM Café*, da Rádio FURG, em 4 de maio; *UNIFAP no ar*, da Rádio UNIFAP, em 22 de maio; e por último; o *Universidade informa*, da Rádio UFG, em 25 de maio.

Traçando um comparativo entre o *Universidade informa*, com 60 edições, e o *Fora da curva*, com 20, por exemplo, atina-se que aquele foi o programa que veiculou mais conteúdos sobre a Covid-19, enquanto este foi o que veiculou menos, a ponto de ficar em último lugar dentre os programas analisados. Todavia, é oportuno validar que os dois possuem periodicidades diferentes: o primeiro é semanal, enquanto o segundo é diário. Mas no tocante ao tema de estudo desta dissertação, mesmo dispondo de menos edições, há mais espaço para esse assunto na rádio universitária pernambucana, quando comparado o tempo de duração do dois.

Ao contrastar o *Universidade informa*, com maior quantidade de programas, com outro no mesmo formato de boletim, nesse caso, o *UNIFAP no ar*, com 36 edições, embora as datas em que começaram a veicular assuntos sobre o coronavírus tenham sido próximas, esse último teve uma pausa em julho, período de férias – acredita-se que esse tenha sido o motivo para o programa apresentar menor quantidade que o outro, de mesmo formato e periodicidade.

Portanto, ao colacionar os resultados de todos os programas juntos nessa primeira ficha, denota-se que há mais diferenças que semelhanças. Aliás, o único ponto que, de certa forma,

aparece equivalente, parcialmente, é a periodicidade, já que os dois boletins são diários e os demais, semanais; e os horários estratégicos em que são veiculados, ou no horário de almoço ou na parte da tarde, nos horários de pico, quando as pessoas estão se deslocando para suas residências.

Sobre as diferenças encontradas na ficha de categorias gerais, elencam-se: o tempo de duração; a produção; a presença ou não de blocos e quadros; a quantidade de programas que foram ao ar. Logo, dentro dessas categorias, somente um é dividido por blocos, e em seguida, aparece outro, com o quadro de dicas de leitura.

A ficha geral traz o primeiro impacto das diferenças sobre como cada um buscou fazer a cobertura da pandemia, tendo em vista aspectos como periodicidade, dias, horas, duração, produção, blocos, quadros e período em que deram o pontapé inicial, cada um com suas particularidades, sendo produzido por alunos, professores ou profissionais de jornalismo.

Servindo ou não de espaço laboratorial para estudantes, com maior ou menor duração, o que importa é a maneira como esse tempo foi trabalhado e a forma como cada programa o usou para prender a atenção do público, ao saber que apesar de serem veiculados pelas ondas sonoras das emissoras radiofônicas, posteriormente, seriam disponibilizados nos sites das próprias rádios, assim como nas plataformas de *streaming*. Isso porque, diferentemente dos elementos tradicionais de sonoplastia utilizados pelo rádio, na *web* existem novos recursos a serem agregados ao áudio como forma de complementá-lo.

Tais questões são comparadas na próxima ficha de análise, no Quadro 38.

Quadro 38 – Características da *web* aplicadas aos programas

Programas	Institucionalidade	Interatividade	Memória	Serviços de <i>streaming</i>	Personalização	Aprofundamento da informação jornalística: (reportagens especiais ou programas temáticos de debates)
Universidade informa	Não	Sim	Sim	<i>Google Podcast, Deezer, Spotify, Anchor</i>	Sim	Sim
FM Café	Não	Sim	Sim	Youtube	Sim	Sim
UNIFAP no ar	Sim	Não	Sim	<i>Spotify, Deezer, Castbox</i> (desatualizado)	Sim	Não
Outra estação	Sim	Sim	Sim	<i>Spotify, Deezer, Podchaser, Megafono, Google Podcasts</i>	Sim	Não
Fora da curva	Sim	Não	Sim	<i>Spotify, Youtube</i> (desatualizado), <i>Google Podcasts, Anchor, Castbox</i> (desatualizado), <i>Apple Podcast, Rádio Public</i>	Sim	Sim

Fonte: Almeida e Magoni (2009), com adaptações da autora (2022).

Sobre os recursos propiciados pela *web* identificados, o que se pode mencionar é que existem muitas diferenças entre os programas. Essas ferramentas dizem respeito a como o ouvinte terá novas experiências com um produto radiofônico, pelo modo como se apresenta institucionalmente ao público o recurso da institucionalidade, na busca por um contato mais próximo entre a emissora e o ouvinte, mediante o estímulo à interatividade, com o intuito de ouvir o que público pensa sobre o programa, as dúvidas, as sugestões e os elogios.

Além disso, atina-se para a questão da praticidade, com a adoção do recurso da memória, que oferece a possibilidade de ouvir o programa *on-line* ou fazer o *download* para escutar quando e onde quiser. Ainda nessa perspectiva, adentra a personalização, que oferece a chance de selecionar ou criar *playlists* de programas, com base em gostos e preferências. Por último, a

técnica do aprofundamento jornalístico como estratégia que faculta aos ouvintes de rádio receberem informações mais detalhadas na contramão desse mundo frenético em que muitas vezes, a velocidade de divulgação de um fato é mais importante que o seu detalhamento.

Nesse sentido, a começar pela institucionalidade, percebe-se que das cinco emissoras, somente em três o quesito se faz presente efetivamente: *UNIFAP no ar*, *Outra estação* e *Fora da curva*. No caso do *Universidade informa*, é encontrada somente no site da rádio UFG; e no *FM Café*, não foi identificada.

Mas por que defender a institucionalidade? Porque é o modo como uma emissora se apresenta de forma institucional ao seu público. Nos sites de algumas das emissoras analisadas, por exemplo, é a seção que traz a história da rádio, os nomes das pessoas que compõem a equipe; mas há casos em que também apresenta a descrição dos valores e da missão da rádio. Já no caso dos programas, em alguns, a institucionalidade é identificada ao término, na ficha técnica, indicando todos os responsáveis pelo programa.

Logo, das três emissoras em que o quesito pode ser identificado, o programa *Outra estação* é o que mais se destaca, no sentido de trazer ao fim das edições a ficha técnica completa, indicando os responsáveis por: apresentação; edição; produção; trabalhos técnicos; coordenação de jornalismo; coordenação de operação; e coordenação de programação; Além disso, no site da rádio, o ouvinte tem acesso à história; aos prêmios; à formação complementar de estudantes de graduação e pós-graduação; professores e técnicos administrativos; e, por último, a equipe da rádio. Quando uma emissora disponibiliza todas essas informações ao público, além de se identificar, faz transparecer organização, comprometimento, atualização e conhecimento.

Na sequência, o item referente à interatividade foi identificado também em três programas: *Universidade informa*, *Outra estação* e *FM Café*, com algumas diferenças. Nos dois primeiros, a categoria é observada parcialmente, porque os apresentadores apenas divulgam o site e as redes sociais, onde é possível acompanhar o programa, mas deixam a cargo do ouvinte decidir se escrevem algum comentário ou não nesses canais de comunicação. No caso do *FM Café*, a característica é observada em sua totalidade, pois o programa possibilita a interação por meio das *lives*, nas quais os ouvintes podem enviar comentários e dúvidas que serão lidos ao vivo, criando no público a sensação de sentir-se parte daquele programa.

A aplicabilidade da interatividade é importante porque estimula a participação, além de permitir um contato mais próximo entre emissora e ouvinte, ensejando que a própria rádio acompanhe o seu desempenho pela voz do próprio público, seja mediante elogios, críticas ou sugestões.

No que se refere às semelhanças encontradas, os programas *Universidade informa*, *FM Café*, *UNIFAP no ar*, *Outra estação* e *Fora da curva* convergem em três categorias: memória, serviços de *streaming* e personalização.

A memória é relevante porque permite que as emissoras radiofônicas, por meio de um banco de dados, armazenem seus programas, tanto como registro de sua história quanto para possibilitar os acessos a esses arquivos por quem desejar. Os serviços de *streaming* são consideráveis porque nesses espaços é que os programas ficam armazenados para serem ouvidos quando e onde o ouvinte desejar. Já a personalização é necessária porque permite que o ouvinte ouça o programa ou os programas de acordo com a sua preferência, *on-line* ou por *download*, como também monte sua própria *playlist*, com as edições de que mais gostam.

Por fim, tem-se o aprofundamento da informação jornalística, identificado em três dos cinco programas analisados: *Universidade informa*, *FM Café* e *Fora da curva*. No primeiro programa, o critério é observado na veiculação de uma reportagem especial ao término da edição sobre a violência contra os idosos na pandemia. Nos dois últimos, o quesito é verificado no próprio formato dos programas, mesa redonda e entrevista – isso pode ser considerado um exemplo de aprofundamento do tema, em virtude da duração de, aproximadamente, uma hora, com convidados debatendo uma temática específica.

Nos programas *UNIFAP no ar* e *Outra estação*, a característica não foi identificada. No primeiro caso, pode ser justificada pelo tempo de duração de três minutos, e no segundo, pelo formato de comentário do programa, pois traz uma variabilidade de fontes para comentarem diferentes assuntos, mas não de forma aprofundada.

Portanto, fazendo um levantamento da aplicação dos seis recursos da *web* aos programas, organiza-se da seguinte forma: *Universidade informa*, com cinco itens; *FM Café*, cinco; *Outra estação*, cinco; *Fora da curva*, cinco; e *UNIFAP no ar*, quatro itens. Ainda com base nos resultados obtidos nessa segunda ficha, apreendeu-se que das seis categorias listadas, somente três estão presentes em todos os programas, ao mesmo tempo: a memória; os serviços de *streaming*, e a personalização.

O programa *Outra estação*, por exemplo, foi o que mais se destacou, em relação aos demais, por demonstrar propriedade na aplicação das respectivas ferramentas a seu favor, mesmo que o item de aprofundamento da informação jornalística não esteja presente, sendo justificável pelo formato do programa. O modo como os demais recursos foram aplicados reflete, inclusive, no fato de a própria Rádio UFMG Educativa estar à frente das demais, no quesito integração, ocupação dos espaços e ferramenta, proporcionados pela *web*.

Outro programa que consegue se destacar com a presença da maior quantidade de itens, apesar de suas limitações, listadas e relatadas em fichas anteriores, é o *FM Café*. De todos os programas, foi único a tentar interagir diretamente com o público, ao incentivar os comentários dos ouvintes enquanto era gravado, por meio de *live*.

Para finalizar, a ficha dois mostrou as características das rádios universitárias na *web* a partir dos programas, apontando o nível em que cada uma está integrada aos novos espaços e tem propriedade sobre o uso das ferramentas disponibilizadas pela internet, permitindo ao público ter novas experiências com a emissora e com os programas.

Considerando que antes do advento da internet, o modo de obter informação sobre uma rádio ou um programa específico seria ligando para emissora, hoje, pelo celular ou pelo computador, basta apenas uma pesquisa rápida, a depender do quanto essas rádios estão adaptadas ao espaço da *web*, como no caso das emissoras vinculadas aos programas referenciados. Algumas estão mais avançadas que outras – por exemplo, enquanto a Rádio da FURG não tem um site próprio, a emissora da UFMG tem seu próprio site e consegue ter domínio dos recursos propiciados pela *web*.

É nesse sentido que se fala que a pandemia trouxe à tona situações que até então ou passavam despercebidas ou não recebiam a devida importância. É notável que existem limitações técnicas, financeiras e humanas que impedem muitas emissoras de saírem de onde estão para ocuparem definitivamente esses novos espaços e novas ferramentas, mas essas seriam questões para serem investigadas com mais afinco, em outra investigação.

No caso dos recursos propiciados pela *web*, foram essenciais mais ainda na pandemia, para facultarem ao ouvinte a possibilidade de mais que conhecer a emissora de rádio, acessar o programa que estava passando ao vivo no rádio mas que por algum motivo, não foi possível ouvir por completo, aquela informação importante sobre a Covid-19 ou a explicação do especialista. Foi nesse sentido que se optou por analisar os comparados gêneros e formatos encontrados, como mostra o Quadro 39.

Quadro 39 – Gêneros e formatos radiofônicos nos programas

Programa	Gênero	Formato
Universidade informa	Jornalístico	Boletim
	Serviço	Programete de serviço
	Jornalístico	Interpretativo
FM Café	Jornalístico	Mesa redonda
	Educativo-cultural	Temático
	Jornalístico	Interpretativo
UNIFAP no ar	Jornalístico	Boletim
	Serviço	Programete de serviço
	Jornalístico	Utilitário
Outra estação	Jornalístico	Comentário
	Educativo-cultural	Temático
	Jornalístico	Interpretativo
Fora da curva	Jornalístico	Entrevista
	Educativo-cultural	Temático
	Jornalístico	Opinativo

Fonte: Barbosa Filho (2009); Ferraretto (2014).

Em um primeiro momento, ao comparar os programas com base na classificação de gêneros e formatos radiofônicos propostos por Barbosa Filho (2009), identificou-se que das sete categorias propostas pelo autor, três estão presentes: o jornalístico; o educativo-cultural; e o de serviço. No que se refere aos formatos, encontraram-se: boletim; programete de serviço; mesa redonda; programa temático; comentário e entrevista.

Em seguida, ao contrastar os programas em relação aos gêneros propostos por Ferraretto (2014), constata-se que das cinco categorias, três foram identificadas: interpretativa, utilitária, e opinativa.

Ao comparar a presença dos gêneros propostos por Barbosa Filho (2009), assimilou-se que o jornalístico está presente em todos os programas, diferenciando-se apenas os formatos. O boletim pode ser encontrado tanto no *Universidade informa* quanto no *UNIFAP no ar*; os demais são enquadrados como mesa redonda (*FM Café*), comentário (*Outra estação*) e entrevista (*Fora da curva*).

Em alusão aos demais gêneros, o de serviço está presente nos programas *Universidade informa* e *UNIFAP no ar*, cujos formatos também são os mesmos: programete de serviço. Sobre o gênero educativo-cultural, está presente nos programas *FM Café*, *Outra estação* e *Fora da curva* – todos no formato de programa temático.

Na classificação de Ferraretto (2014), o gênero interpretativo aparece três vezes, nos programas *Universidade informa*, *FM Café* e *Outra estação*; o utilitário é identificado uma vez, no programa *UNIFAP no ar*; e o opinativo, no *Fora da curva*.

É importante lembrar que os gêneros não possuem caráter rígido, a ponto de serem enquadrados somente em uma categoria específica, daí porque, em um primeiro momento, o padrão de semelhança é encontrado no *Universidade informa* e no *UNIFAP no ar* – ambos classificados com os mesmos gêneros e formatos.

Em um segundo momento, ao comparar os três programas restantes, o que se contemplou foi que embora sejam enquadrados também nos mesmos gêneros, jornalístico e educativo-cultural, o padrão de combinação dos formatos é diferente: no *FM Café*, mesa redonda + programa temático; no *Outra estação*, comentário + programa temático; e no *Fora da curva*, entrevista + programa temático.

Em um terceiro momento, contrapondo esses programas, com base no caráter jornalístico proposto por Ferraretto (2014), repara-se que o gênero interpretativo é o que mais se repete, encontrado no *Universidade informa*, *FM Café* e *Outra estação*. Os outros dois apresentam características utilitárias e opinativas, sendo as primeiras no *UNIFAP no ar* e as segundas no *Fora da curva*.

Na primeira categorização, os programas possuem mais diferenças que semelhanças no estilo que adotam para veicular informação. Na segunda classificação, as semelhanças são maiores que as diferenças, no que se refere ao caráter jornalístico dos programas.

Por fim, a importância de falar sobre gêneros, formatos e características jornalísticas de programas no rádio reside não somente na capacidade de entender que tipo de programa é veiculado na grade de programação de uma emissora, mas em que formato são veiculadas as informações e de que forma o jornalismo se apresenta ao público – sob um caráter mais informativo, interpretativo, opinativo, utilitário ou diversional.

No caso das emissoras universitárias, a investigação dos gêneros nos programas consiste em identificar se elas estão cumprindo o seu papel educativo, cultural e filosófico, por meio da divulgação da ciência, da cultura, da educação, da pesquisa e do conhecimento produzido nas universidades.

Assim, aludindo ao conteúdo produzido pelas rádios universitárias, a ficha do Quadro 40 apresenta os temas abordados pelos programas no primeiro semestre da pandemia.

Quadro 40 – Principais temas abordados nos programas

Programas	Temas
Universidade informa	Apresentação do projeto de vereadores de Goiânia para reabertura imediata do comércio; o Dia mundial de conscientização da violência contra a pessoa idosa; alerta sobre a violação dos direitos dos idosos durante a pandemia do novo coronavírus
FM Café	Iteccorona, frente tecnológica da FURG no combate à pandemia; ações desenvolvidas pelo Centro de Ciências Computacionais
<i>UNIFAP no ar</i>	As inscrições para o curso básico de Libras em EaD; o plano de retorno gradual das atividades acadêmicas apresentado pela PROGRAD; dica de leitura do livro <i>Memórias do subsolo</i>
Outra estação	O avanço do coronavírus pelo interior de Minas Gerais
Fora da curva	Quem governa o Brasil?

Fonte: elaborado pela autora (2022).

Na quarta ficha de investigação, decidiu-se comparar somente os temas das edições analisadas, visto que nas tabelas anteriores, os demais temas foram abordados. Destarte, para não ficar repetitivo, optou-se pelo recorte dos cinco temas investigados nos programas *Universidade informa*, *FM Café*, *UNIFAP no ar*, *Outra estação* e *Fora da curva*.

Por esse motivo, seguindo a comparação das temáticas, percebem-se diferentes editorias que vão desde a economia, passando pela tecnologia, educação, saúde até a política.

Essa pequena amostra demonstra não somente a variabilidade de editorias contempladas pelos programas, como também a variedade de assuntos que sempre prezam pelo debate de ideias e pelo estímulo à reflexão em torno dos temas abordados.

Comparando os temas acima, ratifica-se o caráter jornalístico mais institucional dos programas *UNIFAP no ar* e *FM Café*, mais voltados para a divulgação das ações das universidades no combate ao coronavírus. Aliás, essa diferenciação torna-se mais nítida quando são comparados ao *Fora da curva*, *Outra estação* e *Universidade informa*, que são voltados para o jornalismo em geral.

Partindo para outra perspectiva, buscando o que cada programa traz de particularidade em cada tema elencado acima, nota-se que o *Universidade informa* traz em um tema que durante a pandemia sempre esteve em evidência: a questão do fechamento do comércio e os impactos na economia. O programa promoveu essa reflexão em nível local, ao tratar sobre uma possível reabertura do comércio na cidade de Goiânia, e além disso, suscitou uma reflexão sobre a situação dos idosos na pandemia.

O *FM Café*, por sua vez, faz uma espécie de divulgação de como a FURG está atuando para o combate à pandemia, a partir do conhecimento produzido na instituição. Dessa forma, deixa a sua contribuição nesse momento de crise sanitária.

O *UNIFAP no ar* também divulga as ações da Universidade Federal do Amapá, mas seu caráter é mais voltado para as atividades universitárias e a possibilidade de entreter a comunidade acadêmica, com cursos ofertados durante a pandemia e dicas de leitura.

O *Outra estação* aborda um tema local, ao pensar sobre a disseminação do vírus em Minas Gerais.

Para finalizar, o *Fora da curva*, diferentemente do programa acima, traz uma temática em nível nacional, ao debater política e a situação do comando do País na pandemia.

Em resumo, a colação entre os temas mostra que há características institucionais, locais, nacionais, políticas, econômicas, tecnológicas, da saúde e da educação, e são essas particularidades que diferenciam cada programa.

Na próxima ficha, no Quadro 41, comparam-se os elementos hipermediáticos presentes em cada programa.

Quadro 41 – Linguagem do rádio hipermediático nos programas

Programas	Áudio	Foto	Vídeo	Texto complementar	Infográfico	Hipertextualidade	Jornalismo de fonte aberta	Ferramentas interativas
Universidade informa	Sim	Não	Não	Sim	Não	Não	Não	Não
FM Café	Sim	Não	Sim	Sim	Não	Não	Não	Não
<i>UNIFAP no ar</i>	Sim	Não	Não	Sim	Não	Não	Não	Não
<i>Outra estação</i>	Sim	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim
<i>Fora da curva</i>	Sim	Não	Não	Sim	Não	Não	Não	Não

Fonte: Lopez (2010).

Na penúltima ficha de investigação, depreende-se que semelhanças e diferenças estão na mesma quantidade de itens. Sobre as características encontradas em todos os programas, estão o áudio e o texto complementar. Quanto aos itens ausentes, ao mesmo tempo, em todos os programas, listam-se o infográfico e o jornalismo de fonte aberta.

Tendo em vista que conforme o conceito de Lopez (2010), os recursos hipermediáticos servem para complementar os programas radiofônicos, e não mudar a sua característica principal, qual seja o áudio. A partir de uma leitura do Quadro 41, item por item, observa-se que o áudio está presente em todos os programas; a foto, em apenas um; vídeo somente em um programa; o texto complementar está em todos; o infográfico não foi identificado nos programas; a hipertextualidade está em um; o jornalismo de fonte aberta em nenhum; e ferramentas interativas somente em um programa.

Outro ponto apreciado é que nenhum dos programas contemplou as oito categorias. O que mais pontuou em quantidade de elementos hipermediáticos foi o *Outra estação*, com cinco itens: áudio; foto; texto complementar; hipertextualidade; e ferramentas interativas. Em segundo lugar, aparece o *FM Café*, com três recursos hipermediáticos: áudio; texto complementar; e vídeo.

Nesse sentido, conclui-se que há um padrão que se repete: a presença de áudio e texto complementar, que se sobressai em relação aos demais elementos hipermediáticos, com exceção do programa *Outra estação*, que abarca cinco dos oito recursos propostos no Quadro 41.

Portanto, ao comparar os resultados obtidos, concebeu-se que os programas continuam sendo apenas transpostos tanto para o site quanto para as plataformas de *streaming*. É certo que o áudio é a categoria principal dos programas radiofônicos, mas quando esses produtos de rádio passam a marcar presença na *web*, novas experiências podem ser proporcionadas ao ouvinte, a partir dos recursos que chegam para complementá-los, e quando esses recursos não são encontrados, a sua ausência pode ser percebida.

Após comparar os recursos encontrados em cada programa, segue-se para a comparação da composição jornalística dos respectivos programas, como mostrado no Quadro 42.

Quadro 42 – Linguagem radiojornalística para tempos de pandemia

Programas	Tipo de conteúdo				A informação possui	Uso correto dos termos	Editorias	Fontes	Personagens
	Sim	Não	Sim	Não					
Universidade Informa	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Jornalismo			
	Não	Não	Não	Não	Sim	Publicidade/Propaganda			
	Não	Sim	Sim	Sim	Não	Relações públicas			
	Não	Não	Não	Não	Não	Entretenimento			
FM Café	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Atualidade			
	SIM	Sim	Sim	Não	Sim	Proximidade			
	Não	Sim	Não	Sim	Sim	Proeminência			
	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Universalidade			
UNIFAP no ar	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	A Covid-19/ O vírus/o SARS-COV-2			
	Não	Sim	Não	Não	Sim	Distanciamento social			
	Não	Sim	Não	Não	Sim	Isolamento			
	Não	Não	Sim	Não	Não	Quarentena			
Outra Estação	Não	Não	Não	Não	Não	Contenção ou quarentena comunitária			
	Não	Sim	Não	Não	Sim	Saúde			
	Sim	Sim	Não	Não	Sim	Política			
	Não	Não	Não	Não	Não	Educação			
Fora da Curva	Sim	Sim	Não	Não	Não	Social			
	Não	Não	Sim	Sim	Não	Tecnologia			
	Sim	Não	Não	Não	Sim	Economia			
	Sim	Não	Não	Não	Não	Meio ambiente			
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Autoridades			
	Não	Sim	Não	Não	Não	Protagonistas direto			
	Não	Sim	Não	Sim	Não	Especialistas			
	Não	Sim	Não	Não	Não	Testemunhas			
	Não	Sim	Não	Não	Sim	Infectados			
	Não	Sim	Não	Não	Sim	Vítimas fatais			
	Não	Sim	Não	Não	Não	Histórias positivas			
	Não	Sim	Não	Não	Não				

Fonte: Ferraretto e Morgado (2020), com adaptações da autora (2022).

Nessa última ficha, compara-se a composição jornalística dos programas, almejando promover uma reflexão sobre a pandemia a partir das categorias propostas por Ferraretto e Morgado (2020).

No primeiro quesito, referente aos tipos de conteúdo, constatou-se que do total de quatro categorias, apenas duas foram identificadas: jornalismo e relações públicas. A primeira, nos programas *Universidade informa*, *Outra estação* e *Fora da curva*, enquanto o segundo estava presente no *FM Café* e *UNIFAP no ar*.

Isso significa que mais da metade dos programas estão focados em cobrir a pandemia a partir da interpretação dos fatos, da contextualização das informações, da promoção do debate de ideias, enquanto os demais estão voltados à divulgação institucional das ações das universidades no combate à Covid-19.

Nessa perspectiva, é necessário lembrar que a valorização de conteúdos institucionais por algumas emissoras é importante, pois contribui para que o conhecimento produzido nas universidades ultrapasse os muros da academia e cheguem até um número maior de pessoas que podem ser beneficiadas, de alguma forma, pelas pesquisas e pelos projetos desenvolvidos nessas instituições.

Em seguida, nas características da informação, apenas um item foi identificado em todos os programas, ao mesmo tempo: a atualidade. A presença dessa característica é relevante para manter o público atualizado e informado sobre as notícias mais recentes sobre a pandemia.

A proximidade foi encontrada em quatro programas: *Universidade informa*, *UNIFAP no ar*, *Outra estação* e *Fora da curva*. O *Universidade informa* trouxe assuntos de interesse do público local, como os números do coronavírus na capital, Goiânia, e em todo o Goiás; detalhes sobre os casos de Covid-19; dados sobre infectados e mortes; e possibilidade de retorno de atividades religiosas, salão de beleza e indústrias.

No caso do *UNIFAP no ar*, a proximidade é detectada quando apresenta informações sobre as inscrições para o curso de libras ofertados pela UNIFAP, como também a possibilidade de retorno das atividades acadêmicas. No *Outra estação*, a característica é identificada porque todas as pautas do programa analisado foram voltadas para a cobertura da pandemia em Minas Gerais. No *Fora da curva*, faz-se presente também, pois a discussão política sobre o comando do Brasil é um assunto que embora seja de nível nacional, impacta direta e indiretamente a vida de todos.

No *FM Café*, a característica não foi encontrada porque na edição analisada, apesar de ter apresentado a frente tecnológica da FURG no combate à pandemia, a linguagem foi muito técnica, o que dificultou o entendimento dos projetos realizados.

A proximidade é uma característica importante porque tem a ver com a capacidade da informação, se está próxima do público e de suas necessidades. Isso quer dizer que além de a pauta ser de interesse público, é necessário atentar para a clareza na transmissão das ideias, pois não vai adiantar trazer um tema interessante a ser debatido se o público não consegue entender o que está sendo transmitido.

O quesito proeminência foi encontrado nos programas *Universidade informa*, *FM Café* e *Outra estação*, quando trouxeram relatos e depoimentos de pessoas que vivenciaram de perto a pandemia e atuaram no combate à Covid-19.

A supracitada característica não foi constatada nos programas *UNIFAP no ar* e *Fora da curva*. No primeiro, porque é um boletim de caráter institucional, com duração de três minutos; e o segundo porque o tema do programa analisado discutia o comando do Brasil a partir de uma perspectiva histórica.

Por ser um momento de crise sanitária em que muitos medos e dúvidas surgiram com o desenrolar da pandemia, a proeminência assume o *status* de característica considerável para estar presente nos programas, uma vez que está relacionada à capacidade de uma informação envolver pessoas relevantes no combate à Covid-19. Isso significa que os depoimentos e relatos desses indivíduos ou profissionais servem como indicadores para que se tenha noção dos impactos provocados pela doença.

A última categoria das características da informação é a universalidade, identificada em quatro programas: *Universidade informa*, *FM Café*, *Outra estação* e *Fora da curva*. No primeiro, é percebida nos temas apresentados ao longo do programa, por trazerem informações que mantêm o público atualizado sobre o novo vírus, além de curiosidades sobre dados da pandemia. No segundo, também está presente, uma vez que as ações desenvolvidas voluntariamente pelos projetos tecnológicos da FURG, no que se refere à análise de dados da pandemia e à produção de materiais para proteção contra o vírus, vão ao encontro dos interesses da sociedade nesse momento. No terceiro, a partir dos dados e das informações sobre o número de casos, vítimas e óbitos, trazendo relatos e depoimentos de autoridades, e pessoas que vivenciaram os impactos da Covid-19. Isso significa que esses conteúdos estão de acordo com necessidades de se manter informado e atualizado sobre a pandemia. Por último, no quarto programa, o item é identificado a partir das discussões políticas que se desenrolaram com o tema *Quem governa o Brasil?*, já que política é um assunto de interesse público e está presente no dia a dia, nas rodas de conversa e no trabalho, suscitando o debate entre as pessoas.

O que se conclui é que a universalidade está presente em mais da metade dos programas analisados. No caso do *UNIFAP no ar*, a característica não está presente porque os assuntos debatidos durante a análise são voltados, em maior parte, ao público universitário.

Refletir sobre a aplicação da universalidade nos programas é importante para pensar sobre as pautas selecionadas para irem ao ar em uma emissora, no sentido de perceber se realmente estão contemplando o maior número de pessoas, seus interesses e suas necessidades.

A próxima categoria faz referência ao uso correto dos termos relacionados à doença. Os mais recorrentes foram: Covid-19, em quatro programas; distanciamento social, em dois; isolamento, em dois; e quarentena, em um programa.

Covid-19 aparece no *Universidade informa*, *FM Café*, *Outra estação* e *Fora da curva*, e em todos eles, o termo é mencionado corretamente. Distanciamento social foi identificado no *Universidade informa* e *Outra estação*, e assim como nos demais programas, nesses dois, o termo é utilizado corretamente. Nesses mesmos programas, aparece o termo isolamento social, mas desta vez, não é usado corretamente, porquanto os apresentadores confundem isolamento com distanciamento, sendo que o primeiro faz referência à separação de pessoas doentes de não doentes, enquanto o segundo, à diminuição da interação entre os indivíduos para desacelerar a propagação do vírus.

Isso significa que embora os dois termos sejam usados como sinônimos, em algumas situações, tratam de coisa diferentes. Por essa razão, Ferraretto e Morgado (2020) defendem a importância de conhecer os conceitos, pois a propriedade dos termos leva a informar com responsabilidade e transmitir segurança ao público.

Logo, o que se percebe após as análises, é que os programas ainda não possuem uma efetiva propriedade dos termos, uma vez que alguns conceitos são tratados corretamente em um momento, e em outro, são confundidos.

Mas saindo do campo dos termos corretos e adentrando nas editoriais, organizam-se da seguinte forma: saúde está presente em dois programas (*Universidade informa* e *Outra estação*); política, em três (*Universidade informa*, *Outra estação* e *Fora da curva*); sociedade, em dois (*Outra estação* e *Fora da curva*); tecnologia, em dois (*FM Café* e *UNIFAP no ar*); economia, em dois (*Universidade informa* e *Fora da curva*); e meio ambiente, em um (*Fora da curva*).

A variação de editoriais evidenciadas nos programas, com exceção do *FM Café*, vai ao encontro da sugestão de Ferraretto e Morgado (2020), para quem é importante falar de saúde, mas também é necessário focar em outros assuntos, como economia, por exemplo.

A variedade de editorias permite que a Covid-19 seja pensada não somente como doença, mas como agente que provocou mudanças e impactos, exigindo que houvesse readaptações para sobreviver e tentar continuar a vida em um novo normal.

Seguindo para a penúltima categoria, referente às fontes utilizadas pelos programas, autoridade aparece em quatro deles: *Universidade informa*, *UNIFAP no ar*, *Fora da curva* e *Outra estação*. No primeiro, é o presidente do Conselho de Psicologia de Goiás, Wandson Arantes, quem fala sobre a violência contra a pessoa idosa na pandemia. No *UNIFAP no ar*, é o professor Melque Lima, coordenador do Projeto Libras para a Comunidade, comentando sobre as inscrições para o curso de Libras à distância. O *Fora da curva*, com o coordenador da Cátedra Dom Helder de Direitos Humanos da UNICAMP, Manoel Morais, tratando da condução política do Brasil. Por último, o coordenador do Internato em Saúde Coletiva da UFMG, Geraldo Cury, fala sobre a importância do distanciamento social e uso de máscaras.

Em seguida, aparecem os especialistas, nos programas *FM Café* e *Outra estação*. No primeiro, são os professores/ pesquisadores que fazem parte da frente tecnológica da FURG no combate à pandemia, Paulo Brito, Alessandro Biche e Silvia Botelho. No *Outra Estação*, são o professor de Ciências Econômicas e pesquisador, Leonardo Costa; o professor e pesquisador, Ricardo Tacarrache; o doutor em demografia pela UFMG e professor do Curso de Geografia da UFVJM, Douglas Satler; e a professora do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Montes Claros, Yara Maria Soares.

É válido destacar que a presença de autoridades e especialistas confere credibilidade e segurança a um programa ou a uma notícia. Com relação às demais fontes, aparecem, ainda, protagonista direto e testemunha no programa *Outra estação*. Como protagonista direto, o operador de máquinas, Damião Pereira, que foi infectado pelo vírus e relata sua experiência; e como testemunha, o depoimento de Bruna Almeida, que perdeu o pai para a Covid-19.

Na última categoria, denominada personagens, foram identificados dois, no programa *Outra estação*: infectados e vítimas fatais. O primeiro seria novamente o operador de máquinas, Damião Pereira, contaminado pela Covid-19; e a vítima, o senhor Marcos Luís, pai de Bruna Almeida, citada na categoria anterior.

Refletindo sobre a presença de protagonistas diretos, testemunhas e personagens em uma informação jornalística, valida-se que enriquecem a narrativa e contribuem para não deixar a notícia institucionalizada, somente com autoridades e especialistas.

Após comparar todas as características dessa ficha, aplicadas aos programas, constatou-se que dos 27 subitens listados nas seis categorias, o *Outra estação* é o que mais aplicou subitens

(17); seguido do *Universidade informa*, com 14; *Fora da curva*, com 10; *FM Café*, com 7; e o *UNIFAP no ar*, com seis.

Por cúmulo, a partir da leitura do Quadro 42, atesta-se que a única semelhança encontrada nas coberturas da pandemia pelos respectivos programas foi a presença da atualidade na divulgação das informações. Em contrapartida, nos demais quesitos, os programas não se tocam em sua totalidade em outro item, mostrando que a cobertura da pandemia é realizada de forma diferenciada entre os programas.

As divergências são percebidas quando um o conteúdo tem o caráter mais jornalístico e o outro está mais ligado às relações públicas; quando a proximidade está presente em um, mas não no outro; quando as fontes são em maior parte autoridades ou especialistas; e em determinado programa, é possível encontrar todos os tipos, inclusive testemunhas.

Logo, essa diferenciação pode ser justificada pelo formato que cada programa possui, como mostrado na ficha de investigação disposta no Quadro 39, que trata dos gêneros e formatos radiofônicos. E mesmo que haja diferenciações no modo de cobrir jornalisticamente a pandemia de um programa para outro, o trabalho desempenhado por cada um não é menos importante.

A cobertura é construída e veiculada com base nos formatos que cada programa assume, e a partir disso é que se segue para a estruturação e, por fim, veiculação. Nesse sentido, após as comparações entre os programas, deduz-se que cada um tem sua própria abordagem e estilo para cobrir a pandemia da Covid-19.

Contudo, é oportuno lembrar que essa cobertura não depende somente da linguagem radiojornalística, mas de todos os itens presentes na fichas debatidas até o momento, pois todos são interligados e permitem um parâmetro não somente da cobertura da crise sanitária pelos programas escolhidos para este trabalho, mas também sobre o nível de integração e ocupação das emissoras à *web* e às suas ferramentas, demonstrando os pontos positivos, negativos, o domínio das ferramentas proporcionadas pela internet e como cada programa pode ser classificado no rol de gêneros e formatos radiofônicos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar as rádios universitárias na cobertura radiojornalística da pandemia de Covid-19 na internet foi uma experiência nova, em virtude de esta pesquisadora estudar os modelos de programação dessas emissoras há cinco anos, mas com foco em identificar os gêneros e formatos radiofônicos presentes em cada uma.

Logo, as ideias iniciais deste trabalho surgiram ainda na iniciação científica, motivadas tanto pelas tentativas de contato malsucedidas com as emissoras universitárias para obter material para pesquisa quanto pelas dificuldades para ter acesso aos produtos radiofônicos de algumas rádios pela internet.

Por reconhecer que havia limitações por parte dessas emissoras para efetivamente alimentarem os sites e perceberem que a pandemia afloraria ainda mais essas questões, concebeu-se a necessidade de entender como essas rádios cobririam jornalisticamente a crise sanitária vivenciada mundialmente, utilizando como suporte as características da *web*.

Foi então que emergiu a questão norteadora deste trabalho: como a cobertura radiojornalística da pandemia da Covid-19 foi realizada por rádios universitárias federais que possuem serviço de *streaming*?

Com base nos resultados obtidos e respondendo ao questionamento envidado, concluiu-se que a cobertura foi realizada por transposição, ou seja, os programas primeiramente eram veiculados ao vivo pelas emissoras e, posteriormente, disponibilizados em formato de *podcast* no site e nas demais plataformas de *streaming* – com exceção do *UNIFAP no ar*, cujos arquivos não foram identificados no site da rádio UNIFAP, somente nas plataformas de *streaming*: *Spotify*, *Deezer* e *Castbox* (desatualizado).

Em contrapartida, identificou-se que a emissora à qual o *FM Café* está vinculado não tem site, mas disponibiliza os arquivos do programa tanto na página da rádio, hospedada no site da FURG, quanto no *Youtube* e no *Facebook*, por onde os programas eram gravados.

Os demais programas, como *Universidade informa*, *Outra estação* e *Fora da curva*, estão vinculados a emissoras de rádio que possuem site e cujos arquivos estão disponíveis tanto nesses espaços quanto nas principais plataformas de *streaming*.

Mas por que se concluiu que a cobertura radiojornalística da pandemia pelas rádios universitárias foi apenas uma transposição de produtos radiofônicos para as plataformas na internet? Porque considerando o conceito de rádio hipermediático, proposto por Lopez (2010), os recursos disponibilizados pela *web* são para complementar os produtos radiofônicos no

momento em que passam a circular pela internet. Todavia, os únicos elementos encontrados com frequência durante as análises são o áudio e o texto complementar.

Logo, a estrutura dos programas de rádio continua a ser a mesma nesses novos espaços, a diferença é que mudaram de lugar. Sobre essa colocação, a única exceção que se faz é em relação ao programa *Outra estação*, da Rádio UFMG Educativa, o único a apresentar áudio complementado por foto, texto, hipertextualidade e ferramentas interativas. Em seguida, o *FM Café*, apresentando áudio, pequeno texto complementar sobre os temas das edições veiculadas e o vídeo da *live* do programa, que fica no *Facebook*. Por último, os demais programas, *Universidade informa*, *UNIFAP no ar* e *Fora da curva*, nos quais se identificou apenas áudio e um pequeno informativo sobre o tema de cada edição. Tais dados confirmam a primeira hipótese proposta neste trabalho, segundo a qual os produtos radiofônicos das rádios universitárias seriam apenas transpostos para a internet.

Constatar essa hipótese contribuiu para mostrar algo que perpassa a cobertura radiojornalística da pandemia, ou seja, o nível de diferenciação nas adaptações das rádios universitárias a esses novos espaços. Essa ausência de aplicação dos recursos hipermediáticos em sua totalidade nos programas pode ser explicada por uma série de questões: financeiras; tecnológicas; de recursos humanos; ou até mesmo por falta de vontade ou de conhecimento sobre a importância de usar as novas ferramentas.

Porém, essas são colocações que só podem ser comprovadas a partir de um novo estudo, que busque entender as práticas jornalísticas das emissoras universitárias na internet. Isso porque por meio de levantamentos, questionários e entrevistas com gestores e equipes dessas rádios, será possível compreender e constatar as limitações, as dificuldades e os motivos pelos quais as características da *web* não são aplicadas efetivamente.

Destarte, não basta transformar o programa em *podcast*, transpor para o site e para as plataformas de *streaming*, e achar que é o suficiente, quando, na verdade, há um universo de possibilidades e recursos disponíveis para agregar mais informações e conteúdos aos programas de rádio na *web*, facultando aos ouvintes novas experiências com esse rádio hipermediático.

Nesse sentido, é preciso trabalhar alternativas, assim como é necessário fazer questionamentos para que se alcancem respostas. O que se pode fazer com a equipe, com os recursos e com a estrutura que se tem? O que se pode fazer para que a rádio pública, educativa, que promove o debate, a pluralidade de vozes e ideias ocupe, efetivamente, os espaços da internet e tenha domínio das características da *web*?

Desse modo, trabalham-se possibilidades. Se uma emissora possui uma equipe de tamanho razoável, investiga-se a viabilidade de delegar funções. Se os recursos estão escassos

para a seleção de novos bolsistas, e entendendo que uma rádio universitária é um espaço laboratorial, como afirma Deus (2003), então, que tal desenvolver o Projeto Meu Primeiro Estágio – um estágio voluntário de seis meses, com possibilidade de renovação, na medida em que novas bolsas de estágio vão surgindo? Essa seria uma opção para recrutar estudantes, especialmente da área de jornalismo, que se identificam com rádio e estão em busca de experiência e atividades extracurriculares para agregar valor aos seus currículos.

Outra alternativa seria promover a formação da equipe da rádio universitária, com a ajuda de professores e pesquisadores do Departamento de Jornalismo que desenvolvem pesquisas sobre jornalismo e internet. Dessa forma, durante um fim de semana, seriam realizadas oficinas com distribuição de certificados ao término, para proporcionar conhecimento e aplicação dos recursos e das características da *web* às emissoras universitárias.

Todas essas reflexões foram possíveis graças às contribuições das discussões sobre rádios universitárias (DEUS, 2003); dos estudos sobre rádio na pandemia, de Ferraretto e Morgado (2020); dos recursos propiciados pela *web*, propostos por Almeida e Magoni (2009); e dos conceitos de remediação (BOLTER; GRUSIN, 2000), radiojornalismo hipermidiático (LOPEZ, 2010), gêneros e formatos radiofônicos (BARBOSA FILHO, 2009).

Por cúmulo, em se tratando de gêneros e formatos no rádio, os resultados obtidos mostram que há uma combinação do jornalismo com dois outros gêneros: o educativo-cultural e o de serviço. As combinações podem ser organizadas da seguinte forma: *Universidade informa* (jornalístico e serviço); *FM Café* (jornalístico e educativo-cultural); *UNIFAP no ar* (jornalístico e serviço); *Outra estação* (jornalístico e educativo-cultural); e *Fora da curva* (jornalístico e educativo-cultural).

Em um universo de sete categorias, observou-se que somente três se repetem: jornalístico, educativo-cultural e serviço. Logo, se há repetição, é porque existe importância. Nessa direção, resgatando a discussão de gêneros proposta por Barbosa Filho (2009), o jornalístico é aquele que utiliza o rádio como instrumento para manter o público atualizado por meio da divulgação, do acompanhamento e da análise dos acontecimentos. Essa afirmação foi constatada? Sim, quando foram identificadas as categorias propostas por Ferraretto e Morgado (2020), referentes ao item sobre os tipos de conteúdo e jornalismo, que estava presente, como também no item sobre as características da informação, em que a atualização estava presente em todos os programas.

O gênero educativo-cultural é o segundo que mais se repete. De acordo com o susodito autor, compreende a transmissão de programas de caráter educativo e cultural que utilizam o rádio por sua capacidade de penetração na sociedade com o intuito de instruir e educar a

população. A afirmação é constatada? Sim, quando se identificaram programas nos formatos temáticos que debatiam temas específicos e divulgavam pesquisas desenvolvidas pelas próprias universidades, a exemplo de: Escola de Química e Alimentos (EQA) apresenta as ações desenvolvidas no combate ao coronavírus (*FM Café*); degradação ambiental favorece surgimento de pandemias (*Outra estação*); e como combater a violência sexual infantil na pandemia? (*Fora da curva*).

No gênero serviço, Barbosa Filho (2009) enfatiza que se constitui como informativos de apoio às necessidades reais e imediatas de parte ou de toda a população, ao alcance do sinal de transmissão do rádio. A afirmação é constatada? Sim, quando os boletins *Universidade informa* e *UNIFAP no ar* trazem informações de utilidade de pública, como a prorrogação do prazo de entrega do Imposto de Renda; a possibilidade de fazer um novo curso à distância, durante a pandemia; e as previsões para o retorno gradual das atividades acadêmicas presenciais.

Em relação aos formatos, observaram-se algumas diferenças entre os gêneros identificados. Por exemplo, no jornalístico, com exceção do boletim presente no *Universidade informa* e *UNIFAP no ar*, os demais formatos não se repetem: mesa redonda (*FM Café*); comentário (*Outra estação*); e entrevista (*Fora da curva*). Refuta-se, pois, a segunda hipótese deste trabalho, segundo a qual a composição dos programas no formato entrevista e o radiojornal seriam os formatos jornalísticos mais frequentes nas cinco emissoras analisadas. Contudo, o que se percebe é que o radiojornal não apareceu sequer uma vez, enquanto a entrevista apenas uma, e o único formato que se repete é o boletim.

Na contramão do jornalístico, quando se classificam os programas em educativos-culturais e de serviços, nota-se que há um padrão repetitivo nos formatos. No primeiro caso, o formato encontrado foi temático, que se repete em três programas: *Outra estação*, *FM Café* e *Fora da curva*; enquanto no segundo, o programa de serviço repete-se em dois, quais sejam *Universidade informa* e *UNIFAP no ar*.

Depreende-se, a partir do conceito de gêneros jornalístico propostos por Ferraretto (2014), que os programas, em sua maior parte, têm caráter interpretativo, como também utilitário e opinativo.

Aliás, a discussão sobre gêneros e formatos radiofônicos foi importante para categorizar os programas, diferenciá-los categoricamente, compreender em que formatos radiojornalísticos se apresentavam na transmissão de informações sobre a Covid-19 ao público e com quais outros gêneros o jornalismo se mesclava. Tudo isso para entender se esses programas jornalísticos pendiam mais para o caráter educativo, de serviço, entretenimento ou publicitário.

Nesse sentido, em se tratando de categorizar os programas, dessa vez a partir das características da *web*, concluiu-se que o rádio universitário ainda não pode ser chamado de hipermediático. Como citado nas discussões anteriores, com ressalva do *Outra estação*, os demais programas *Universidade informa*, *FM Café*, *UNIFAP no ar* e *Fora da curva* apenas mudam de lugar, ou seja, do rádio para a internet.

Por esse motivo, confirma-se a terceira hipótese, de que os recursos multimidiáticos que deveriam complementar a produção jornalística são encontrados parcialmente nos programas analisados. Porque embora seja considerado meio caminho andado, o fato de os programas serem disponibilizados em formato de *podcast* na *web* e haver um pequeno informativo sobre os temas abordados em cada edição, ainda há uma infinidade de recursos a serem abordados que podem enriquecer o conteúdo desses programas. E quando esses elementos não se fazem presentes, é como se se reduzisse a potencialidade tanto do programa quanto das próprias emissoras.

Por essa razão, foi considerável pensar a situação do rádio universitário na internet a partir da cobertura da pandemia, por reconhecer o seu potencial e o papel que essas emissoras desempenhariam no combate à Covid-19. Tendo isso em vista, propôs-se analisar os modelos de cobertura jornalística pelas cinco rádios universitárias, visando a observar suas contribuições e em que medida poderiam ser encontradas semelhanças entre elas.

Para isso, montaram-se seis tabelas, nas quais se identificaram semelhanças e diferenças. Eis os pontos semelhantes: memória; presença em serviços de *streaming*; personalização; atualização; presença de áudio; texto complementar; ausência de infográficos; e jornalismo de fonte aberta. Entre as diferenças, destacam-se: periodicidade; dia; horário; duração; produção; presença de blocos e quadros; quantidade; institucionalidade; interatividade; aprofundamento da informação jornalística; formatos; fotos; vídeos; hipertextualidade; tipos de conteúdo; editorias; fontes; e personagens.

Diante dos pontos elencados acima, deduz-se que há mais diferenças que semelhanças nas coberturas jornalísticas dos programas. Portanto, refuta-se a última hipótese que os modelos de cobertura jornalística das cinco emissoras teriam mais características em comum que divergências.

Entrementes, das quatro hipóteses propostas nesta pesquisa, duas foram confirmadas e duas, refutadas, e isso foi possível graças ao cumprimento dos objetivos específicos propostos na pesquisa. Primeiro, mapearam-se os programas jornalísticos produzidos por cinco rádios universitárias federais, referentes à cobertura da pandemia de Covid-19, disponíveis na internet. Segundo, descreveu-se a estrutura dos programas referentes ao coronavírus. Na sequência,

identificaram-se as características da *web* nas emissoras. Depois, categorizaram-se os conteúdos jornalísticos em gênero e formato radiofônicos nos programas referentes à Covid-19. Por fim, analisaram-se os modelos de cobertura radiojornalística realizada pelas rádios universitárias federais no primeiro ano da pandemia.

Essa cobertura radiojornalística na internet, ao mesmo tempo que expôs fragilidades e diferenças entre as emissoras universitárias, contribuiu para reforçar a relevância do papel desempenhado por essas rádios, seja no rádio ao vivo ou pela *web*, especialmente em um momento de crise sanitária vivenciada mundialmente.

A cobertura da pandemia pelas emissoras universitárias trouxe abordagens sobre a Covid-19 enquanto doença, mas também promoveu reflexões sobre os seus impactos na vida em sociedade, e divulgou ações e contribuições das universidades no combate ao vírus.

Nesse sentido, as rádios universitárias, em um primeiro momento, também apresentaram a pandemia como um período para se reinventar e superar as adversidades. As próprias emissoras mostraram, na prática, que apesar das dificuldades, recorreram aos diferentes mecanismos para colocar a programação no ar, e isso foi constatado em alguns programas, como o *FM Café*, que lançou mão de *lives* nas redes sociais para gravar o programa no período de distanciamento social.

Portanto, ao findar as reflexões propostas neste trabalho, sobleva-se que o intuito desta pesquisa consiste em contribuir com os estudos sobre as rádios universitárias no Brasil, avaliando a importância da atuação dessas emissoras no combate à pandemia, por constituírem rádios públicas e educativas que promovem a pluralidade de vozes e ideias, nomeadamente nesse momento de pandemia.

A relevância desta pesquisa reside em uma nova abordagem para vislumbrar as rádios universitárias, a partir de duas perspectivas: a primeira, referente ao nível de integração dessas emissoras à *web* e à capacidade de aplicação de suas características aos programas radiofônicos; a segunda, de mostrar a importância dessas rádios na divulgação de informações sobre a Covid-19, ao mesmo tempo que realiza a cobertura de um momento histórico.

Espera-se que este estudo sirva de referência não somente para os demais pesquisadores da área, mas para as próprias rádios universitárias, que poderão conhecer os exemplos e modelos apresentados neste trabalho para refletir sobre suas práticas.

REFERÊNCIAS

- ALCAR. **Carta de Natal**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/jornal-alcar/jornal-alcar-no-73-julho-2020/carta-de-natal>. Acesso em: 19 jan. 2022.
- ALMEIDA, A. C.; MAGNONI, A. F. Rádio e internet: recursos proporcionados pela web, ao jornalismo. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 22., 2009, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: INTERCOM, 2009. p. 1-113.
- ANGRINO, D. La programación radiofónica. *In: ANGRINO, D.; BALLESTEROS, T. (org).* **Radio y Coronavírus: aprendizajes del medio de comunicacion em tiempos de pandemia**. Colombia, 2020.
- BALACÓ, B. A. F.; MONTEIRO FILHO, J. L. Uma análise dos podcasts desenvolvidos pela comunidade acadêmica da Universidade Federal do Ceará (UFC). *In: ENCONTRO VIRTUAL ABCIBER*, 1., 2020, Brasil. **Anais [...]**. Brasil: ABCiber, 2020.
- BARBOSA FILHO, A. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio**. São Paulo: Paulinas, 2009.
- BIANCO, N. R. D. (org.). **O rádio na era da convergência**. São Paulo: INTERCOM, 2012.
- BOLTER, J. D.; GRUSIN, R. **Remediation: understanding news media**. Cambridge: The MIT Press, 2000.
- BONINI, T. A “segunda era” do podcasting: reenquadrando o podcasting como um novo meio digital massivo. **Revista Radiofonias**, v. 11, n. (01), p. 182-199. (2020).
- BUFARAH JUNIOR, Á. **Rádio na internet: convergência de possibilidades**. *In: XXVI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, Belo Horizonte, MG, 2003.
- CABELLO, A. R. G. **Construção do texto radiofônico: o estilo oral-auditivo**. Alfa, São Paulo, v. 39, p. 145-152, 1995.
- CHAGAS, L.; MUSTAFÁ, I.; VIANA, L.; BALACÓ, B. Cartografia da produção de podcasts universitários no contexto da pandemia. **Revista Radiofonias**, v. 11, n. 03, p. 06-36, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/56281/1/2020_art_lchagas.pdf. Acesso em: 18 jan. 2022.
- CORDEIRO, P. **Rádio e internet: novas perspectivas para um velho meio**. *In: II CONGRESSO IBÉRICO DE COMUNICAÇÃO*, Covilhã, POR, 2004. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cordeiro-paula-radio-internet-novas-perspectivas.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2022.
- CRESWELL, J. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e mistos**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- DEUS, S. Rádios universitárias públicas: compromisso com a sociedade e com a informação. **Revista em Questão**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 327-338, jul./dez. 2003.

DEUS, S. O papel das rádios universitárias públicas na extensão universitária. *In: VIII CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA*, 2005, Rio de Janeiro. **Navegar é preciso. Transformar é possível**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005. p. 91-96.

ESTÁCIO. **Saiba quais foram as maiores pandemias da história mundial**. 2021. Disponível em: <https://blog.estacio.br/medicina/pandemias-na-historia/>. Acesso em: 20 abr. 2022.

FALCÃO, B. M. **O boom de podcasts universitários durante a pandemia de coronavírus no Brasil**. *In: SBPJur – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM JORNALISMO; XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES DE JORNALISMO*, 2020. Encontro virtual.

FACHIN, O. **Fundamentos da metodologia**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

FRAGOMENI, J. A força do rádio presente no enfrentamento da pandemia. **SindiRádio**. 2020. Disponível em: <https://www.sindiradio.org.br/noticias/artigos/item/a-forca-do-radio-presente-no-enfrentamento-da-pandemia.html>. Acesso em: 22 de jul. 2021.

FERRARETTO, L. A. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.

FERRARETTO, L. A.; KISCHINHEVSKY, M. Rádio. *In: MELO, J. M. Enciclopédia INTERCOM de Comunicação – Dicionário Brasileiro do Conhecimento Comunicacional*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010. p. 1009-1010.

FERRARETTO, L. A.; KISCHINHEVSKY, M.; MORGADO, F. **Covid-19 e comunicação: um guia prático para enfrentar a crise**. Rio de Janeiro: Valega, 2020.

FERREIRA, A. P. A invenção do rádio: um importante instrumento no contexto da disseminação da informação e do entretenimento. **Revista Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, v. 3, n. 1, mar. 2013.

FERREIRA, D. J. N. Rádio no contexto da convergência midiática: contribuições para o desenvolvimento local. **Revista Rádio-Leituras**, v. 9, n. 1, p. 93-115, jan./jun. 2018.

GALVÃO JÚNIOR, L. C. Gisela Swetlana Ortriwano as características do rádio: reflexões em tempo de internet. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO*, 41., 2018, Joinville. **Anais [...]**. Joinville: INTERCOM, 2018. p. 1-14.

GOMES, A. L.; SANTOS, E. L. **O radiojornalismo em tempos de internet**. Natal: EDUFRN, 2017.

GOMES, M. **A produção jornalística das webrádios piauienses: um estudo comparativo das emissoras Picos Mais, RTV Cris Sekeff, Impacto FM e Central Cerrado FM**. 2021. 169 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2021.

GOMES, R. J. Rádio e tecnologia- uma rediscussão das características do rádio frente às tecnologias contemporâneas. **Revista Radio-Leituras**, Mariana, v. 07, n. 01, p. 86-107, jan./jun. 2016.

HERSCHMANN, M; Kischinhevsky, M. A “geração *podcasting*” e os novos usos do rádio na sociedade do espetáculo e do entretenimento. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 37, p. 101-106, dez. 2008.

HUÉRFANO, E. D. R. H. Apuntes para pensar la producción radial desde la academia. **Signo y Pensamiento**, Bogotá, v. 20, n. 38, p. 64-71. 2001.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

IBOPE. Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística. **Brasil/Consumo de Rádio**. 2020. Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/brasil-consumo-de-radio/>. Acesso em: 20 jan. 2022.

IBOPE. Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística. **78% dos brasileiros ouvem rádio, aponta estudo da Kantar IBOPE Media**. 2020. Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/78-dos-brasileiros-ouvem-radio-aponta-estudo-da-kantar-ibope-media/>. Acesso em: 20 jan. 2022.

IBOPE. Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística. **Inside rádio 2021**. 2021. Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/inside-radio-2021-download/>. Acesso em: 20 jan. 2022.

LOPEZ, D. **Radiojornalismo hipermidiático**: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio *all news* brasileiro em um contexto de convergência tecnológica. Corvilhã: LabCom, 2010.

KISCHINHEVSKY, M. *et al.* **História do Rádio Universitário no Brasil**: uma primeira abordagem. In: XI PRIMEIRO ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2017.

KISCHINHEVSKY, M.; LOPEZ, D. C.; BENZECRY, L. Rádios universitárias e o necessário enfrentamento ao negacionismo. **Revista Radiofonias**, Mariana, v. 12, n. 01, p. 02-07, jan./abr. 2021.

MEDINA, M. A. Rádio y ciência. In: ANGRINO, D.; BALLESTEROS, T. (org.). **Radio y Coronavirus**: aprendizajes del médio de comunicacion em tiempos de pandemia. Colombia, 2020.

MEDEIROS, M. Transmissão sonora digital: modelos radiofônicos e não radiofônicos na comunicação contemporânea. **Revista Ciberlegenda**, n. 21, p. 1-17, 2009.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; CRUZ NETO, O.; GOMES, R. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 09-27.

MOURA, M. M. **Rádio on-line**: um estudo ecossistêmico do meio radiofônico na internet. 2015. 146 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade Federal do Amazonas, 2015.

MUSTAFÁ, I. Análise do papel social das rádios universitárias de Santa Catarina a partir da programação. *In: III CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO*, 2018, Criciúma. **Anais [...]**. Universidade do Extremo Sul Catarinense, 2018.

MUSTAFÁ, I.; KISCHINHEVSKY, M. Diversidade de experiências e desafios na gestão de rádios universitárias. *In: XVIII ENCONTRO DOS GRUPOS DE PESQUISAS EM COMUNICAÇÃO; XLI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 2018, Joinville, SC. **Anais [...]**. 2018.

OLIVEIRA, E. M. M.; VIANA, M. S. C.; SOUZA, S. A. F. Linguagem radiofônica: o sistema de comunicação aplicado na divulgação científica no rádio. *In: X ENCONTRO DOS GRUPOS DE PESQUISAS EM COMUNICAÇÃO; XXXIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 2010, Caxias do Sul, RS. **Anais [...]**. Caxias do Sul, RS, 2010.

OLIVEIRA, T. R. Diários da quarentena: a experiência do *podcast* em tempos de isolamento social. **Revista Comunicação e Inovação**, São Caetano do Sul, v. 21, n. 47, p. 199-215. 2020.

OPAS. **Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a Covid-19**. 2020. 5 p.

ORTRIWANO, G. S. **A informação no rádio**: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. 3. ed. São Paulo: Summus, 1985.

PEBSP.COM. Lista de universidades federais do Brasil por estados e região-2020. Disponível em: <https://www.pebsp.com/lista-de-universidade-federais-do-brasil-2020/>. Acesso em: 27 set. 2021.

PRATA, N. M. M. **Webrádio**: novos gêneros, novas formas de interação. 2008. 228 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

PENA, D. M. Palestra Los medios universitarios y su labor divulgativa frente al COVID-19. **Youtube**, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MTPgybCCKas>. Acesso em: 19 dez. 2021.

PERUZZO, C. M. K. O rádio educativo e a cibercultura nos processos de mobilização comunitária. **Revista Famecos**, v. 18, n. 3, set./dez. 2011.

QUADROS, M. R.; LOPEZ; D. C. A interatividade no rádio hipermediático e expandido: uma proposta de classificação. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 36., 2013, Manaus. **Anais [...]** Manaus: INTERCOM, 2013. p. 1-15.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROLDÃO, I. C. C. O rádio universitário no Brasil: uma reflexão sobre suas possibilidades e desafios. *In: VI ENCONTRO DE NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM; XXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 2006, Brasília, DF,

2006. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/r0905-1.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2022.

SÁCHEZ, M. La radio hablada. *In*: ANGRINO, D.; BALLESTEROS, T. (org). **Radio y coronavirus: aprendizajes del médio de comunicacion em tiempos de pandemia**. Colombia, 2020.

SALAVERRÍA, R. Multimedialidade: informar para cinco sentidos. *In*: CANAVILHAS, J. (org.). **WebJornalismo 7 Caraterísticas que marcam a diferença**. Covilhã, ubi: labCom, 2014. p. 25-52.

SARTORI, G. Comparación y método comparativo. *In*: SARTORI, G.; MORLINO, L. (org.). **La comparación en las Ciencias Sociales**. Madrid: Alianza, 1994. p. 29-50.

SILVA, S. P. O papel da Rádio Universitária Gazeta AM na contribuição do ensino de rádio e comunicação. **Revista Communicare**, v. 17, n. 2, p. 112-125, 2017.

SOUSA, M. P. **Perspectiva quali-quantí no método de uma pesquisa**. *In*: XI ENCONTRO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES; FÓRUM PERMANENTE DE INOVAÇÃO EDUCACIONAL, Aracaju, SE, v. 11, n. 11, 2018.

SBIM. **Organização Mundial da Saúde Celebra 40 anos da erradicação da varíola**. 2019. Disponível em: <https://sbim.org.br/noticias/1200-organizacao-mundial-da-saude-oms-celebra-40-anos-da-erradicacao-da-variola>. Acesso em: 20 abr. 2022.

SCHNEIDER, S.; SCHIMITT, C. J. O uso do método comparativo nas Ciências Sociais. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p. 49-87, 1998.

TEXEIRA, T. H. S. **Radiojornalismo hipermidiático no Piauí: análise da convergência e multiplicidade da oferta**. 2015. 130 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2015.

VAZ FILHO, P. S. Fragmentos impressos sobre a história da centenária Rádio Club de Pernambuco. *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 43., 2020, virtual. **Anais[...]**. Virtual: INTERCOM, 2020. p. 1-15.

VARELLA, D. A peste negra. **UOL**. 2020. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/drauzio/a-peste-negra-artigo/#:~:text=mortal%20das%20epidemias,-,Foi%20a%20mais%20mortal%20das%20epidemias.,para%20350%20a%20370%20milh%C3%B5es>. Acesso em: 20 abr. 2022.

VILLAFANA, I. B. El derecho a decir: radios universitarias y educativas en México. **Revista Latina de Comunicación Social**, v. 3, n. 27, mar. 2000.

ZUCOLUTO, V. R. M. *et al.* Extensão, ensino e pesquisa em pandemia: desafios da rádio Ponto UFSC para contribuir no combate ao coronavírus. *In*: Encontro NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO, 19., 2020, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: ABEJ, 2020.

APÊNDICES

Apêndice A – Rádios Universitárias Federais do Brasil

EMISSORA	FREQUÊNCIA	INAUGURAÇÃO	UNIVERSIDADE
Rádio da Universidade	1080 AM	01/1951	UFRGS
Rádio Universitária Paulo Freire AM	820 AM	1962	UFPE
Rádio Universitária AM	870 AM	16/09/1965	UFG
Rádio Universidade AM	800 AM	27/05/1968	UFSM
Rádio Universitária FM	99,9 FM	1979	UFPE
Rádio Federal FM	107,9 FM	08/01/1981	UFPEL
Rádio Universitária FM	107,9 FM	15/10/1981	UFC
Rádio Universidade FM	106,9 FM	21/10/1986	UFMA
Rádio Universitária FM	107,5 FM	02/1987	UFU
Rádio Universitária FM	105,7 FM	05/09/1987	UFLA
FURG FM	106,7 FM	16/12/1988	UFRG
Rádio Universitária FM	104,7 FM	15/05/1989	UFES
Rádio Universitária FM	100,7 FM	29/08	UFV
Rádio FACOM	103,9 FM	1997	UFJF
Rádio UFOP Educativa	106,3 FM	21/08/1998	UFOP
Rádio Universitária FM	88,9 FM	1998	UFRN
Rádio UFMG Educativa	104,5 FM	06/09/2005	UFMG
Rádio UFSCAR	95,3 FM	23/08/2007	UFSCAR
Rádio FM Universitária	96,7 FM	2008	UFPI
Rádio UFS FM	92,1 FM	24/08/2009	UFS
Rádio UNIFAP	96,9 FM	19/02/2010	UNIFAP
Rádio Universitária FM	95,9 FM	19/09/2011	UFRR
Rádio UniFM	94,5 FM	29/06/2015	UFPR
Rádio UFT FM	96,9 FM	29/03/2016	UFT
Rádio UFMS Educativa	99,9 FM	21/06/2016	UFMS
Rádio Federal FM	101,3 FM	25/09/2017	UNIFAL
Rádio UniFM	107,9 FM	01/12/2017	UFSM

Fonte: elaborado pela autora (2022).

Apêndice B – Emissoras não selecionadas

Região	Emissora	Motivo
Norte	Rádio UFT FM-(UFT)	Site desatualizado. Não era possível acessar a programação semanal. Alguns áudios dos programas estavam disponíveis no site, mas desatualizados. Em outro caso, a quantidade de programas que tratavam da Covid-19 eram insuficientes.
Norte	Radio Universitária-(UFRR)	Não tem site próprio e a programação é transmitida ao vivo em plataformas como a RadiosNet.
Nordeste	Rádio FM Universitária-(UFPI)	O site está desatualizado. Não há arquivos de programas disponíveis. Alguns dos arquivos especiais, referentes à Covid-19, não estão em quantidade suficiente para o período de análise.
Nordeste	Rádio UFRN	Site desatualizado. Os arquivos disponíveis no site são anteriores a 2018. É possível ouvir a rádio ao vivo, mas não foi encontrado nada referente à Covid-19.
Nordeste	Rádio UFS FM- (UFS)	Site desatualizado. Os arquivos disponíveis são de datas anteriores à pandemia.
Nordeste	Rádio Universitária FM-(UFES)	Alguns dos programas disponíveis datam de 2013, e os áudios mais recentes disponibilizados são de 2021.
Nordeste	Rádio Universitária FM – (UFPE)	Não possui site, apenas um <i>plugin</i> de transmissão ao vivo no site da UFPE.
Sudeste	Rádio UFOP Educativa-(UFOP)	É possível ter acesso à programação da emissora, mas não havia arquivos dos principais programas, embora houvesse alguns programetes com média de 2 min, com informações de combate à Covid-19.
Sudeste	Rádio FACOM-(UFJF)	Não era possível ouvir ao vivo ou consultar a programação semanal. Em algumas das edições disponíveis, a quantidade de arquivos não era suficiente para análise.
Sudeste	Rádio Universidade-(UFU)	É possível ouvir a rádio ao vivo, ter acesso à programação semanal e à descrição dos programas, mas não há arquivos disponíveis para análise.
Sudeste	Rádio Universitária FM-(UFV)	É possível ter acesso à descrição dos programas, à programação semanal, ouvir a rádio ao vivo, mas não há arquivos disponíveis ou referências à Covid-19.
Sudeste	Rádio Universitária-(UFLA)	Alguns arquivos disponíveis estão desatualizados e não contemplam as datas estabelecidas. O <i>plugin</i> para ouvir ao vivo não estava funcionando.
Sudeste	Rádio Federal FM-(UNIFAL)	É possível ouvi-la ao vivo, mas o site estava desatualizado. Não é possível consultar a programação semanal, mas a descrição de alguns

		dos programas está disponível, assim como alguns arquivos, que estão desatualizados.
Sul	Rádio Universidade AM- (UFSM)	Era possível acessar a programação semanal e ouvir ao vivo, mas não havia arquivos de programas disponíveis no site.
Sul	Rádio UNIFM- (UFSM)	Era possível acessar a programação semanal e ouvir ao vivo, mas não havia arquivos de programas disponíveis no site.
Sul	Rádio UNIFM (UFPR)	É possível consultar a programação. Não é possível ouvir ao vivo. Havia alguns programas disponíveis, mas a quantidade não contemplava o período de análise.
Sul	Rádio Federal FM- (UFPEL)	É possível ter acesso à rádio ao vivo, à programação semanal, à descrição de alguns programas, mas não há arquivos para analisar ou que façam menção à Covid.
Sul	Rádio da Universidade- (UFRGS)	É possível ouvir a rádio ao vivo, ter acesso à programação semanal e a alguns arquivos. Contudo, a data não está disponível, a quantidade não é suficiente para a análise, e não foi encontrada menção à Covid-19.

Fonte: elaborado pela autora (2022).

Apêndice C – Temas abordados pelo *Universidade informa*

DATA	TEMA
25.05.2020	Quase oito milhões de brasileiros vivem a pelo menos quatro horas de uma Unidade de Terapia Intensiva; Estados Unidos proíbem entrada de viajantes brasileiros a partir da próxima sexta
26.05.2020	Estados Unidos antecipam restrições de viagens do Brasil ao país; Ministério Público de Goiás recorre ao STF contra liminar que permitiu a abertura de academias ginástica no estado; Isolamento social decrescente; Goiás deve registrar 500 novos casos de infecção pelo novo coronavírus em uma semana
27.05.2020	Escola desenvolvida por pesquisadores da UFG quer saber como estão as escolas em Goiás em tempos de Covid-19; Pais, professores e estudantes podem fazer seus relatos pelas redes sociais; Goiás ultrapassa a marca de 100 óbitos pela Covid-19.
28.05.2020	Academias de ginástica devem ser fechadas novamente em Goiás; Em Goiânia, mercados municipais, imobiliária e treinos de futebol serão retomados a partir de 1 de junho
29.05.2020	Entidades da sociedade civil convocam frente pela vida para nove de junho; Animais do zoológico de Goiânia podem se vistos em <i>tour</i> virtual neste sábado de manhã.
01.06.2020	Aulas presenciais nas escolas de Goiás ficam suspensas até final de julho; Volta às salas de aula ainda não está garantida para agosto; Menos de 30 cidades goianas ainda não têm casos confirmados ou suspeitos de Covid-19
02.06.2020	Pesquisa indica que hábitos de vida dos brasileiros pioraram durante pandemia do novo coronavírus; HC/UFG recebe amanhã mais de um R\$ 1,1 milhão arrecadados na campanha “Juntos pelo Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás contra a Covid-19”
03.06.2020	Em tempos de isolamento social, estudantes da UFG levam programa de saúde mental para as redes sociais; Pesquisa revela que famílias ricas também pediram, e conseguiram, o auxílio emergencial de 600 reais
04.06.2020	Falta de leitos de UTI na Região Norte do Brasil faz crescer mortalidade por Covid-19; Aumento de casos do novo coronavírus pode impedir Goiânia de reabrir mais atividades comerciais e de serviços; Fundação vinculada à UFG fará a gestão de hospitais de campanha de Goiás
05.06.2020	Brasil bate novo recorde no número de mortes pela Covid-19 em um dia, e passa a ocupar o posto de 3º país com mais óbitos pela doença no mundo; no Dia mundial do meio ambiente, professor da UNB critica propostas de regularização fundiária
08.06.2020	Goiânia já tem quase 100% dos leitos públicos lotados; Infecção pelo novo coronavírus avança pela periferia da capital; Queimadas podem aumentar internações por problemas respiratórios
09.06.2020	Pedidos do auxílio emergencial já podem ser feitos também pelos correios; STF determina que Ministério da Saúde volte a divulgar dados acumulados sobre covid-19 no Brasil; No dia da imunização, pesquisadores lembram dos riscos dos movimentos antivacina
10.06.2020	Associação de Reitores das Universidades Federais vai contestar medida provisória do governo que permite ao Ministro da Educação escolher reitores temporários para as instituições; Com testagem em massa de trabalhadores, Rio Verde vai a segundo município com mais casos de Covid-19 em Goiás;

	Projeto coordenado pela UFG usa a popularidade do pequi para falar sobre a importância do SUS para a população brasileira
12.06.2020	Parlamentares articulam derrubar Medida Provisória do governo que autoriza Weintraub a nomear reitores para IFES; Pandemia pode fazer crescer número de crianças trabalhando, esta é a principal preocupação no Dia mundial de combate ao trabalho infantil; Vigilância Sanitária de Goiânia fecha mais de 200 estabelecimentos que descumpriam medidas para evitar a proliferação do novo coronavírus
15.06.2020	Vereadores de Goiânia devem apresentar projeto para reabertura imediata do comércio; No Dia mundial de conscientização da violência contra a pessoa idosa, o alerta é quanto às violações dos direitos dos idosos durante a pandemia do novo coronavírus
16.06.2020	Goiás passa de 10 mil confirmações da Covid-19: acréscimo de mais de 2 mil casos em 24 horas; Orquestra sinfônica de Goiânia fará apresentação ao vivo pelas redes sociais dentro do projeto Orquestra em Casa
17.06.2020	Prefeitura, Câmara e lojistas preparam reabertura de novas áreas de comércio em Goiânia; Ontem à tarde, Goiânia ficou por algumas horas com todos os leitos de UTI para pacientes com Covid-19 lotados; Ifgoiano oferece 1.300 vagas gratuitas em 21 cursos de formação profissional à distância
18.06.2020	Como voltar às aulas presenciais é discussão realizada em todo o mundo; Depois de mais de um ano, foi preso na manhã desta quinta-feira o ex-assessor e ex-motorista do senador Flávio Bolsonaro, Fabrício Queiroz
19.06.2020	Goiânia tem quase todos os leitos de UTI para Covid-19 lotados; Chega a 100 mortes provocadas pela doença; Prefeitura anuncia novas reaberturas para o comércio; Estudo que reúne pesquisadores de várias instituições brasileiras analisou o mau exemplo de Goiás na flexibilização precoce do isolamento social
22.05.2020	Justiça suspende decreto que reabria comércio em <i>shoppings</i> de Goiânia nesta segunda; Em tempos de pandemia, professores da UFG promovem ciclo de palestras para pensar a cidade e seus indivíduos
23.06.2020	Camelódromos e <i>shoppings</i> começam a reabrir em Goiânia; Pagamento do segundo lote do Imposto de Renda já pode ser consultado; Prazo para entrega da declaração termina na próxima terça-feira; Em tempos de Covid-19, asmáticos precisam manter doença sob controle, alerta médica do Hospital das Clínicas da UFG
24.06.2020	UFG cria plano emergencial de conectividade para estudantes de baixa renda; Crescimento acelerado de novos casos de Covid-19 preocupa gestores e pesquisadores em Goiás; No mês dedicado às festas juninas, a dica é manter a fogueira acesa nos corações
25.06.2020	Conselho de Educação de Goiás deve apresentar no dia 30 de junho plano para retorno das aulas presenciais em escolas públicas e privadas do estado; Senado aprova novo marco legal para o saneamento básico no Brasil; Pesquisadores alertam que precariedade do saneamento básico no País facilita proliferação da Covid-19
26.04.2020	Para 44% dos entrevistados na pesquisa Datafolha, governo de Bolsonaro é ruim ou péssimo, e 64% acreditam que o presidente sabia onde estava Queiroz; Para entidades da educação, novo Ministro da Educação tem viés economicista e militar
29.06.2020	Governador de Goiás se reúne com prefeitos e fala em fechamento do comércio por 14 dias; Justiça nega pedido da Defensoria Pública de Goiás

	para a suspensão dos três últimos decretos municipais sobre flexibilização do comércio em Goiânia
30.06.2020	Decreto que prevê fechamento de atividades não essenciais pelos próximos 14 dias em Goiás já está valendo; Lei que prevê 3 bilhões de reais para o setor cultural é publicada pelo governo federal
01.07.2020	Goiânia segue decreto estadual e determina fechamento de todas as atividades essenciais por 14 dias; Instituto Federal de Goiás começa produção de mais de 120 mil máscaras de tecido para doação em 12 municípios goianos; Entregadores de aplicativos paralisam hoje em todo o Brasil
02.07.2020	Escola de Música e Artes Cênica da UFG disponibiliza conteúdos sobre música e artes em tempos de isolamento social; Eficácia dos testes rápidos é questionada em pesquisa realizada no Canadá
03.07.2020	Nova decisão da Justiça determina que o comércio não essencial continue fechado em Goiânia; A UFG se prepara para oferecer mais atividades remotas a seus estudantes de graduação, com ações como empréstimo de equipamento e ajuda financeira para internet
06.07.2020	UFG retoma primeiro semestre letivo de 2020 no dia 31 de agosto, com aulas remotas; Inscrições ao SISU de meio de ano começam amanhã; Em Goiás, somente o IF Goiano de Rio Verde oferece vagas
09.07.2020	Supremo Tribunal Federal determina que o governo tome providências contra a pandemia da Covid-19 entre a população indígena; Facebook remove redes de perfis, páginas e grupos ligados a partidários do Presidente da República acusados de espalhar notícias falsas
07.07.2020	Procuradores da República pedem o afastamento de Ricardo Salles do cargo de Ministro do Meio Ambiente; Isolamento social em Goiás não cresce o esperado após novo decreto do governo estadual; Presidente Jair Bolsonaro apresenta sintomas da Covid-19; Resultado do teste deve ser divulgado até o final da manhã de hoje
08.07.2020	Conselho Nacional de Educação recomenda que escolas públicas e privadas não reprovem estudantes em 2020; prefeito de Goiânia apresenta hoje à tarde, ao governador de Goiás, proposta de reabertura de comércio na capital
10.07.2020	A pandemia do novo coronavírus deve aumentar em 82% o número de pessoas com fome em todo o planeta; Goiás está entre os nove estados brasileiros que ainda apresentam tendência no crescimento de mortes pela Covid-19
13.07.2020	Prefeitura de Goiânia divulga novo decreto sobre o funcionamento do comércio de Goiânia: bares, restaurantes e academias reabrem a partir de amanhã; Vapt Vupt volta a atender amanhã em Goiânia e nas cidades do interior do Estado
14.07.2020	Aumento de casos da Covid-19 faz alguns bares de Goiânia seguirem fechados, apesar de liberação pela prefeitura e pelo governo estadual; Clássicos da literatura brasileira vão fazer parte de cestas de alimentos e produtos de higiene distribuídos a famílias carentes; Divulgada a lista de aprovados no sisu de meio de ano
15.07.2020	Ministério Público pede informações ao prefeito de Goiânia sobre o embasamento técnico-científico para liberação do comércio na capital; No dia do homem, alerta é de que eles são mais vulneráveis ao novo coronavírus.
16.07.2020	Academias e restaurantes voltam a funcionar em Aparecida de Goiânia; Professor da USP diz que retorno de aulas presenciais em agosto fará aumentar mortes de crianças pela Covid-19

17.07.2020	OMS registra 163 vacinas experimentais contra a Covid-19 sendo desenvolvidas no mundo, 23 delas já são testadas em humanos; Governador de Goiás alerta que estado chegou ao limite para entregar de novos leitos de uti para Covid-19
20.07.2020	Ministério Público do Trabalho repassará mais de um milhão de reais para que professora da UFG prossiga com pesquisa sobre teste mais barato e rápido que diagnostica Covid-19; Possibilidade de reinfeção pelo novo coronavírus começa a ser pesquisada no Brasil e em outros países
21.07.2020	Termina hoje prazo para aprovados no Sisu de meio de ano fazerem matrícula; Inscrição na lista de espera também termina nesta terça
23.07.2020	Escolas de Goiás não retomam mais aulas presenciais em agosto; Pesquisa nacional quer saber as condições de vida e de trabalho de profissionais de saúde que atuam na pandemia da Covid-19
24.07.2020	Anvisa determina que compra de ivermectina só poderá ser feita com receita médica em duas vias, sendo que uma das vias ficará retida na farmácia; Novo Hospital das Clínicas da UFG começa a receber pacientes com Covid-19 no início de agosto
27.07.2020	Hoje é o Dia Mundial de Conscientização e Combate ao Câncer de Cabeça e Pescoço, sétima causa de morte no mundo em 2018; Abasco e Conselho Nacional de Saúde entregam Plano Nacional de Enfrentamento à Pandemia de Covid-19 ao Ministério da Saúde; Goiás conta com 49 mil casos recuperados e 59 mil confirmados de Covid-19; A taxa de letalidade no estado é de 2,48%
28.07.2020	73 bairros da grande Goiânia podem ficar sem água nesta terça-feira, devido à obra de interligação de uma nova estação de bombeamento de água; CEF amplia para 180 dias a pausa nas prestações dos créditos habitacionais do programa Minha Casa Minha Vida; No dia mundial de luta contra as hepatites virais, especialistas alertam para a prevenção, diagnóstico precoce e tratamento
29.07.2020	Goiás chega a 1500 mortes por Covid-19 e 61,5 mil infectados; USP reserva metade das vagas de graduação a candidatos oriundos de escolas públicas; Professora da UFG que integra equipe de vacinas da OMS diz que vacina contra Covid-19 pode sair até maio
30.07.2020	EUA e Rússia preveem vacinas até o final do ano, mas a imunização em massa é outro desafio. Especialista alerta sobre o assunto; Termina amanhã, 31 de julho, o prazo de inscrições para o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) do segundo semestre de 2020; Saúde mental e os desafios do ensino remoto é o tema da live que ocorrerá hoje, às 18h, no canal oficial da UFG no <i>Youtube</i>
31.07.2020	Goiás não tem mais nenhuma cidade totalmente livre do coronavírus e 60 municípios têm mais de 800 casos confirmados por 100 mil habitantes; Tendinha da UFG testa crianças e adolescentes parentes de trabalhadores da segurança pública ou da saúde; Embaixadora do prêmio Mulheres do Agro 2020, jovem produtora de Mineiros mantém a Rede União das Mulheres do Agro
03.08.2020	No Universitária Informa de hoje você confere as principais notícias do dia, na UFG, em Goiás e no Brasil
04.08.2020	Não tem descrição
05.08.2020	Campanha de inclusão digital da UFG pretende arrecadar 5 mil computadores e <i>tablets</i> para os alunos carentes até a retomada do calendário

	acadêmico, dia 31, doações também podem ser em dinheiro; Abrasco apresenta Plano Nacional de Enfrentamento à Pandemia de Covid-19 à comissão externa da Câmara dos Deputados; IFG abre consulta pública servidores e estudantes sobre a sua política de internacionalização
06.08.2020	MEC libera lista de pré-selecionados para o Fies e os da segunda chamada do Prouni; Sai o cronograma de escalonamento da 1ª chamada pública do SISU/UFG 2020 regional Goiânia; Campanha de doação de computadores da UFG terá Dia D no sábado, 9, com <i>drive thru</i> na Escola de Engenharia
07.08.2020	UFG promove transmissão ao vivo hoje discutindo os desafios da paternidade em tempos de pandemia; Volta às aulas presenciais é discutida pela ciência, governos, trabalhadores e pais, mas, no Brasil, acaba virando disputa na justiça
10.08.2020	Novo HC/UFG abre amanhã novos leitos para pacientes com Covid-19; Experiência adquirida durante o enfrentamento à pandemia da Covid-19 já ajuda a salvar vidas
11.08.2020	Com 30 leitos de UTI e 30 de enfermaria, novo Hospital das Clínicas da UFG começa a receber pacientes com Covid-19 a partir de hoje; Conselho de Educação de Goiás autoriza ensino remoto até dezembro
12.08.2020	Goiânia promove testagem em massa para o novo coronavírus nas regiões leste e noroeste; Reitor da UFG e presidente da Andifes falará à imprensa sobre como corte orçamentário para 2021 e restrição em concursos públicos inviabiliza universidades federais
13.08.2020	Sistema de saúde brasileiro sofre com baixo estoque de medicamentos para intubação de pacientes graves com Covid-19; Além do novo coronavírus, mosquito transmissor da dengue também faz muitas vítimas pelo Brasil
14.08.2020	Saúde de Goiás investiga possibilidade de reinfecção pelo novo coronavírus em seis pessoas; Levantamento de professor da UFG mostra demora no registro de mortes por Covid-19; Em Goiás: menos de 25% dos óbitos são registrados em 24 horas e mais de 15% levam mais de 15 dias para integrar os registros oficiais
17.08.2020	UFG promove curso para formação de professores com alunos surdos; Percentual de pessoas que não pretende se vacinar contra a novo coronavírus preocupa OMS; No Brasil, 9% da população diz que não se imunizará
18.08.2020	INSS fará prova de vida por biometria facial, projeto piloto com 500 mil aposentados e pensionistas começa no dia 20 de agosto; Quase 80% dos brasileiros acreditam que reabertura de escolas agravará pandemia da Covid-19; Quatro meninas com idade até 13 anos são estupradas por hora no Brasil

Fonte: elaborado pela autora (2022).

Apêndice D – Temas abordados pelo FM Café

04.05.2020	1 Ações de enfrentamento ao coronavírus.
12.05.2020	2 Comitê de monitoramento do coronavírus- os gestores da FURG falam sobre a última Portaria publicada pela Universidade e as definições do Comitê de Monitoramento do Coronavírus
19.05.2020	3 FURG no Comitê Científico da Covid-19 no RS
26.05.2020	4 HU/FURG e ações de enfrentamento à Covid-19
02.06.2020	5 Planejamento das atividades acadêmicas de graduação e pós-graduação na FURG, com os pró-reitores de Graduação prof. Renato Duro Dias e de Pesquisa e Pós-Graduação prof. Eduardo Secchi
09.06.2020	6 O Hospital Universitário inaugura o Laboratório de Apoio Diagnóstico em Infectologia que, além de outros exames, tem papel fundamental no diagnóstico de Covid-19 para Rio Grande e região, como apoio ao Lacen/RS
16.06.2020	7 iTecCorona e ações do C3- O iTecCorona, frente tecnológica da FURG no combate à pandemia, e as ações desenvolvidas pelo Centro de Ciências Computacionais (C3) são destaque neste FMCafé
18.06.2020	8 Para proteção contra a Covid-19, ações voluntárias envolvem unidades como o Instituto de Educação (IE), o Instituto de Letras e Artes (ILA), o campus de São Lourenço do Sul e Faculdade de Direito (Fadir) na produção de máscaras de tecido para doação
23.06.2020	9 Atualização das ações da FURG durante a pandemia
25.06.2020	10 A Escola de Engenharia apresenta os projetos no combate à pandemia, entre eles, a produção de máscaras faceshield, a manutenção de camas hospitalares elétricas e o desenvolvimento de caixas de proteção para intubação de pacientes e de um sistema de ventilação que simula a respiração espontânea
30.06.2020	11 Ações voltadas aos estudantes durante a pandemia
02.07.2020	12 2º Encontro de Tradução do ILA A FURG realiza a segunda edição do Encontro de Tradução do Instituto de Letras e Artes (ILA), o Encontro 2020, e o FMCafé recebe a equipe da organização do evento, para falar sobre as atrações e desafios da edição em formato remoto
07.07.2020	13 FM Café Comissão de Proteção e Cuidado A reitora Cleuza Dias e o pró-reitor de Infraestrutura Marcos Amarante trazem informações sobre o trabalho da Comissão de Proteção e Cuidado, que orienta as medidas adotadas pela universidade na realização das atividades essenciais
09.07.2020	14 Modelo Papareira de Distanciamento Social
14.07.2020	15 Ações de inovação e oportunidades para empreender- O programa aborda a as ações de inovação e oportunidades para empreender durante a pandemia
16.07.2020	16 Ações da Escola de Química e Alimentos- A Escola de Química e Alimentos (EQA) apresenta as ações desenvolvidas no combate ao coronavírus
21.07.2020	17 FM Café Resultados dos questionários sobre o impacto da pandemia
23.07.2020	18 FM Café Editais de cultura e extensão- O secretário de Cultura Ricardo Freitas e o pró-reitor de Extensão e Cultura da FURG Daniel Prado falam sobre as oportunidades de fomento para artistas e extensionistas, no âmbito

	nacional e da universidade, como a lei Aldir Blanc e editais de extensão na FURG
28.07.2020	19 FM Café Situação da Covid-19 em Rio Grande
30.07.2020	20 Ações do Instituto de Ciências Humanas e da Informação- O Instituto de Ciências Humanas e da Informação (ICHI) da FURG apresenta suas ações no combate à pandemia.
04.08.2020	21 Calendário Emergencial 2020-2021, aprovado pelo Conselho de Ensino, Pesquisa, Extensão e Administração (Coepea)
06.08.2020	22 Ações na comunidade pesqueira - As ações na comunidade pesqueira durante a pandemia são pauta
11.08.2020	23 FM Café 19ª Mostra da Produção Universitária - A 19ª MPU da FURG, pela primeira vez, tem formato totalmente online e para apresentar essa novidade o programa recebe a comissão organizadora
13.08.2020	24 A Escola de Enfermagem da FURG apresenta as ações realizadas no combate à pandemia e os desafios do período para professores, estudantes e profissionais da área da saúde
18.08.2020	25 Ações culturais 51 anos da FURG

Fonte: elaborado pela autora (2022).

Apêndice E – Lista de temas abordados pelo *UNIFAP no ar***22.05.2020**

Nota da Sociedade Brasileira de Farmacognosia; edital da Capes; e o Você Sabia aborda o dia da Biodiversidade.

25.05.2020

Hospital Universitário recebe tanques de oxigênio e nitrogênio para instalação do Centro Covid-19; inscrições abertas para Cursos Livres EAD; edital do Mestrado em Biodiversidade; dicas de imunidade; e a homenagem póstuma aos alunos.

26.05.2020

4º rodada de *web*conferencias; a visita do Ministério Público Estadual ao Hospital Universitário; a atualização do quadro de Auxílio emergencial da PROEAC; e o Turbine sua Imunidade com dicas de alimentos ricos em vitaminas.

27.05.2020

Encerramento das inscrições para o Enem; os descontos para os servidores da UNIFAP em exames e testes para Covid-19 pelo club de vantagens; a repercussão internacional do repositório institucional da biblioteca central e a homenagem póstuma ao ex-aluno da UNIFAP.

28.05.2020

O '*UNIFAP NO AR*' desta quinta-feira destaca: estudantes da UNIFAP aguardam repatriação ao Brasil; PET Indígena registra relatos de aldeias acometidas pela Covid-19; quadro 'Turbine sua Imunidade' traz a dica do dia; e o Vidas Salvas traz dados de pessoas recuperadas do Novo Coronavírus.

01.06.2020

Cursos livres de aperfeiçoamento; DCE e Amapá Solidário; e a volta do Turbine sua Imunidade com dicas de alimentos.

02.06.2020

A repatriação das alunas em mobilidade internacional na Colômbia; o projeto 'Físicos da Alegria' e o Turbine sua Alimentação com dicas de alimentos.

03.06.2020

Curso de Engenharia Elétrica da UNIFAP é parceiro em projeto de energia solar em comunidades ribeirinhas; Ministério da Saúde lança o TELEPSI - Apoio Psicológico aos profissionais da saúde; e o Turbine sua Imunidade traz os riscos da obesidade para pacientes com a COVID-19.

04.06.2020

O projeto Fisio Em Casa lança último episódio da temporada; Ministério da Educação e Cultura amplia ofertas de vagas do SISU para a modalidade de Ensino a Distância; e o Turbine sua Imunidade traz dicas de alimentos saudáveis.

05.06.2020

A Live sobre 'Arquitetura e Saúde' do projeto de Assistência Técnica em Arquitetura e Urbanismo', o ATAU; O projeto 'Herpetogirls Store' das alunas de Ciências Biológicas da UNIFAP, e a campanha da Assessoria Especial da Reitoria, 'Heróis da COVID-19'.

08.06.2020

Departamento de Filosofia e Ciências Humanas informa sobre termo de estágio não obrigatório; Instagram da UNIFAP alcança 10 mil seguidores; e a Homenagem Póstuma ao Professor aposentado Guilherme Jarbas Santana.

09.06.2020

Curso EAD da UNIFAP recebem nota 4 do MEC; Novo prazo para o pagamento do Enem; E a volta do Turbine sua Imunidade.

10.06.2020

Pesquisa sobre o impacto da Ppandemia em pacientes com Lúpus Eritematoso Sistemático; o resultado do Projeto Dizeres da Quarentena; e a Campanha indique um livro.

15.06.020

Live do CEPRES sobre Religião e Políticas Públicas; e a Campanha Junho Vermelho para doação de sangue.

16.06.2020

Webinar internacional celebrará o Dia do Químico; O primeiro congresso virtual da Andifes; E a volta do Turbine sua Imunidade.

17.06.2020

As inscrições para o curso básico de LIBRAS em EAD; O Plano de retorno gradual das atividades acadêmicas apresentado pela PROGRAD; E a dica de leitura do livro 'Memórias do Subsolo'.

18.06.2020

A Portaria n°544 do MEC; o evento 'Pandemia e Universidades em diálogo Internacional'; e a Ação 'Heróis da COVID-19'.

19.06.2020

PROEAC atualiza quadro do auxílio emergencial para estudantes em vulnerabilidade; inscrições abertas para Bolsas de Iniciação Científica PIBIC e PROBIC; e a Dica de Leitura do dia.

22.06.2020

Prorrogação dos prazos de execução de Pesquisas; Live Mulheres na Engenharia Elétrica; e as Entrevistas do Projeto Minerva.

23.06.2020

resultado preliminar do curso de Libras à Distância; consulta sobre ensino remoto no Campus Santana da UNIFAP; e a dica de limpeza do dia.

24.06.2020

Série Açaí e política; Ministério da educação revoga Portaria 545; E a dica do dia com o projeto, PET-FÍSICA.

25.06.2020

A Cartilha com orientações para saúde mental da FIOCRUZ; A Campanha 'Junho Vermelho'; e a ação 'Heróis da Covid-19

26.06.2020

Pesquisa sobre o processo inflamatório da Covid-19; saúde da família no SUS; e o Hotsite da UNIFAP sobre o coronavírus.

29.06.2020

Grupo de pesquisa da Unifap promove roda de conversa sobre o racismo; Revista abre chamada para artigos; Dica do Dia com o vídeo " Ações da Unifap no combate ao coronavírus.

30.06.2020

Esclarecimento sobre o plano de retorno gradual das atividades acadêmicas; pesquisa sobre a saúde do homem; e a dica sobre uso da máscara de proteção facial.

03.08.2020

Parceria entre DFCH da UNIFAP e parlamentares do estado; Quadro de beneficiários do auxílio emergencial da UNIFAP; dica de leitura, com o livro 'Auto da Compadecida'.

04.08.2020

Revista científica recebe trabalhos sobre a Covid-19; Campus Santana recebe doação de livros da Unesp; Agosto Lilás.

05.08.2020

Comissão de EPI recebe doação de equipamentos; PROGRAD lança dois editais de seleção para bolsa PIBID/CAPES; Campanha Agosto Lilás.

06.08.2020

Chamada Pública de Envio de Artigos para Revista Arquivo Científico; livro sobre ensino emergencial pelo rádio; e a Lei nº 11. 340 de agosto de 2006.

07.08.2020

UNIFAP faz parceria com Microsoft; Biblioteca central da Unifap recebe Tcc por meio digital; E o Agosto Lilás.

10.08.2020

Outorga de grau virtual; Formatura do "Libras para a comunidade"; Parceria entre HU-UNIFAP e GEA completa três meses; e o quadro "Indique um livro".

11.08.2020

UNIFAP recebe painéis solares; Projeto 'Fisio em casa' estreia segunda temporada; Dia do estudante

12.08.2020

ANDIFES se manifesta sobre cortes orçamentários nas Universidades Federais; Projeto de extensão da UNIFAP elabora plano de políticas públicas para LGBTs; quadro "Turbine sua Imunidade" retorna com dicas de alimentação saudável.

13.08.2020

Embrapa Amapá comemora 39 anos no estado; CARIAP e CEPRES organizam live ; e a Dica de leitura.

14.08.2020

Outorga Virtual Formandos UNIFAP; Lançamento Editora da UNIFAP; Homenagem Póstuma ao ex- prefeito de Tartarugalzinho

18.08.2020

Processo Seletivo Monitor 'Jovem Bilíngue'; Chamada Pública de Projetos; Campanha 'Indique um livro'.

Fonte: elaborado pela autora (2022).

Apêndice F – Temas abordados *pelo Outra estação***19.03.2020**

Como a China reduziu o número de casos de coronavírus?

26.03.2020

O SUS e o novo coronavírus

02.04.2020

.Coronavírus: uma luta desigual

16.04.2020

A educação nos tempos do coronavírus

23.04.2020

O mundo dos vírus

30.04.2020

Como trabalha a ciência?- Episódio explica como funcionam pesquisas científicas, vacinas, medicamentos, e o que a ciência brasileira está fazendo contra o coronavírus

07.05.2020

O coronavírus e os imigrantes

14.05.2020

Como a Covid-19 afeta populações tradicionais?

21.05.2020

Os embates políticos e contenção ao coronavírus pelo Brasil

28.05.2020

Pandemia compromete saúde mental das mães

04.06.2020

O que é renda básica? E qual o futuro do auxílio emergencial?- Este episódio do "Outra estação" explica o que é a renda básica, as características, os exemplos e os impactos desse tipo de política. O programa também discute o futuro do auxílio emergencial e o que pode significar a prorrogação ou não do benefício para a população e para a economia do Brasil.

11.06.2020

Relatos de quem não pode parar na pandemia do coronavírus

18.06.2020

O coronavírus avança pelo interior de Minas

25.06.2020

Coronavírus pode levar ao fechamento de pequenos negócios

02.07.2020

O combate ao coronavírus nas penitenciárias do Brasil

09.07.2020

Projeto de lei das fake news ameaça privacidade e liberdade de expressão

16.07.2020

O sono e os sonhos na pandemia

23.07.2020

Degradação ambiental favorece surgimento de pandemias

30.07.2020

Coronavírus expõe problemas das metrópoles

06.08.2020

Como nosso corpo se defende? E qual o papel das vacinas nessa defesa? Em meio à pandemia do coronavírus, o programa desta semana explica como funciona nosso sistema imunológico e esclarece termos como anticorpos, linfócitos e memória imunológica. Também discute o papel das vacinas na ativação das defesas do corpo humano e a utilização de estratégias como a "imunidade de rebanho" para se atingir a imunização contra a Covid-19.

13.08.2020

O presente e o futuro do home office

Fonte: elaborado pela autora (2022).

Apêndice G – Temas abordados pelo *Fora da curva***20.03.2020**

Especial Coronavírus 1- Como fica o trabalho no Brasil?

27.03.2020

Especial Coronavírus 2-Relatos d'além do mar- fuge do tom mais distanciado do jornalismo tradicional pra contar a história de amigas de uma vida inteira - que se uniram pela primeira vez em 1994, no primeiro período do curso de Jornalismo da UFPE - e agora, 26 anos depois, mesmo espalhadas em lugares diferentes do mundo, continuam se comunicando diariamente, trazendo informações sobre o avanço do coronavírus em suas cidades, também impressões, angústias e, especialmente, mantendo o contato que só a Internet poderia fornecer em tempos de pandemia e isolamento social.

03.04.2020

Especial Coronavírus 3-Os desafios do isolamento social

10.04.2020

Especial Coronavírus 4-O vírus nas comunidades tradicionais brasileira

17.04.2020

Especial Coronavírus 5- A luta das populações mais vulneráveis

27.04.2020

Especial Coronavírus 6-A educação durante (e após) a pandemia

02.05.2020

Especial Coronavírus 7- As trincheiras da pandemia- escutamos os depoimentos de quem está enfrentando o novo coronavírus muito de perto. Profissionais de saúde e pacientes que já se recuperaram do vírus participaram da conversa.

15.05.2020

Especial Coronavírus 8- Não são números: histórias da pandemia

25.05.2020

Especial Coronavírus 9- Entrevista com Pablo Capilé (Mídia Ninja)

31.05.2020

Especial Coronavírus 10: Qual será o nosso futuro?

10.06.2020

Especial Coronavírus 11: Quem governa o Brasil? Parte 1

19.06.2020

Especial Coronavírus 12: Quem governa o Brasil? Parte 2

23.06.2020

Especial Coronavírus 13: Como combater a violência sexual infantil na pandemia?

29.06.2020

Especial Coronavírus 14 - A mídia e a pandemia

03.07.2020

Especial Coronavírus 15: Relatos d'Além Mar (parte 2)

18.07.2020

Especial Coronavírus 16: O que será o amanhã?

25.07.2020

Especial Coronavírus 17: Desafios da educação

01.08.2020

Especial Coronavírus 18: A educação durante e após a pandemia

11.08.2020

Especial Coronavírus 19: Mulheres negras e eleições

18.08.2020

Especial Coronavírus 20: O impacto da Covid nas comunidades tradicionais brasileiras

Fonte: elaborado pela autora (2022).

ANEXOS

Anexo A – Lista das Universidades Federais do Brasil, por região (2020)

Região Nordeste			
Região	Unidade Federativa	Nome	Sigla
Nordeste	Alagoas	Universidade Federal de Alagoas	UFAL
Nordeste	Bahia	Universidade Federal da Bahia	UFBA
Nordeste	Bahia	Universidade Federal do Sul da Bahia	UFSB
Nordeste	Bahia	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia	UFRB
Nordeste	Bahia	Universidade Federal do Oeste da Bahia	UFOB
Nordeste	Ceará	Universidade Federal da Lusofonia Afro-Brasileira	UNILAB
Nordeste	Ceará	Universidade Federal do Cariri	UFCA
Nordeste	Ceará	Universidade Federal do Ceará	UFC
Nordeste	Maranhão	Universidade Federal do Maranhão	UFMA
Nordeste	Paraíba	Universidade Federal da Paraíba	UFPB
Nordeste	Paraíba	Universidade Federal de Campina Grande	UFCG
Nordeste	Pernambuco	Universidade Federal de Pernambuco	UFPE
Nordeste	Pernambuco	Universidade Federal do Vale do São Francisco	UNIVASF
Nordeste	Pernambuco	Universidade Federal Rural de Pernambuco	UFRPE
Nordeste	Pernambuco	Universidade Federal do Agreste de Pernambuco	UFAPE
Nordeste	Piauí	Universidade Federal do Delta do Parnaíba	UFDPAr
Nordeste	Piauí	Universidade Federal do Piauí	UFPI
Nordeste	Rio Grande do Norte	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	UFRN
Nordeste	Rio Grande do Norte	Universidade Federal Rural do Semi-Árido	UFERSA
Nordeste	Sergipe	Universidade Federal de Sergipe	UFS

Região Norte			
Região	Unidade Federativa	Nome	Sigla
Norte	Acre	Universidade Federal do Acre	UFAC
Norte	Amapá	Universidade Federal do Amapá	UNIFAP
Norte	Amazonas	Universidade Federal do Amazonas	UFAM
Norte	Pará	Universidade Federal do Oeste do Pará	UFOPA
Norte	Pará	Universidade Federal do Pará	UFPA
Norte	Pará	Universidade Federal Rural da Amazônia	UFRA
Norte	Pará	Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará	UNIFESSPA
Norte	Rondônia	Universidade Federal de Rondônia	UNIR
Norte	Roraima	Universidade Federal de Roraima	UFRR
Norte	Tocantins	Universidade Federal do Tocantins	UFT
Norte	Tocantins	Universidade Federal do Norte do Tocantins	UFNT

Região Sudeste			
Região	Unidade Federativa	Nome	Sigla
Sudeste	Espírito Santo	Universidade Federal do Espírito Santo	UFES
Sudeste	Minas Gerais	Universidade Federal de Alfenas	UNIFAL-MG
Sudeste	Minas Gerais	Universidade Federal de Itajubá	UNIFEI
Sudeste	Minas Gerais	Universidade Federal de Juiz de Fora	UFJF
Sudeste	Minas Gerais	Universidade Federal de Lavras	UFLA
Sudeste	Minas Gerais	Universidade Federal de Minas Gerais	UFMG
Sudeste	Minas Gerais	Universidade Federal de Ouro Preto	UFOP
Sudeste	Minas Gerais	Universidade Federal de São João del-Rei	UFSJ
Sudeste	Minas Gerais	Universidade Federal de Uberlândia	UFU
Sudeste	Minas Gerais	Universidade Federal de Viçosa	UFV
Sudeste	Minas Gerais	Universidade Federal do Triângulo Mineiro	UFTM
Sudeste	Minas Gerais	Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri	UFVJM

Sudeste	São Paulo	Universidade Federal de São Carlos	UFSCar
Sudeste	São Paulo	Universidade Federal de São Paulo	UNIFESP
Sudeste	São Paulo	Universidade Federal do ABC	UFABC
Sudeste	Rio de Janeiro	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	UNIRIO
Sudeste	Rio de Janeiro	Universidade Federal do Rio de Janeiro	UFRJ
Sudeste	Rio de Janeiro	Universidade Federal Fluminense	UFF

Região Sul

Região	Unidade federativa	Nome	Sigla
Sul	Paraná	Universidade Tecnológica Federal do Paraná	UTFPR
Sul	Paraná	Universidade Federal da Integração Latino-Americana	UNILA
Sul	Paraná	Universidade Federal do Paraná	UFPR
Sul	Rio Grande do Sul	Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre	UFCSPA
Sul	Rio Grande do Sul	Universidade Federal de Pelotas	UFPeL
Sul	Rio Grande do Sul	Universidade Federal de Santa Maria	UFSM
Sul	Rio Grande do Sul	Universidade Federal do Pampa	UNIPAMPA
Sul	Rio Grande do Sul	Universidade Federal do Rio Grande	FURG
Sul	Rio Grande do Sul	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	UFRGS
Sul	Santa Catarina	Universidade Federal da Fronteira Sul	UFFS
Sul	Santa Catarina	Universidade Federal de Santa Catarina	UFSC

Fonte: PEBSP.COM (201?)